

CAROLINE PETIAN PIMENTA BONO ROSA

C&T NO MEIO RURAL:

A divulgação de Ciência e Tecnologia no programa televisivo
Caminhos da Roça

Universidade Metodista de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
São Bernardo do Campo – SP, 2008

CAROLINE PETIAN PIMENTA BONO ROSA

C&T NO MEIO RURAL:

A divulgação de Ciência e Tecnologia no programa televisivo
Caminhos da Roça

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do grau de Mestre.
Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Moraes Gonçalves.

Universidade Metodista de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
São Bernardo do Campo - SP, 2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

A dissertação de mestrado sob o título "C&T NO MEIO RURAL: A Divulgação de Ciência e Tecnologia no programa televisivo Caminhos da Roça", elaborada por Caroline Petian Pimenta Bono Rosa, foi defendida e aprovada em 31 de março de 2008, perante a banca examinadora composta por: Prof^a. Dra. Elizabeth Moraes Gonçalves, Prof. Dr. Wilson da Costa Bueno e Prof^a. Dra Simone Terezinha Bortoliero.

Assinatura da orientadora: _____

Nome da orientadora: Elizabeth Moraes Gonçalves

São Bernardo do Campo, _____ de _____ de 2008.

Visto do Coordenador do Programa de Pós-Graduação: _____

Área de Concentração: Processos Comunicacionais

Linha de Pesquisa: Comunicação Especializada

Dedico todo o esforço contido neste trabalho
a minha Mãe.

Depois que conhece uma nova idéia, a mente do homem
nunca pode voltar às suas dimensões originais.

Oliver Wendell Holmes Jr.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter dado saúde a mim e a meus familiares durante os meus estudos.

Ao CNPq e à UMESP pela bolsa de estudos, sem a qual eu não teria tido tantas oportunidades, entre elas a de viajar a outros países para levar meu nome e o da Metodista a Congressos.

À EPTV Ribeirão, em especial ao Dimas Augusto e à Mônica do Centro de Documentação da emissora que me ajudaram todas as vezes que foram necessárias com gravações de programas, informações e empréstimo de livro.

À minha inigualável mãe, sempre disposta, atenciosa e confiante.

A meu marido Adriano pela companhia, pelo apoio e pela produção do DVD final.

À querida professora e orientadora Elizabeth Gonçalves, que iluminou minhas idéias quando elas estavam na escuridão.

Aos componentes da banca pela atenção e disponibilidade.

Aos amigos do mestrado, pela amizade, pela boa convivência e pelas horas de diversão e companheirismo.

Ao amigo Denis, pelas conversas, pela confiança e pelas oportunidades.

A meus avós, tios, tias e primas, por fazerem parte da minha caminhada.

A todos aqueles que direta ou indiretamente estiveram em minha vida positivamente durante este período.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – A CIÊNCIA NO TERRITÓRIO DA COMUNICAÇÃO RURAL.....	17
1. O desenvolvimento da Comunicação Rural.....	17
1.2 A linguagem e o científico.....	20
1.3 Tipos e vozes do Discurso.....	23
1.3.1 Científico, Tecnológico e Jornalístico.....	25
CAPÍTULO II – O PERCURSO METODOLÓGICO.....	29
1. Procedimentos Metodológicos.....	31
1.2 Análise Descritiva.....	40
1.2.1 Categorias descritivas.....	40
CAPÍTULO III – CIÊNCIA E TECNOLOGIA CONDUZIDAS PELA TELEVISÃO.....	45
1. O rural, a ciência e o objeto de pesquisa.....	45
1.2 Linguagem televisiva	47
1.2.1 Edição e enquadramentos.....	51
1.3 TV, C&T e o discurso sobre o rural.....	53
1.4 A notícia científica na TV.....	55
1.5 A fonte de informação.....	57
CAPÍTULO IV – CONHECENDO CAMINHOS DA ROÇA: A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA TV REGIONAL.....	59
1. O Global e o Regional.....	59
1.2 A <i>Rede Globo</i>	61
1.3 A <i>EPTV</i> como TV regional em Ribeirão Preto.....	63
1.4 A televisão no meio rural.....	67

1.5 Caminhos da Roça.....	70
1.5.1 Na Internet.....	78
CAPÍTULO V – A METAMORFOSE ENTRE CIÊNCIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	
NA TV.....	80
1º programa: 21 de janeiro de 2006.....	81
2º programa: 25 de fevereiro de 2006.....	88
3º programa: 20 de maio de 2006.....	93
4º programa: 8 de julho de 2006.....	99
5º programa: 7 de outubro de 2006.....	105
6º programa: 25 de novembro de 2006.....	111
1. Resultados obtidos.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS.....	127
ANEXOS.....	136

RESUMO

Esta pesquisa examina o discurso de um programa televisivo regional brasileiro de canal aberto para identificar qual é a linguagem utilizada na abordagem de assuntos de Ciência e Tecnologia. O *corpus* compõe-se de um recorte baseado nas exibições do ano de 2006 do programa televisivo *Caminhos da Roça* - criado e exibido desde 2002 pela *EPTV* Ribeirão (Empresas Pioneiras de Televisão) afiliada da *Rede Globo* em Ribeirão Preto/SP. A proposta foi analisar, em relação ao formato, à linguagem e aos conteúdos as matérias jornalísticas que tratam especificamente de assuntos de ciência e/ou tecnologia voltadas para o agronegócio e que tenham mostrado algum contato entre pesquisador e cidadão do campo. Este trabalho, de natureza qualitativa, empregou a metodologia de Análise de Discurso de linha Francesa (AD) e identificou C&T como um assunto bastante presente no *Caminhos da Roça*. Constatou-se ainda que, embora haja muita divulgação de C&T não há um padrão de aprofundamento desses assuntos e que a abordagem varia de edição para edição, além da ciência ser mostrada em forma de tecnologia que se aplica ao campo. A linguagem empregada pelo *Caminhos da Roça* para o tratamento de assuntos de Ciência e Tecnologia é, predominantemente clara e simplificada e o discurso mais encontrado se define como uma mescla entre o tecnológico, o informativo e o pedagógico.

Palavras chave: comunicação rural, divulgação científica, jornalismo científico, linguagem, discurso.

RESÚMEN

Esta pesquisa examina el discurso de un programa televisivo regional brasileño de canal en abierto para identificar cual es el lenguaje utilizado en el abordaje de asuntos de Ciencia y Tecnología (C&T). El *corpus* se compone de un recorte basado en las exhibiciones del año de 2006 del programa televisivo *Caminhos da Roça* – creado y exhibido desde 2002 por la *EPTV* Ribeirão Preto (Empresas Pioneiras de Televisão) afiliada de la *Rede Globo* en Ribeirão Preto/SP. La propuesta fue analizar, en relación al formato, al lenguaje y a los contenidos las materias periodísticas que tratan específicamente de asuntos de ciencia y/o tecnología dirigidos al agronegocio y que tengan mostrado algún contacto entre pesquisador y campesino. Este trabajo, de naturaleza cualitativa, empleó la metodología de Análisis del Discurso de línea Francesa (AD) y identificó C&T como un asunto bastante presente en el *Caminhos da Roça*. Se constató todavía que, aunque haya mucha divulgación de C&T no hay un padrón de ahondamiento de esos asuntos y que el abordaje varía de edición en edición, además de la ciencia ser mostrada en forma de tecnología que se aplica al campo. El lenguaje empleado por el *Caminhos da Roça* para el tratamiento de asuntos de Ciencia y Tecnología es, predominantemente claro y simplificado y el discurso más encontrado se define como una mezcla entre o tecnológico, el informativo y el pedagógico.

Palabras clave: comunicación rural, divulgación científica, periodismo científico, lenguaje, discurso.

ABSTRACT

This research explores the speech of a Brazilian and regional open TV program in order to identify which language was used to broach issues in Science and Technology. The *corpus* is made of an extract based on the 2006 TV program broadcast *Caminhos da Roça* – created and broadcasted since 2002 by *EPTV* Ribeirão (Empresas Pioneiras de Televisão) a *Rede Globo* affiliate in Ribeirão Preto/SP. The proposal was to analyse what is concerned to the form, language and journalistic's issues and subjects that specifically deal with Science and/or Technology's issues directed to agrobusiness and had also shown any contact between the researcher and the farm citizen. This qualitative nature study has used the methodology of Speech Analysis on the French Line (SA) and has identified S&T as a quite present subject in *Caminhos da Roça*. It has also been testified that though there is much dissemination S&T there is no study pattern of these issues and the approach varies in each episode; besides the fact that science is shown as a way of technology directed to the field. The used language by *Caminhos da Roça* deals with Science and Technology issues and it is mostly clear and simplified, moreover, the most present speech is defined as a mixture of technologic, informative and pedagogic.

Key words: rural communication, scientific publication, scientific journalism, language, speech.

INTRODUÇÃO

Estudar a linguagem é algo fascinante, principalmente quando fazemos isso sob a ótica dos discursos. A palavra, a linguagem e os discursos estão presentes no cotidiano do ser humano e permeiam diariamente o nosso universo. A linguagem é o centro da comunicação humana e o jornalismo é um elemento importante para a configuração do espaço comunicacional – é através do jornalismo que fatos importantes chegam ao conhecimento da sociedade. Nessa percepção, em que os discursos são elementos dessa realidade, um dos caminhos para chegar a uma interpretação dos fatos foi escolher como alicerce desta pesquisa as bases teóricas da Análise do Discurso para podermos interpretar pontos essenciais do(s) discurso(s) do programa escolhido.

Propusemo-nos a estudar a organização e o funcionamento do discurso da divulgação de C&T¹ proferido pelo programa regional *Caminhos da Roça*, exibido pela *EPTV* Ribeirão – afiliada da *Rede Globo* na cidade de Ribeirão Preto e transmitido para 355 municípios do interior de São Paulo, Sul de Minas Gerais e em alguns municípios na região de Presidente Prudente (pela *TV Fronteira*) aos sábados pela manhã, pautado por temas ligados ao ambiente rural. O programa *Caminhos da Roça* foi escolhido para ser objeto desta pesquisa por ser ancorado pelo agronegócio e por divulgar pesquisas científicas e inovações tecnológicas que possam ajudar o cidadão do campo. “O programa fala também sobre as novas tecnologias aplicadas ao campo, às tradições rurais e à prestação de serviços: informações sobre reservas de água no solo, lavouras, dicas de manejo, os valores dos produtos agrícolas e pecuários” (CAMINHOS DA ROÇA, 2006, online²).

Ao escolhermos trabalhar com os discursos e com um programa voltado para assuntos rurais, optamos por fazer uma análise do discurso televisivo sobre a divulgação da ciência e da tecnologia voltada para o meio rural já que, conforme pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT, 2007) realizada com 2.004 pessoas, a TV é o meio de comunicação mais utilizado como principal fonte de informação e as novas tecnologias para a agricultura foram apontadas por 52% dos entrevistados como uma área importante para o país desenvolver nos próximos anos. Ainda segundo essa pesquisa, 58% dos entrevistados estão satisfeitos com a maneira como são noticiadas descobertas científicas e tecnológicas pela TV.

¹ C&T é a sigla que usaremos para abreviar os termos Ciência e Tecnologia.

² Optamos por citar desta forma todos os dados que foram extraídos da Internet e que não apresentaram páginas específicas, independente de serem citações diretas ou indiretas. No entanto, constam nas referências.

Para Ferrés (1998, p. 13), a televisão é o fenômeno social e cultural mais impressionante da história da humanidade, além de ser o maior instrumento de socialização que temos. Nenhum outro meio de comunicação na história havia ocupado tantas horas da vida cotidiana dos cidadãos e nem havia demonstrado um poder de penetração tão grande. E é pela oralidade que ela transmite sua programação e conquista seu espaço. O telespectador não precisa saber ler nem escrever para assisti-la. A inspiração na oralidade propicia à TV comunicar-se com uma vasta camada do público receptor. Mas, para consegui-lo, é preciso uniformizar sua linguagem.

Ao escolher como universo os programas *Caminhos da Roça* de 2006, objetivamos observar qual a linguagem e os tipos de discurso estão presentes em seus conteúdos voltados para C&T. Sabemos que um texto é composto por várias vozes e que, nas reportagens televisivas, diversos discursos se mesclam. Nas matérias sobre C&T destacamos: (i) os discursos de fontes especializadas, como pesquisadores, professores, agrônomos; (ii) o discurso das fontes testemunhais (pessoas que podem atestar um fato por terem experiências empíricas); (iii) o discurso jornalístico de informação e de divulgação; (iv) o discurso tecnológico – de prescrição, além das (v) imagens e dos (vi) recursos não-verbais como os tipos de enquadramento de filmagem, que também fazem parte do discurso na TV.

O fato de falar com diferentes públicos foi um aspecto importante para escolhermos *Caminhos da Roça* como objeto deste estudo. “Falamos ao pequeno, ao médio, ao grande proprietário rural. Falamos e ouvimos o que ele tem a dizer, com um grande objetivo: encontrar novos caminhos para o homem do campo” (CAMINHOS DA ROÇA, 2006, online). Além de atender profissionais do setor, o programa oferece informações para outros públicos, como cientistas, engenheiros ambientais, agrônomos, biólogos e outros profissionais, além de donas de casa, que acompanham a culinária, por exemplo. Ao dizer que “ouvimos o que ele tem a dizer” o programa justifica a presença do quadro *Cartas e Dicas* onde o telespectador (seja ele pesquisador, produtor, dona de casa etc.) pode escrever para tirar dúvidas sobre lavoura, saúde animal, problemas com o solo etc. com profissionais especializados, pedir a reprise de um quadro ou de uma matéria, entre outros.

Para esta pesquisa, em primeiro lugar, selecionamos o conteúdo relacionado à C&T exibido pelo programa e, posteriormente, analisamos como é o tratamento dado a esses assuntos e à linguagem que é usada para informar o público acerca de tais temas. Entre os objetivos principais, verificamos a clareza da informação, a simplicidade e os tipos de abordagem e discurso que são usados para divulgar C&T.

Esta pesquisa adota como referencial teórico-metodológico a Análise do Discurso Francesa (AD) que se apresenta como uma metodologia que visa revelar sentidos e, por isso, nos ajuda a compreender como é a linguagem das reportagens exibidas, levando em consideração que a linguagem não é neutra (BAKHTIN, 1997, p.331). Como a AD considera a linguagem algo não transparente, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. O objetivo é entender como o texto significa. “Uma conversa qualquer traz a história e as determinações sociais (de sua constituição) em sua própria textura. Nem as palavras, nem os sujeitos que as falam são transparentes: eles têm sua materialidade e sua história de constituição” (ORLANDI, 1989, p.18-19).

O interesse por esta pesquisa está interligado por dois aspectos. O primeiro é contribuir com os estudos sobre meios de comunicação de massa do país, em especial os regionais, que é o caso do nosso objeto de estudo, e com isso preencher um pouco da lacuna do jornalismo televisivo voltado para o meio rural. O segundo aspecto é entender de que maneira essa programação regional pautada pelo agronegócio oferece ao seu telespectador ciência e tecnologia.

Para realizarmos uma pesquisa que unisse a regionalização e o estudo de um programa voltado para assuntos do campo, em especial para as novas tecnologias do agronegócio, consideramos oportuno, pelo fato de a cidade de Ribeirão Preto ser a Capital Brasileira do Agronegócio e como o desenvolvimento deste setor é um dos principais propulsores da economia da região, escolher um objeto que estivesse em sintonia com a proposta desta pesquisa e que fosse produzido por uma emissora da cidade ou da região. Além do *Caminhos da Roça*, há outro programa exibido em Ribeirão Preto nos mesmos padrões. É o *Programa Manoel Branco*, que também é exibido aos sábados pela manhã e também conta com notícias, causos, culinária e música caipira. Entretanto a emissora que o transmite (*TV Clube*) tem abrangência em 78 cidades da região, o que confere ao *Caminhos da Roça* um campo muito maior de exibição (355 municípios). Em Ribeirão Preto o agronegócio aparece como importante gerador de pautas sobre assuntos ligados ao campo e, cada vez mais, se mistura nas linhas da ciência e da tecnologia, já que o cidadão do campo está se modernizando e já não é apenas um indivíduo que vive no campo, mas também nas cidades, buscando inovações para suas plantações e criações.

Pesquisa realizada pelo Instituto Gallup/MCT em 1987 sobre o tema “O que o brasileiro pensa da Ciência e da Tecnologia”, revelou, segundo Fabíola de Oliveira (2000, p. 314-315), que 70% da população urbana brasileira têm interesse em Ciência e Tecnologia.

Ademais, a pesquisa do MCT apresentada em 2007 (já citada por nós anteriormente) apontou que o brasileiro se interessa por C&T, assiste à programas que tratam sobre o tema e que 81% das pessoas reconhecem que são capazes de compreendê-las se o conhecimento científico for bem explicado. Outro dado que chama a atenção é o da base *Science Citation Index Expanded* (SCIE) do *Institute for Scientific Information* (ISI), realizado entre os anos de 1998 e 2002, que revelou que 55% do total da produção científica do Estado de São Paulo vêm do interior. Isso indica que, apesar de a capital manter sua larga liderança na produção científica estadual, as cidades do interior paulista vêm aumentando, em termos absolutos, sua produção (FAPESP, 2004, p.18).

Ao longo desta dissertação, objetivamos dar um enfoque qualitativo aos dados, o que nos pareceu mais coerente e adequado aos objetivos da pesquisa. Entretanto, são apresentados também dados quantitativos como tempo das matérias, quantidade de temáticas, entre outros que consideramos pertinentes para complementar, posteriormente, a análise qualitativa.

Para a seleção das matérias foi necessário gravar todos os programas de 2006 e em seguida selecionar todas as matérias, fossem elas notas (simples ou cobertas), entrevistas ou reportagens, que abordassem algum assunto voltado para a ciência e/ou tecnologia. Após essa seleção, dois protocolos de pesquisa (Anexo I e II) com questões como: Qual tipo de ambientação? Pesquisadores participam da matéria? Quem informa o fato gerador da matéria? Qual tipo de linguagem?, entre outras, foram aplicadas em todas as matérias selecionadas e, para podermos filtrar ainda mais nossa amostra adotamos, por fim, o critério de contato entre pesquisador e cidadão do campo. Todas aquelas matérias onde aparece (mesmo que narrado) esse contato foram escolhidas para a análise. Dessa forma, nosso *corpus* é composto por seis matérias que mostraram, mesmo que brevemente, algum contato entre pesquisador e cidadão do campo em um ambiente rural. Nossa amostra foi intencional, pois outro tipo de amostra poderia excluir os programas que fossem mais representativos quanto às questões de pesquisa.

Definimos categorias descritivas para nos auxiliar com a análise da linguagem e dos discursos do programa. Dentre as categorias estão estrutura da matéria (escalada, cabeça, *off*, sonora, passagem, encerramento e nota pé), tipos de gêneros jornalísticos (informativo, opinativo, interpretativo e de entretenimento), predomínio da seqüência discursiva (descritiva, explicativa, argumentativa, narrativa, interpretativa/analítica ou investigativa), origem das fontes (oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhas, especialistas), origem da pesquisa (em que cidade e região ela foi gravada), de onde falam as fontes (laboratório, estúdio, propriedade rural), predomínio de linguagem (clara, simplificada,

confusa ou complexa), tipos de recursos gráficos, como mapas e animações (quando utilizados), planos de filmagem e principais discursos encontrados nas falas do repórter, apresentador e fontes.

Com base nesses pressupostos organizamos esta dissertação da seguinte forma:

No Capítulo primeiro “A CIÊNCIA NO TERRITÓRIO DA COMUNICAÇÃO RURAL” apresentamos a importância da mídia como intermediária do diálogo entre vários interlocutores no meio de C&T. Falamos sobre a Comunicação Rural; sobre os tipos de discurso e, em especial, sobre os discursos científico e tecnológico.

No capítulo segundo “O PERCURSO METODOLÓGICO” apresentamos a metodologia utilizada no trabalho (AD); os procedimentos metodológicos; a definição dos itens de análise e as categorias discursivas.

No Capítulo terceiro, “CIÊNCIA E TECNOLOGIA CONDUZIDAS PELA TELEVISÃO”, fazemos uma introdução sobre o rural, a ciência e o objeto desta pesquisa; abordamos a linguagem televisiva, seus enquadramentos e edições. Falamos ainda sobre a notícia científica; sobre o surgimento do jornalismo científico e sobre as fontes de informação.

No Capítulo quarto, “CONHECENDO CAMINHOS DA ROÇA: A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA TV REGIONAL”, fazemos um breve resgate da história da *Rede Globo* e da *EPTV*; traçamos um panorama do global e do regional; falamos sobre a televisão no meio rural e descrevemos detalhadamente a sequência do *Caminhos da Roça* (como é o programa, quais os quadros e os principais assuntos abordados).

No Capítulo quinto, “A METAMORFOSE ENTRE CIÊNCIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA TV”, apresentamos a análise das seis reportagens que compõem o *corpus* da pesquisa e retomamos os itens de análise com os resultados obtidos.

Finalmente, nas “CONSIDERAÇÕES FINAIS”, são retomados as questões iniciais e os objetivos propostos neste estudo.

CAPÍTULO I

A CIÊNCIA NO TERRITÓRIO DA COMUNICAÇÃO RURAL

1. O desenvolvimento da Comunicação Rural

Até pouco tempo a América Latina era um continente eminentemente agrícola e rural e apesar desse caráter os países latino-americanos faziam esforços para difundir informações em benefício dos agricultores antes da Segunda Guerra Mundial. Segundo Bordenave (1983, p. 18), a primeira comunicação dirigida ao agricultor no Estado de São Paulo data de 13 de setembro de 1899. Naquela data foi promulgada a lei nº 676 que reorganizou o Serviço Agrônômico do Estado e atribuiu à Secretaria da Agricultura a direção e distribuição de publicações oficiais sobre agricultura em geral, bem como a publicação de uma revista chamada *Boletim da Agricultura*. Além dessa publicação, mais tarde passaram a circular diversos folhetos e periódicos dedicados ao tema. Em 1938 o governo brasileiro cria o Serviço de Publicidade Agrícola no Ministério da Agricultura.

O meio rural vem se modificando ao longo dos anos e o desenvolvimento é resultado de uma série de transformações (econômicas, culturais etc.), e que, conseqüentemente, proporcionam à população rural uma elevação do nível de vida. “[...] o desenvolvimento acontece quando se introduzem entre os agricultores novas idéias, de maior eficiência produtiva, de maneira tal que as inovações sejam difundidas e os agricultores efetivamente as adotem” (BORDENAVE, 1983, p. 31). Com esse aumento do nível de vida e a inserção de novidades tecnológicas para as grandes e pequenas propriedades, o cidadão do campo passou a conhecer mais as tecnologias usadas em áreas rurais. A esse método de levar novidades e modernidade dá-se o nome de processo difusionista:

O DIFUSIONISMO é um dos modelos utilizados na comunicação rural. Acredita-se que o desenvolvimento acontece quando são introduzidas entre os agricultores novas idéias, de maior eficiência produtiva, e estas são difundidas e adotadas. Sendo assim, serão imitados por outros agricultores, gerando uma reação em cadeia até chegar aos agricultores retardatários. O objetivo do difusionismo é encurtar o tempo intermediário entre uma inovação pelos centros de pesquisa e sua adoção generalizada pelos agricultores. O modelo coloca ênfase na comunicação, com suas mensagens motivadoras e persuasivas, que promovem uma atitude inovadora geral (DUARTE, 2003, p.20).

O espaço e o crescimento rural devem ser valorizados. Assim, a comunicação torna-se uma forte aliada na promoção da divulgação das novas tecnologias para os agricultores, facilitando a organização da classe e a expansão de suas idéias. Nesse contexto definimos Comunicação Rural, conforme Alberguini (2007, p. 52), como a comunicação através da mídia para públicos leigos de processos e produtos que envolvem as questões científicas ligadas ao campo.

A Comunicação Rural deve se concentrar na divulgação de pesquisas de novas tecnologias que chegam à comunidade para o aproveitamento dos recursos locais, servindo, então, como uma forma da comunidade conhecer-se e direcionar-se competentemente para um trabalho, às vezes coletivo, de desenvolvimento local. Conhecendo novos produtos, tecnologias e pesquisas que se apliquem às plantações e/ou criações, os produtores e trabalhadores rurais podem aprender a lidar melhor com doenças das lavouras, do gado; aprender como produzir mais e com melhor qualidade; treinar melhor seus funcionários; se organizar melhor etc.

A comunicação é parte integrante das sociedades desde a formação dos povos. Com a comunicação entre os cidadãos surge a necessidade de transmitir as notícias que, muito antigamente eram conduzidas até seu destinatário por meio de cavalos e, nem sempre chegava a tempo.

O homem foi aprendendo aos poucos, a guardar suas energias, inventando instrumentos que “falassem” por ele. Comunicar a alegria da vitória, o perigo da invasão, e até uma simples visita aos companheiros distantes, levou-o desde as épocas mais remotas a tentar soluções que lhe permitissem transmitir informações à distância. Por isso, é bem possível que as cenas gravadas pelo homem do paleolítico nas paredes das cavernas da Europa e África tenham sido o meio de que se utilizava para comunicar a seus companheiros que saíra, por exemplo, para caçar e que tomara um determinado caminho. Representando animais, árvores, rios, formavam uma mensagem que permitia localizar o campo de caça. Os recados talhados na rocha tinham, assim, o mesmo sentido que o telegrama de hoje (DUARTE, 2003, p.12).

A notícia sempre foi uma forma de conceber a realidade e com a evolução dos meios de comunicação (assunto que não entraremos em detalhes nesta pesquisa) a população pôde entrar em contato com diferentes realidades que eram distantes das quais vivia. Um exemplo disso é a evolução da comunicação no meio rural. Hoje vemos feiras que divulgam novos produtos e serviços, revistas, jornais e outros meios de comunicação especializados e

profissionais cada vez mais envolvidos com o meio rural buscando levar aperfeiçoamento e soluções ao cidadão do campo.

A Comunicação Rural é o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existente entre os componentes do setor rural e entre o próprio setor rural e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida no campo. No Brasil a Comunicação Rural existe desde 1900 e sua extensão oficial iniciou-se na década de 40. O suporte teórico veio dos Estados Unidos e aliando-se a cartazes, folhetos, cartilhas, audiovisuais, programas de rádio e de vídeos foram introduzidos nos contextos histórico, cultural e político daquela época no Brasil. Os canais pelos quais esses fluxos de informação circulam podem ser de natureza pessoal, como reuniões ou visitas, e também impessoal, como jornal, rádio, revistas e meios audiovisuais.

No meio desse contexto, podemos nos questionar se há ou não diferença entre a comunicação urbana e a rural. Essa questão tem uma resposta dupla. Não há diferença, pois o processo da comunicação humana é universal e, sendo assim, seus princípios são aplicados a qualquer grupo humano. E há diferença, porque os homens e as comunidades rurais pensam e agem de maneira diferente dos habitantes das cidades, comunicando-se por meios próprios, diferentes dos modos urbanos. Um dos problemas enfrentados pelo cidadão do campo é a incomunicação provocada por fatores como o isolamento geográfico; a precariedade dos transportes; o excesso de horas trabalhadas que geram cansaço e o fazem querer descansar muito mais do que sair e visitar vizinhos; o status entre patrões e trabalhadores; o baixo nível de instrução.

Os meios visuais e audiovisuais são particularmente indicados para a comunicação no meio rural, por diversas razões. Uma delas é que a cultura rural é eminentemente oral e outra é o fato de que as imagens atraem e prendem a atenção de maneira poderosa. E ainda, a televisão é um meio que utiliza praticamente todos os demais meios de comunicação em seus programas: cartazes, diapositivos, filmes, lâminas, mapas, videoteipes. A Comunicação Rural pode ajudar na conscientização da população e precisa ser desenvolvida em larga escala.

O impacto da ciência e da tecnologia na sociedade é fato incontestável. Entretanto, por ausência de uma divulgação científica que aproxime a ciência e a tecnologia do cidadão comum e o transforme num agente participante das decisões dos investimentos e dos rumos da C&T, as pessoas vão aos poucos afastando-se do pensamento científico, na medida em que não encontram respostas para suas perguntas (CALDAS, 1998, p. 213).

O jornalista, como profissional comunicador de notícias, deve cumprir seu papel de informar o público a que ele serve. Paulo Santana (apud DUARTE, 2003, p. 54) numa crônica no Jornal Zero Hora comenta que o jornalista, por definição, é o sujeito que entende de tudo. Quando acontece qualquer problema é moda chamar o jornalista. E conta ainda que se o médico não cura a doença de alguém ele telefona para o jornal e pede auxílio de um jornalista. Então o jornalismo acaba sendo uma janela para o mundo, onde o telespectador pode também se comunicar.

Para falar com o telespectador sobre ciência e tecnologia, os meios de comunicação – cada um com sua generalização ou especialidade – têm uma forma específica de abordagem. Há revistas, jornais e programas especializados que se permitem usar termos e jargões mais técnicos; há aqueles que visam atingir vários públicos, que preferem munir-se de uma linguagem menos rebuscada e ter a aceitação desse público; há aqueles ainda que incluem matérias sobre C&T no conteúdo e abordam-na de forma superficial, ou apenas têm a intenção de noticiar, sem se aprofundar. O fato é que sempre se escolhe um tipo de linguagem para a abordagem que será feita. No caso da divulgação de C&T não é diferente. Primeiro deve-se saber para que público aquela informação será dirigida, se aquele público sabe ou não como aquela informação científica pode lhe ser útil. No caso do nosso objeto de estudo, vemos que, ao divulgar C&T, *Caminhos da Roça* procura estar o mais próximo possível da realidade do cidadão do campo. Se for necessário, explica-lhe passo a passo como aquilo pode ser aplicado a sua lavoura, a seu gado, a seu pomar.

1.2 A linguagem e o científico

Para falar de linguagem temos que lembrar que a palavra sempre procede de alguém e se dirige a outro alguém. Ao dirigir a palavra a alguém, constituímos um ato de reconhecimento e fazemos isso por sinais, por elementos fonográficos, por um conjunto de instrumentos que resultam em sentidos sociais. O enunciado verbal não é simples reflexo ou expressão de algo que lhe pré-existe, que está fora dele, dado e pronto. “Cada texto pressupõe um sistema compreensível para todos – uma língua. Se por trás do texto não há uma língua, já não se trata de um texto, mas de um fenômeno natural” (BAKHTIN, 1997, p. 331). Conforme Orlandi (2000, p.18) todo discurso nasce em outro (sua matéria-prima) e aponta para outro (seu futuro discursivo). Cada fala ou texto sintoniza um ou vários discursos e é incompleto e cheio de intervalos porque nasce de um discurso, se reformula e remete a um novo discurso.

Por isso, na realidade, não se trata nunca de um único discurso, mas de um *continuum*. Não se trata também de nenhuma tradução, e sim de um novo discurso, transformado, advindo de uma reunião de outros discursos que permeiam nosso dia-a-dia. No caso da linguagem do pesquisador científico que é transformada em linguagem de divulgação, o que é feito pelo jornalista, por exemplo, é a construção de um novo texto, visando ser mais compreensível para cidadãos comuns e não uma tradução do que o cientista diz. Esse novo texto, construído a partir das informações vindas do cientista e de outros discursos com os quais o jornalista entra em contato é o que provoca um novo discurso.

Para Bakhtin não há textos puros e Orlandi (2000, p. 22) confirma que a linguagem não é precisa, nem inteira, nem distinta. Por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto pode existir fora do texto. Cada texto é único e é nisso que reside seu sentido. O sentido das palavras é definido pelas posições ideológicas do processo sócio-histórico em que são produzidas e reproduzidas.

Um sistema de signos (ou seja, uma língua), por mais reduzida que seja a coletividade em que repousa sua convenção, sempre pode em princípio ser decifrado, isto é, pode ser traduzido noutro sistema de signos (noutra língua); por conseguinte, existe uma lógica comum a todos os sistemas de signos, uma língua potencial única, uma língua das línguas [...]. Um texto, (diferentemente da língua enquanto sistema de recursos) nunca pode ser traduzido até o fim, pois não existe um texto dos textos, potencial e único (BAKHTIN, 1997, p.333).

A AD preocupa-se com as condições de produção dos enunciados e aceita que estes sejam, de certa forma, determinados pelos meios nos quais são produzidos e veiculados. Assim, além das características da televisão, os enunciados também serão influenciados pelos seus autores, que no caso da televisão, é uma autoria coletiva. Para Bourdieu, a autoria coletiva é um fator que empobrece o conteúdo: “o coletivo de que as mensagens televisivas são o produto não se reduz ao grupo constituído pelo conjunto de uma redação; ele engloba o conjunto de todos os jornalistas” (1997, p.31). Não cremos, como Bourdieu, que este tipo de autoria seja ruim. Pelo contrário, essa autoria coletiva é uma das características da televisão: a polifonia, os múltiplos discursos encontrados, a mistura de várias fontes, a pluralidade de textos, jornalistas, produtores etc., que juntos fazem existir os produtos jornalísticos, podendo ser um programa, uma reportagem, uma nota e muitos outros. Outra característica da autoria, apontada por Bakhtin (1997, p. 337), é a de que o autor está inserido em sua própria obra e tem ligação com as personagens, não pode ser dissociado de suas imagens e nem de suas personagens. “O autor está todo na obra” e o escritor “é aquele que sabe trabalhar a língua

situando-se fora da língua, é aquele que possui o dom do dizer indireto”. Assim posto, podemos afirmar que mesmo em breves matérias ou notas o autor (ou os autores) está sempre inserido na obra. Já no momento da reunião de pauta, onde os jornalistas e editores se reúnem para escolher o que vai ou não ao ar, certamente há uma parcialidade no momento dessa escolha. Cada um aposta no tema em que mais lhe interessa, ou que interessa à população, o que confere à escolha uma, mesmo que sutil parcialidade.

O ideológico está presente num texto pelas marcas ou traços que estas regras formais de geração de sentidos deixam na superfície textual [...]. Uma parte do ideológico também transparece num texto sob a forma de *preconstruídos*, que são inferências e pressuposições que o coemissor deve fazer para suprir as lacunas e dar coerência à interpretação que faz, interligando entre si as frases e partes do texto e ligando-o a um “mundo” (PINTO, 2002, p. 45).

Tratando de linguagem, Morris (2003, p. 155) explica que a linguagem comum se especializou de diversas maneiras e essas especializações são os tipos de discurso. Segundo Charaudeau (2006) discursos são formas de construção da língua em que os sujeitos se colocam em relação, se fazem entender, se fazem perceber e estabelecem vínculos. Discurso não é a língua, embora seja através dela que se constitui o discurso e que este, num efeito de retorno, a modifique. A língua está ligada à gramática, à sintaxe e à semântica, enquanto que o discurso adquire um sentido que ultrapassa as fundamentações lingüísticas da manifestação verbal.

Para Leibruder (2002, p.236) a mudança de destinatário e de veículo de transmissão nos leva necessariamente a repensar todo um conjunto de estratégias discursivas e de acordo com o efeito de sentido que pretende, o divulgador vai escolher qual o tipo de discurso textual e imagético utilizará, adequando-se ao seu leitor. A forma de transmissão de um conteúdo inclui definitivamente a organização dos níveis lingüísticos como um todo, considerando-se desde o lexical, até o morfológico, sintático, semântico, e textual.

A Análise do Discurso se interessa por explicar os modos de dizer, os modos de mostrar, os modos de interagir e os modos de seduzir que permeiam os discursos do processo comunicacional.

Do ponto de vista da análise do discurso, o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que esse funcionamento não é integralmente lingüístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção que representam o mecanismo de situar os protagonistas e o objeto do discurso (ORLANDI, 1987, p. 107).

Tudo que falamos, lemos e ouvimos é compreendido por nós de acordo com nosso entendimento, conhecimento e de nossa visão de mundo. Sabemos que nem sempre algo é compreendido da mesma forma por duas ou mais pessoas. Ler e ouvir envolve os processos compreender e interpretar e cada um o faz de acordo com os olhos e os ouvidos que tem e com a bagagem teórica e ideológica que carrega.

1.3 Tipos e vozes do Discurso

Discurso é algo que se desenvolve com o tempo e se constrói em função de uma finalidade: dirigir-se para alguém. Entretanto, no jogo comunicacional nem toda troca é verbal. Há formas de fala que nunca serão escritas, como por exemplo, as expressões faciais de entendimento ou de dúvida que podem surgir durante o processo. O simples fato de entrar em um processo de comunicação verbal implica que se respeitem as regras do jogo, ou leis do discurso. Isso não se faz por meio de um contrato explícito, mas por um acordo tácito, inseparável da atividade verbal. Dessa forma, entra em ação um saber mutuamente conhecido: cada um postula que seu parceiro aceita as regras e espera que o outro as respeite. São atitudes cooperativas que devem vir das partes envolvidas na comunicação.

Os sujeitos agem de acordo com o que, segundo sua experiência, deveria ser o comportamento dos outros numa situação desse tipo. É desse modo que se instituem normas de comportamento relativamente estáveis, vinculadas a sistemas de expectativas mútuas: você realiza algo adequando-se a uma regra e espera que os outros façam o mesmo (MAINGUENEAU, 1996, p.116).

As leis do discurso não são bem como as da gramática, mas também visam o bom comportamento dos interlocutores. Elas definem uma série de normas que devem ser respeitadas quando se “joga” o jogo do intercâmbio verbal. Nesse “jogo” estão presentes alguns princípios e leis: o Princípio da Cooperação, o Princípio da Pertinência, o Princípio da Sinceridade, a Lei de Informatividade, a Lei da Exaustividade e a Lei da Modalidade.

No Princípio da Cooperação os sujeitos que se comunicam devem se esforçar para não bloquear o intercâmbio e fazer a atividade discursiva chegar ao sucesso esperado. Cada interlocutor conhece seu papel e o dos demais, além dos deveres relacionados ao intercâmbio naturalmente. O segundo Princípio é o da Pertinência e, por ele espera-se que o sujeito saiba a hora oportuna de se manifestar, ou poderá ser desqualificado facilmente. O terceiro é o Princípio da Sinceridade e ele diz que toda enunciação deveria ser sincera e que os locutores

só devem afirmar o que consideram verdadeiro, só devem ordenar o que querem ver realizado, só devem perguntar aquilo cuja resposta desejam de fato conhecer. Porém, esse princípio torna-se difícil de ser aplicado em todos os casos já que “curiosamente, ao mesmo tempo que supostamente o discurso é regido pelo princípio de sinceridade, a língua dispõe de modalizadores, como “francamente” ou “sinceramente”. O que faz supor que existam diversos níveis de sinceridade (MAINGUENEAU, 1996, p.121).

Nesse jogo discursivo, além dos Princípios há também três Leis que regem os discursos. Segundo a Lei da Informatividade é necessário ser direto na hora da fala, sem rodeios. Conforme a Lei da Exaustividade os indivíduos devem fornecer o máximo de informações possíveis, mas apenas as que são suscetíveis de convir ao destinatário. Na Lei da Modalidade não são permitidas quaisquer obscuridades na expressão ou a economia dos meios, como por exemplo, frases complexas demais, vocabulários ininteligíveis etc. As regras que comandam os discursos são relacionadas ao comportamento da sociedade, porém, quando falamos das leis de discurso e comportamento social, chegamos ao princípio que poupa as “características positivas” e as “negativas” do outro para desvalorizar e valorizar outro, chegando assim, a um equilíbrio “Há nisso mais do que um cálculo egoísta: é a condição de qualquer comunicação” (MAINGUENEAU, 1996, p.128).

Paul Grice também tece suas contribuições para o jogo da comunicação e determina as Máximas. De acordo com Lage (2003, p. 55-56) a primeira Máxima de Grice – a da Quantidade – diz que aquele que informa deve fazer essa contribuição tão informativa quanto necessária e não mais que isso. A Máxima de Qualidade propõe que se deve fazer uma contribuição verdadeira (como na Lei da Sinceridade, não se deve dizer aquilo que acredita ser falso e nem dizer o que não se tem adequada evidência. A Máxima da Relação pede haja relevância e minúcia. A quarta e última é a Máxima da Maneira – no ato da comunicação deve haver clareza, evitar obscuridade, expressões vagas e ambíguas, evitar a prolixidade e ser ordenado.

Além das Leis, dos Princípios e das Máximas há nesse jogo os tipos de discurso, que são construídos de acordo com essas regras. Nesta pesquisa optamos por dar atenção especial ao discurso científico, ao tecnológico e o jornalístico, assuntos do próximo tópico.

1.3.1 Científico, Tecnológico e Jornalístico

Conforme Morris (2003) o discurso científico apresenta a forma mais especializada de um discurso designativo-informativo. À medida que a ciência avança, suas afirmações se tornam puramente designativas, mais gerais, melhor confirmadas e mais sistemáticas. O discurso científico é formado pelas afirmações que constituem o conhecimento mais centrado de uma época, aquelas afirmações de cuja veracidade existem mais provas. O discurso científico pode mudar de uma época para outra de acordo com a evolução da ciência. A difusão do científico pode se dar de duas formas – por disseminação: que é a divulgação entre pares; e por divulgação: – que é feita por cursos, aulas de ciência e pelo jornalismo.

Além do discurso científico há o discurso tecnológico que prescreve ações com o propósito de informar aos intérpretes como alcançar certos objetivos. Este é um discurso prescritivo-informativo. Objetiva dar as informações e as técnicas de como fazer um determinado procedimento. Há um tipo de discurso tecnológico para a ciência, para a moral, para a matemática e para todas as áreas.

No caso específico deste estudo, o discurso tecnológico é bastante encontrado nas reportagens do *Caminhos da Roça*, pois embora haja presença de pesquisadores falando de suas ou de outras pesquisas, o interesse não é só mostrar o resultado de tais pesquisas, às vezes pretende-se mostrar seu procedimento, mas sempre é mostrado como ela será útil. Na primeira matéria que analisamos (Capítulo V) demonstra-se como utilizar um equipamento para aplicação de agrotóxicos. A reportagem é um exemplo do discurso tecnológico, pois ensina os procedimentos que o agricultor deve seguir para não entrar em contato com o agrotóxico.

Além dos discursos científico e tecnológico, trabalhamos ainda com a Divulgação Científica e com o Jornalismo Científico. Ambas se destinam ao chamado público leigo, com a intenção de democratizar as informações (pesquisas, inovações, conceitos de ciência e tecnologia), porém, a primeira não é jornalismo. O Jornalismo Científico é um caso particular de Divulgação Científica: é uma forma de divulgação endereçada ao público leigo, mas que obedece ao padrão de produção jornalística (BUENO, 2006, online). Para Alberguini (2007, p. 53) Jornalismo Científico é divulgação para o público não especializado, de assuntos ligados a Ciência, Tecnologia e Inovação nos veículos de comunicação, por meio de notícias, reportagens, entrevistas ou artigos.

Desde o século XVII desenvolveu-se um estilo direto de relato científico delineado para ser translúcido, sem ambigüidades, direto e isento de toda a confusa subjetividade da reportagem pessoal. Em sua melhor forma, a prosa científica é um instrumento de comunicação muito eficaz: entretanto, ela não se relaciona com qualquer tipo de fala [...] (BURKE; PORTER, 1993, p. 22).

A intenção do jornalista e a do cientista no que se refere à produção mantém uma larga distância entre si. Enquanto o jornalista trabalha para o grande público, o cientista se dirige a um público específico e especializado. Algumas diferenças entre esses discursos são apontadas por Fabíola de Oliveira (2002, p. 43):

A redação do texto científico segue normas rígidas de padronização e normatização universais, além de ser mais árida, desprovida de atrativos. A escrita jornalística deve ser coloquial, amena, atraente, objetiva e simples. A produção de um trabalho é resultado não raro de anos de investigação. A jornalística rápida e efêmera. O trabalho científico normalmente encontra amplos espaços para publicação nas revistas especializadas, permitindo linguagem prolixa, enquanto o texto jornalístico esbarra em espaços cada vez mais restritos, e portanto deve ser enxuto, sintético.

O discurso do cientista, ao contrário de sua pretendida neutralidade, é permeado por condições de produção e intenções de seus autores. Leibrunder (2002, p. 236) afirma que o texto da Divulgação Científica é a intersecção dos gêneros científico e jornalístico, reunindo dois níveis de linguagem expressos simultaneamente. O primeiro é focado na objetividade e busca da neutralidade - características típicas da ciência - e o segundo é voltado para um registro mais coloquial, deixando à mostra a subjetividade. No discurso da Divulgação Científica os termos técnicos do discurso científico são explicitados, na busca de uma linguagem mais acessível ao grande público. Isso é o que notamos no conteúdo do *Caminhos da Roça*: abordagem de temas de C&T de maneira simplificada e exemplificada. A intenção de divulgar temas como este não é só a de mostrar o que acontece no meio científico, mas sim levar as inovações para o campo de modo que elas sejam úteis para o cidadão do campo.

Apesar desta preocupação do discurso de Divulgação Científica de moldar os padrões lingüísticos do discurso científico, buscando adequá-lo ao discurso jornalístico e ao grande público, ele não se configura em um segundo texto, mas em um novo texto, formulado a partir da mudança do cenário discursivo e das posições dos interlocutores no discurso científico. Divulgar ciência e tecnologia não se trata de traduzir o discurso do pesquisador, mas sim transformá-lo em um novo discurso. Conforme o efeito de sentido que pretende, o divulgador vai escolher qual o tipo de discurso utilizará, adequando-se ao seu leitor.

O discurso científico e o discurso jornalístico passam a ser parceiros quando ambos se mesclam e se transformam em um novo discurso que levará ao público não especializado a interpretação de determinado conhecimento. Um dos bons artifícios usados para aproximar o público das informações científicas é a metalinguagem. Segundo Oliveira, F. (2002, p. 44) quando uma teoria científica é associada a algo que lhes é familiar, fica mais fácil compreender o assunto, e a comunicação científica torna-se eficaz.

Um elemento importante do discurso científico é a argumentatividade, que comporta os chamados índices de objetividade (voz do cientista e apagamento do sujeito). De acordo com Leibrunder (2002, p. 37) a Ciência, ao longo de sua história, foi assumindo a condição de porta-voz da verdade que supostamente estaria contida nas coisas. Tal *status*, na medida em que lhe atribui autoridade, confere-lhe um perfil institucional. A fim de corroborar tal posição, seu discurso deve se constituir a partir de uma perspectiva universal, e não do ponto de vista de um sujeito particular. A impessoalidade e a objetividade características do discurso científico atribuem-lhe, dessa forma, um caráter de inquestionabilidade e, portanto, de veracidade.

No caso do discurso da Divulgação Científica é o objeto que ocupa posição no discurso, e não tanto o jornalista. O autor imprime um caráter de neutralidade ao seu discurso. “Assertividade, nominalizações, verbos empregados na 3ª pessoa do singular ou na voz passiva, além da escolha lexical são outros índices de impessoalidade também presentes no discurso da Divulgação Científica”. Assim, o texto de Divulgação Científica, que também dever ser comercialmente veiculado, assume um formato atraente, valendo-se de “recursos lingüísticos (metalinguagem, narratividade, título, resumo) e extralingüísticos (recursos visuais – fotos, tabelas, gráficos, esquemas) capazes de suscitar o interesse do leitor” (LEIBRUDER, 2002, p. 237-238).

O que observamos em nossa pesquisa é que a televisão e os atores das matérias atuam como mediadores entre o pesquisador e o público e interferem na informação transmitida. Conforme explica Verón (2005, p. 219) o discurso televisivo, por ser polifônico, depende dos sentidos de vários campos e para que haja uma interação com o receptor, é preciso estabelecer o contrato de leitura onde estará garantida a compreensão do texto. “É o contrato de leitura que cria o vínculo entre o suporte e seu leitor”. O contrato é um jogo de linguagem que constrói uma cumplicidade ente o enunciador e o destinatário.

Embora a televisão não produza o conhecimento científico que divulga, ela é responsável por colher, selecionar, organizar e divulgar o conteúdo científico ao público-alvo e esse acesso às informações sobre C&T, segundo Fabíola de Oliveira (2002, p. 13), é

fundamental para o exercício pleno da cidadania e para o estabelecimento de uma democracia participativa, na qual grande parte da população tenha condições de influir, com conhecimento, em decisões e ações políticas ligadas a C&T. É claro que este não é um processo simples, no entanto, o acesso às informações sobre C&T como um dos mecanismos que pode contribuir de maneira efetiva para a formação de uma cultura científica deve ser facilitado ao grande público carente de tal cultura.

Como a AD Francesa tem ênfase direcionada para a relação entre o dizer e as condições de produção desse dizer, torna-se então a mais adequada para esta pesquisa. Junto com ela estruturamos o estudo nos conceitos de Divulgação Científica, Jornalismo Científico e Discurso Científico e, para tanto, cabe-nos, nesta etapa, apresentar a metodologia aplicada e os procedimentos realizados para o desenvolvimento e a conclusão da obra, assuntos do capítulo seguinte.

CAPITULO II

O PERCURSO METODOLÓGICO

Esta dissertação trata-se de uma pesquisa qualitativa que apresenta dados e resultados qualitativos para atender aos objetivos propostos. Entretanto, são apresentados também dados quantitativos que consideramos pertinentes para complementar a análise qualitativa.

A metodologia escolhida é a Análise do Discurso Francesa (AD) e ela é justificável na medida em que contribui qualitativamente para a compreensão de alguns argumentos lingüísticos e significantes das falas dos personagens, repórter e apresentador presentes em nosso objeto de estudo.

Esta metodologia se funda na consideração das condições de produção do dizer como constitutivas desse próprio dizer: assim, quem fala, para quem se fala, como se fala, em que situação, de que lugar da sociedade etc. são considerados elementos fundamentais do processo de interlocução que estabelece a linguagem. [...] Essa metodologia considera, como ponto de partida para a análise, a observação do uso da linguagem em suas determinações concretas. Parte, pois do fragmentário do múltiplo, do histórico social e procura estabelecer sistematizações. No entanto, não se perde a singularidade do objeto observado (ORLANDI, 1989, p. 24-25).

Com a AD pudemos observar o que existe no entremeio da construção das frases, em cada expressão, na seleção de imagem e de discursos. Para Pinto (2002, p. 27), “a análise de discursos não se interessa tanto pelo que o texto diz ou mostra, pois não é uma interpretação semântica de conteúdos, mas sim em como e por que o diz e mostra. [...] a ela interessa explicar os modos de dizer”.

Análise de Discurso é o nome dado a uma variedade de diferentes enfoques no estudo de textos, desenvolvida a partir de diferentes tradições teóricas e diversos tratamentos em diferentes disciplinas. Não existe uma única Análise do Discurso. (GILL, 2002, p. 244). Existem no mínimo 57 variedades de Análise de Discurso. Sobre isso, Milton José Pinto nos informa que, devido a essa diversidade fica difícil, ou mesmo impossível, repertoriar ou fazer uma síntese de todas as tendências ou correntes.

A análise de discurso procura descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados àqueles produtos da sociedade. Os produtos culturais são entendidos como textos, como formas empíricas do uso da linguagem verbal, oral ou escrita, e/ou de outros sistemas semióticos no interior de práticas sociais contextualizadas histórica e socialmente (PINTO, 1999, p.7).

Analisar um discurso é analisar o percurso, o curso da fala, a palavra em movimento, como ela é elaborada, como é transferida para o receptor ou interlocutor, as intenções que carrega. “[...] todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras” (ORLANDI, 1997, p.15). Sabe-se que a escolha de uma ou de outra palavra não ocorre sem intenção, mas sim de forma a demonstrar opinião. Para Marcuschi (1991, p. 75), as diferentes maneiras de relatar opiniões são introduzidas por meio de algum verbo que antecipa o caráter da opinião relatada. “Em geral, ao se reproduzir as opiniões de alguém, procede-se a uma nova seleção de termos e a outra construção sintática que as do autor. Embora esse processo aparente certa inocência, não impede a possibilidade de distorção ou interferência no discurso relatado”

Para Gill (2002, p. 250) não existe nada simples, ou sem importância com respeito à linguagem: fala e texto são práticas sociais. Todo discurso é uma maneira de interpretação do texto do outro e organizado com fins persuasivos. Como não existe neutralidade nos textos e sempre há interesses em torno de uma questão, verificamos aqui como *Caminhos da Roça* constrói o discurso de divulgação científica na medida em que é transmitido para o público. O que propomos com a AD é que se observem e se reconheçam as diferenças entre os discursos como diferenças e não imperfeições ou inadequações.

Conforme Orlandi (2000, p. 21-22) o objeto da Análise do Discurso é o texto e nessa perspectiva, o texto é definido pragmaticamente como a unidade complexa de significação, consideradas as condições de sua produção. O texto se constitui, portanto, no processo de interação. Para a autora citada acima, o texto como discurso não é apenas um conjunto de enunciados, é um processo que se desenvolve de múltiplas formas e em determinadas situações sociais. O texto, enquanto unidade de Análise do Discurso, requer que se ultrapasse a noção de informação, assim como coloca a necessidade de se ir além do nível segmental. O texto não é uma soma de frases e não é fechado em si mesmo. Portanto, ao se passar para o texto como unidade de discurso, se passa da operação de segmentação para a de recorte. Passa-se da distribuição de segmentos para a relação das partes com o todo, em que se procuram estabelecer, através dos recortes, unidades discursivas.

Ao dizer que texto é o objeto da Análise do Discurso, não significa que o meio televisivo não possa ser analisado com base na AD, já que apresentador e repórter estão lendo um texto que está por trás das câmeras. Entretanto, como temos contato apenas com sons e não com textos da TV, para que as matérias analisadas neste estudo se transformassem novamente em textos escritos, ocorreu todo um processo de transcrição e posterior descrição das matérias.

1. Procedimentos metodológicos

Esta dissertação realizou um estudo qualitativo de um programa televisivo regional brasileiro de canal aberto exibido semanalmente pela *EPTV* Ribeirão – afiliada da *Rede Globo*. Para proceder à investigação do objeto de estudo, em primeiro lugar foi realizado um acompanhamento informal para saber se o programa *Caminhos da Roça* abordava assuntos voltados para a ciência e tecnologia.

Porém, trata-se de um programa com seis anos de existência (desde 2002) e, por isso, fez-se necessário um recorte temporal que permitisse a realização da pesquisa. Para tanto, foram selecionados como universo os programas veiculados apenas no ano de 2006 – de sete de janeiro a 30 de dezembro. Entretanto, esse recorte ainda não seria suficiente, pois em 2006 foram exibidos 49 programas, com duração média de uma hora cada um (incluindo intervalos), o que totaliza mais de 50 horas de material para análise com mais de 180 matérias (entre notas, reportagem e entrevistas). Por isso, um novo recorte foi feito e então foram selecionadas 43 matérias que abordavam, de alguma maneira C&T. Depois de realizado esse procedimento, verificamos que o *corpus* ainda estava extenso e pouco delimitado. Então, adotamos como critério analisar, dessas 43 que abordavam C&T, somente aquelas matérias que mostrassem pesquisador e cidadão do campo em contato durante a matéria. Cabe dizer que consideramos como cidadão do campo todo trabalhador rural, produtores rurais (de qualquer cultura) e todos aqueles que têm no campo seu mecanismo de moradia e de trabalho. Assim, nosso *corpus* foi mais bem delimitado e contamos então com seis programas que atendem às nossas necessidades.

Na tentativa de diminuir a possibilidade de viés na escolha das reportagens analisadas, optou-se pela técnica da amostra intencional, também conhecida por amostra de julgamento para selecionar aquelas reportagens “típicas” da divulgação de C&T dentro do programa. Neste tipo de amostragem o pesquisador usa o seu julgamento para selecionar os membros da população que são boas fontes de informação precisa (SCHIFFMAN; KANUK, 2000, p. 27).

A característica chave desse tipo de amostragem é que os elementos da população são selecionados intencionalmente, visando os mais representativos. Esta seleção é feita considerando que a amostra escolhida poderá oferecer as contribuições solicitadas (CHURCHILL, 1998 apud OLIVEIRA T., 2001, online). Como o objetivo é analisar a linguagem do programa televisivo nas questões que envolvem C&T, foram selecionadas reportagens que foram representativas – e não aleatoriamente (técnica que poderia excluir programas com reportagens importantes para esta análise). Técnicas como a da semana construída, ou da amostra aleatória poderiam não selecionar as melhores reportagens.

Embora o programa já exista há seis anos, neste estudo trabalhamos com material de apenas um ano. Mesmo com essa delimitação, determinados programas do ano são atípicos em função de datas comemorativas como aniversário da cidade de Ribeirão Preto e eventos importantes para a área temática do programa. Em 2006, alguns programas deram atenção especial ao concurso anual de música “Viola de Todos os Cantos” (que é exibido exclusivamente pelo *Caminhos da Roça*), ao aniversário de Ribeirão Preto e à Agrishow³.

Para exemplificar a influência nas pautas do programa devido a eventos como esses, que ocorrem todos os anos, os quadros a seguir mostram o programa veiculado no dia 17 de junho (já comemorando o aniversário de Ribeirão Preto que é no dia 19) com o programa de 28 de janeiro que esteve sob nenhuma influência de algum acontecimento especial.

¹ De acordo com o site oficial (www.agrishow.com.br) da Feira Internacional da Tecnologia Agrícola em Ação – Agrishow, a primeira edição do evento aconteceu de 4 a 7 de maio de 1994. É tradicionalmente realizada de segunda a sábado, geralmente na semana que compreende os últimos dias de abril e o início de maio. Na primeira edição da feira participaram 86 empresas expositoras e um público de 17 mil visitantes. Um ano depois, o número de visitantes foi da ordem de 60 mil pessoas. Daí em diante, tanto o número de visitantes quanto o de expositores foram aumentando ano a ano. Na sua 14^a edição, em 2007, o evento recebeu 660 expositores e 140 mil visitantes.

DATA: 17/06/06	
Ambientação do apresentador	Dimas Augusto está no Museu do Café, em Ribeirão Preto*.
1º Bloco	Entrevista com a responsável pela preservação do Museu do Café falando sobre a produção de café na cidade de Ribeirão Preto e sobre a existência
	Reportagem sobre produção da flor Copo de Leite.
	Quadro com música de raiz.
2º Bloco	Reportagem sobre pesquisa sobre estocagem de amendoim.
	Entrevista sobre como o agronegócio influencia a economia de Ribeirão Preto.*
3º Bloco	Reportagem sobre um encontro de Sanfoneiros.
	Informação sobre previsão do tempo.
4º Bloco	Quadro <i>Todo Sabor: Culinária</i> .
5º Bloco	Quadro de <i>Causos do Chico Lorota</i> .
	Quadro com segunda parte da música de raiz.

* Matérias relacionadas ao aniversário de Ribeirão Preto

DATA: 28/01/06	
Ambientação do apresentador	Dimas Augusto está em uma fazenda na cidade de São Carlos/SP.
1º Bloco	Reportagem sobre tecnologia na produção de morangos em Minas Gerais.*
	Reportagem sobre a colheita do limão em Taquaritinga/SP.
	Entrevista com agrônomo sobre a colheita do limão.
2º Bloco	Cotações da Semana.
	Reportagem sobre o calor que mata aves.
	Reportagem sobre estiagem que está afetando as lavouras.
3º Bloco	Reportagem sobre descoberta de nova variedade de Capim.*
	Informações sobre reservas hídricas no solo com pesquisador da Embrapa.
	Reportagem sobre estudo sobre stress do gado.*
4º Bloco	Quadro <i>Todo Sabor: Culinária</i> .
5º Bloco	Quadro de <i>Causos do Chico Lorota</i> .
	Quadro de música de raiz.

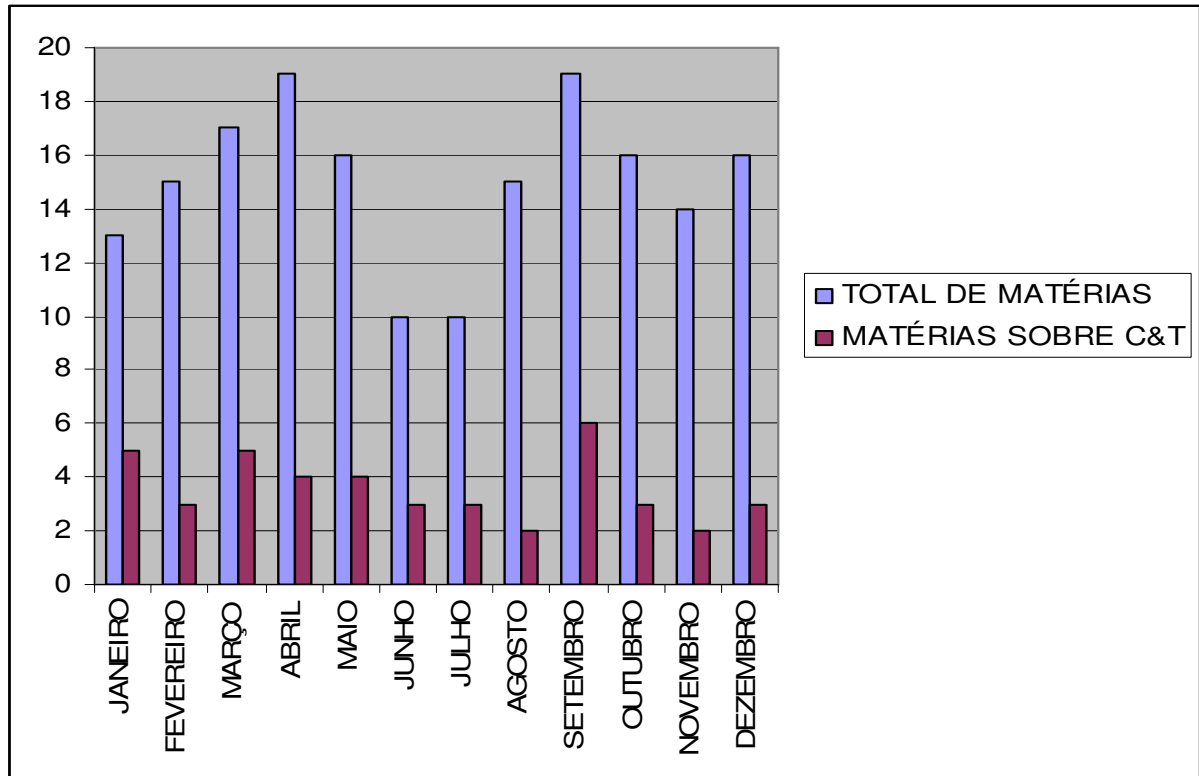
* Matérias relacionadas com C&T

Nota-se que as pautas de janeiro foram muito mais voltadas a assuntos do campo, em especial de C&T, do que as de junho, onde até a culinária e as músicas homenageavam a cidade aniversariante. No mês de agosto, época em que é realizado o festival de música caipira “Viola de todos os Cantos” também houve vários programas com foco voltado para o evento. Nestes casos, o programa era apresentado na cidade onde estava ocorrendo a eliminatória do festival e já na abertura do programa se fazia uma reportagem sobre a cidade e parte do conteúdo do programa se voltava para as curiosidades culturais de cada cidade.

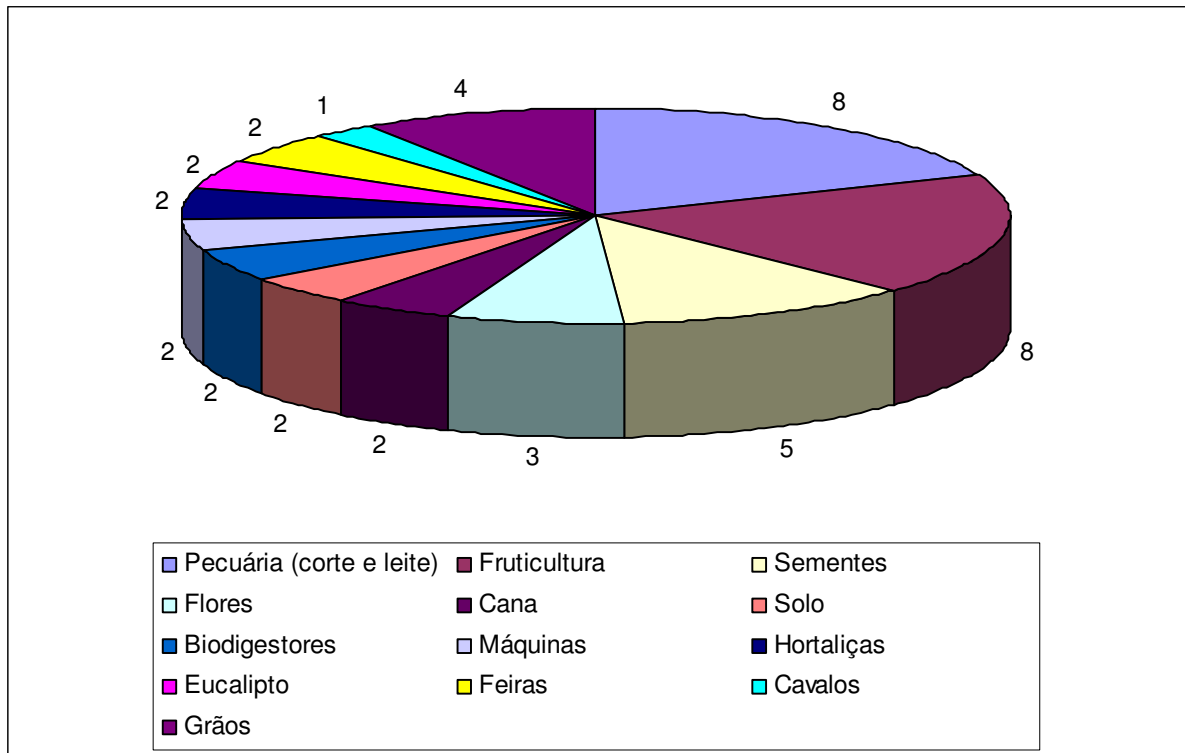
Caminhos da Roça não foi exibido nos dias 10/06, 22/07 e 29/07 devido à programação da cabeça de rede, que exibiu em alguns dias os treinos de Fórmula 1, por exemplo. O dia 4/11 não teve suas matérias e entrevistas incluídas para a escolha da análise

pelo fato de, neste dia, a *EPTV* ter reprisado três das quatro matérias que exibiu anteriormente.

No gráfico seguinte listamos o número total de matérias exibidas, as entrevistas, as notas cobertas e, desse total, quantas tiveram foco em C&T.



O gráfico abaixo demonstra as principais temáticas das matérias de cunho científico e tecnológico de todo ano de 2006.



Os dados quantitativos apresentados aqui são pertinentes apenas pelo fato de fornecerem elementos para uma melhor avaliação qualitativa do objeto de estudo. Ao todo, foram 49 exposições do programa, totalizando 43 matérias com conteúdo voltado para C&T.

Vale relatar que para identificação e seleção das matérias de cunho científico e/ou tecnológico do *Caminhos da Roça* definimos os conceitos Ciência e Tecnologia da seguinte maneira:

Ciência: sistema organizado de conhecimentos referentes à natureza, à sociedade e ao pensamento. Eventualmente, a Ciência pode ser aplicada à produção ou à distribuição de bens e serviços, mas somente de forma indireta e imediata. Em sentido mais amplo, a Ciência não é neutra, alheia aos valores ou não normativa, mas, de forma semelhante a outras formas de organizar a realidade e disponibilizar informação, a Ciência é gerada em contextos históricos e sociais que implantam seus valores e interesses sociais em sua estrutura. (MARTINEZ,1998 apud ALBERGUINI, 2007, p. 39).

Tecnologia: a palavra deriva do substantivo grego *techne*, que significa arte ou habilidade. É essencialmente uma atividade prática, a qual consiste mais em alterar do que compreender o mundo. Onde a Ciência persegue a verdade, a tecnologia prega a eficiência. Enquanto a Ciência procura formular as leis a que a natureza obedece, a tecnologia utiliza essas formulações para criar implementos e aparelhos que façam a natureza obedecer ao homem. O principal objetivo da tecnologia é aumentar a eficiência da atividade humana em todas as esferas, incluindo a da produção. A tecnologia produz os mais variados objetos para satisfazer uma gama ainda mais ampla de necessidades, e aperfeiçoa determinados tipos de objetos para satisfazer mais completamente necessidades específicas (KNELLER, 1980, p. 245-246).

Como o programa *Caminhos da Roça* não é dividido em editorias, não pudemos nos basear nesse critério para a seleção de matérias. Então, para identificar quais matérias tratavam de C&T foi observado o seguinte:

- _ Pesquisadores participam da matéria?
- _ Pesquisadores são citados na matéria como fonte?
- _ Dados científicos são citados na matéria?
- _ Instituições de pesquisa são citadas ou estão presentes na matéria?
- _ Algum tipo de processo ou resultado científico ou tecnológico é mostrado ou explicado na matéria?

Além desses, o segundo e decisivo critério que usamos para compor nosso *corpus* foi verificar em quais matérias havia um contato direto entre pesquisador e cidadão do campo. Consideramos como interação ou contato direto todas aquelas matérias vezes em que o pesquisador vai até o ambiente rural para conversar e orientar o trabalhador ou produtor rural.

O termo interação, em semiótica greimasiana, refere-se ao lugar das manipulações modais e cognitivas realizadas entre os actantes, isto é, à confrontação do fazer de dois sujeitos distintos, que modalizados e competentes, persuadem-se mutuamente. Nessa perspectiva, o processo de interação é entendido como um intercâmbio que é regido pela modalidade factitiva (*fazer-fazer*). A interação pode ocorrer entre dois sujeitos autônomos ou independentes, mas interdependentes no que diz respeito as suas intencionalidades (ARAÚJO; DINIZ, 2005, online).

Houve matérias em que essa interação foi apenas narrada pelo(a) repórter e só víamos as imagens de ambos conversando. Procuramos dar preferência para aquelas que mostraram

em imagem e áudio o pesquisador conversando com o trabalhador ou proprietário rural. Por fim, contamos com seis matérias que acreditamos atender a esse padrão.

Após a identificação do *corpus*, o passo seguinte foi transcrever as matérias que seriam analisadas. Para tanto, inicialmente pensamos que o website do programa seria um suporte para a análise já que disponibiliza um arquivo com matérias escritas e com o último programa. No entanto, as reportagens disponíveis em forma de texto no website são apenas resumos das exibidas em vídeo e por isso foi preciso assistir e transcrever na íntegra todas as matérias escolhidas, para poder captar as características de cada fala. Além das falas, tivemos ainda que descrever elementos como recursos de imagem, uso ou não de trilha sonora e enquadramentos. Descrições que são importantes segundo a Análise de Discurso.

Segundo Rose (2002, p. 348), a finalidade da transcrição é gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa e a uma codificação. Ela translada e simplifica a imagem complexa da tela.

Uma boa transcrição deve ser um registro tão detalhado quanto possível do discurso a ser analisado. A transcrição não pode sintetizar a fala, nem deve ser ‘limpada’, ou corrigida; ela deve registrar a fala literalmente, com todas as características possíveis da fala (GILL, 2002, p. 251).

Todos os programas selecionados para a análise foram transcritos (as matérias e demais elementos jornalísticos e técnicos). Foram transcritas também as cabeças de cada matéria e anexado o tempo dedicado a cada matéria dentro do programa. Foram transcritas na íntegra, exclusivamente as matérias de C&T escolhidas para compor o *corpus*, já que consideramos desnecessário transcrever todas as demais.

O procedimento de transcrição se faz necessário, pois, com já dissemos, o objeto da Análise de Discurso é o texto e este é constituído de recortes discursivos diversos, portanto, não é apenas um conjunto de enunciados. E é preciso observar até que ponto os discursos se entrelaçam sem se reduzirem uns aos outros (ORLANDI 1989, p. 36).

A análise de discurso não é um método de interpretação, não atribui nenhum sentido ao texto. O que ela faz é problematizar a relação com o texto, procurando apenas explicitar os processos de significação que nele estão configurados, os mecanismos de produção de sentidos que estão funcionando. Compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação (ORLANDI, 2000, p.117).

Na tabela que segue listamos as reportagens que foram selecionadas para compor o *corpus* desta pesquisa (incluindo data de exibição, cabeças e tempo):

DATA	TEMÁTICA	CABEÇA	TEMPO
21/01/06	Pulverizador	Estamos de volta. O Instituto Agronômico de Campinas desenvolveu um modelo de pulverizador que facilita, e muito, a vida de quem lida com a terra. O equipamento é simples de ser montado, tem baixo custo e aumenta a segurança do trabalhador.	3'53"41
25/02/06	Pecuária Leiteira	Estamos de volta. Organização, reduzir o custo e aumentar a produtividade. Esta parece ser a receita de todo negócio bem sucedido. Receita que está sendo seguida à risca através de um programa que beneficia centena de produtores rurais do estado de São Paulo.	5'15"06
20/05/06	Tangerina	Pesquisadores do Centro de Citricultura de Cordeirópolis estão divulgando as vantagens de duas variedades de tangerina. A principal qualidade delas é a resistência a uma grave doença que vem comprometendo a produtividade nos pomares.	3'21"96
08/07/06	Irrigação	Estamos de volta e agora vamos falar sobre irrigação. Qual a técnica mais indicada considerando eficácia e economia de água? Pesquisadores do Instituto Agronômico de Campinas fizeram o teste e apresentam o resultado.	4'21"73
07/10/06	Biodigestores	Estamos de volta. A tecnologia que impulsiona a produtividade também ajuda a preservar a natureza. Agricultores investem em biodigestores para tratar resíduos e conservar o ambiente.	3'01"13
25/11/06	Fossa biodigestora	Estamos de volta para falar de uma medida simples, barata e ecologicamente correta. A substituição da fossa tradicional pela fossa biodigestora. No Estado de São Paulo existe um incentivo para investir nessa nova tecnologia. Os produtores rurais podem receber 90% do dinheiro gasto com o equipamento.	2'46"47

Após a seleção das reportagens realizou-se uma Análise Descritiva das matérias de C&T e em seguida foram aplicadas as bases metodológicas da Análise de Discurso Francesa (AD).

1.2 Análise Descritiva

A análise descritiva das reportagens que compõem o *corpus* desta pesquisa se fez necessária já que, conforme Triviños (1990, p. 128), a pesquisa qualitativa é essencialmente descritiva e a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso não é vazia, e sim lógica e consistente.

Para realizar esta análise foram considerados os recursos jornalísticos verbais e não-verbais das mensagens, já que é imprescindível considerar a complexidade dos conteúdos do meio televisivo. Para Rose (2002, p. 343), os meios audiovisuais são um amálgama de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, seqüência de cenas e muito mais. Para a descrição sistemática das matérias foram desenvolvidas categorias que levam em conta características relevantes para a Análise de Discurso e que se sintonizam com os objetivos deste estudo. De acordo com Pinto (2002, p. 26) o analista de discurso deve dar atenção especial à textura dos textos, tanto no uso da linguagem verbal, quanto ao uso de outras superfícies. “É na superfície dos textos que podem ser encontradas as pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos que o analista vai interpretar”.

Embora a descrição de alguns elementos seja necessária, Rose (2002) ressalta que nunca haverá uma análise que capte uma verdade única do texto. Por exemplo, ao transcrever material televisivo, devemos tomar decisões sobre como descrever os visuais, se vamos incluir pausas e hesitações na fala, e como descrever os efeitos especiais, tais como música ou mudança de iluminação.

1.2.1 Categorias descritivas

Para a descrição das matérias levaram-se em conta critérios, a partir dos quais foram elaboradas categorias de análise. São eles: estrutura da matéria, gêneros jornalísticos, seqüência discursiva da informação, origem institucional das fontes, origem das pesquisas, de onde fala o repórter e o pesquisador, predomínio da linguagem, imagens e elementos não-

verbais. Tais descrições são baseadas principalmente nas obras de Marques de Melo (2003), Lage (2003) e Alberguini (2007).

I – Estrutura da matéria

Chamaremos assim o conjunto de elementos que compõe a matéria do início ao encerramento. **Escalada:** é o primeiro texto lido na abertura do programa onde são anunciadas em seqüência todas as matérias que serão exibidas naquele dia. **Cabeça:** é o texto lido pelo apresentador que antecede a matéria. **Off:** é a fala do repórter durante a matéria. No *off* o repórter não aparece, a fala dele é “coberta” por imagens. A **Passagem** é onde o repórter aparece com imagem e fala dentro da matéria. Geralmente na passagem o repórter entra para dizer um dado ou uma informação que não tenha imagens. **Sonora:** é o nome que se dá às palavras do personagem ou entrevistado durante a matéria. **Nota pé:** é quando o apresentador encerra a matéria com alguma informação extra que não foi dita durante a matéria. A nota pé é um recurso opcional.

II – Gêneros Jornalísticos

De acordo com conceitos propostos por Marques de Melo (2003, p. 28-29) definimos os seguintes gêneros do jornalismo: **informativo:** em que a instituição jornalística assume o papel de observadora atenta da realidade, cabendo ao jornalista registrar os fatos e os acontecimentos e assegurando essa informação ao povo; o **opinativo:** que difunde opiniões próprias, atuando como conselheiro e formador de opinião; o **interpretativo:** que na medida em que informa e orienta, também faz esclarecimentos do que está acontecendo e que não é percebido claramente pelo público; e o **diversional:** que oferece informações não necessariamente utilitárias, mas que busca entreter e/ou divertir o público.

Dentro de cada gênero há ainda as categorias. Entretanto, como esta pesquisa optou por realizar um estudo apenas das reportagens, entraremos em detalhes apenas no que se refere ao jornalismo informativo. As categorias são: nota simples, nota coberta, notícia e reportagem. De acordo com Alberguini (2007, p. 22), **nota simples** ou nota pelada: é um texto lido pelo apresentador sem a apresentação de imagens. É o relato mais breve de um fato. **Nota coberta:** ao contrário da nota simples, o apresentador narra em *off* o acontecimento e essa narração é coberta por imagens. Não há passagem ou cabeça. **Notícia:** registro dos fatos, de informações de interesse jornalístico, sem comentários. Fatores objetivos determinam a publicação de uma notícia: o caráter inédito; o impacto que exerce sobre as pessoas e sobre sua vida; a

curiosidade que desperta; a imprevisibilidade e improbabilidade do fato (RIBEIRO, [s/d], online). **Reportagem**: é um relato essencialmente informativo que reproduz um fato ou um interesse atual. Trata-se do relato mais completo de um fato e deve conter as seguintes partes: cabeça, *off*, sonora e passagem. Também pode conter encerramento e nota pé.

III – Predomínio da seqüência discursiva

Conforme conceitos propostos por Alberguini (2007, p. 22) e por Machado (1998) identificamos o predomínio da seqüência dos discursos sobre C&T como **Descritiva**: que descreve os processos envolvidos com ciência e tecnologia ou apresenta o fato gerador da matéria com a intenção de fazer o destinatário ver com detalhes o objeto de discurso. **Explicativa**: que pretende fazer o destinatário compreender o objeto do discurso. **Argumentativa**: que visa convencer o destinatário a respeito do posicionamento do produtor diante de um objeto de discurso controverso. **Narrativa**: que visa manter a atenção do destinatário criando suspense. **Interpretativa/analítica**: que apresenta o processo de desenvolvimento da pesquisa, além dos resultados e das repercussões obtidos. **Investigativa**: é quando a matéria jornalística é resultado de um amplo trabalho de investigação e apuração por parte do repórter.

IV – Origem das fontes

Fontes são informações fornecidas por instituições (públicas ou privadas) e /ou por personagens que testemunham algum fato de interesse público. De acordo com Lage (2003, p. 63) as fontes podem ser pessoais, institucionais ou documentais e classificam-se em **Oficiais**: mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. São tidas como as mais confiáveis e os dados que propõem são tomados por verdadeiros. **Oficiosas**: aquelas que estão reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo e não estão autorizadas a falar em nome dela ou dele, e por isso, o que disserem poderá ser desmentido. **Independentes**: aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso. **Primárias**: aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria. Fornecem fatos, versões e números. **Secundárias**: consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção de premissas genéricas.

Testemunhas: aquela que viu ou presenciou um acontecimento, que teve uma experiência empírica. **Especialistas:** os cientistas, pesquisadores, inventores, técnicos, ou qualquer outro profissional que seja especializado no assunto tratado, seja ele da agronomia, da biologia, da engenharia, ou de qualquer outra área.

Além de classificar as fontes, observamos ainda de quais institutos de pesquisa, ONG, órgãos públicos, agência de fomento elas provêm. Também verificamos quando estas não foram citadas.

V – Origem das pesquisas

Como nosso objeto de estudo é um programa regional, pressupõe-se que as matérias sejam produzidas nas regiões onde o programa é exibido. Entretanto, cabe-nos verificar de onde provêm as pesquisas e os avanços tecnológicos citados nas matérias, de onde são as instituições de pesquisa citadas, de onde são as fontes e em que cidade foi gravada a matéria.

VI – De onde fala o pesquisador e o repórter

Em quase todos os programas *Caminhos da Roça* o apresentador está em uma varanda de uma propriedade rural, as gravações geralmente são feitas ao ar livre, mas, em algumas ocasiões foram feitas em estúdio ou em outros lugares.

Verificamos de onde fala o pesquisador, se é do laboratório, do estúdio, de uma propriedade rural, ou de algum lugar não identificado pela matéria.

A posição do repórter também será conferida. Observaremos se também está no meio rural, no laboratório ou em algum outro lugar que possa levar informações à matéria.

VII – Predomínio da linguagem

Observamos se a matéria escolhida para análise é a principal matéria do programa e porque as outras não são. E, dentro das escolhidas, quem dá a notícia principal da matéria.

Em seguida, analisaremos que tipo de recurso os atores das matérias utilizam (analogia, exemplificação ou definição) para explicar algum fato.

Ainda segundo os conceitos de Alberguini (2007, p. 24) a linguagem pode ser considerada **Clara** quando os discursos da matéria relacionados às versões dos fatos, ao

encadeamento das idéias e dos acontecimentos, além da escolha de termos estão editados de forma a possibilitar a compreensão do assunto. **Confusa** quando a linguagem empregada apresenta lacunas que dificultam ou impedem a compreensão da matéria. **Simplificada** quando a linguagem empregada não faz uso de termos ou conceitos técnicos não utilizados pelo senso comum no cotidiano. **Complexa** quando a matéria emprega termos técnicos, sem explicação de tais conceitos.

VIII – Imagens

A descrição das imagens se faz necessária, pois temos que verificar se há relação entre as imagens e o conteúdo, se demonstram os processos de C&T, se o ambiente está de acordo com o *off* do repórter, ou se as imagens são indiferentes ao conteúdo.

IX – Enquadramentos Recursos não-verbais

Consideramos recursos não-verbais expressões tanto dos entrevistados, personagens, repórter e apresentador que possam inferir expressões não ditas. Como, por exemplo, uma alteração na expressão facial ou na voz do repórter ou do apresentador para enfatizar algo. Além disso, observamos se há artes gráficas, quadros de explicação que foram empregados para ajudar a explicar as mensagens. Neste item se incluem também os planos de enquadramento, detalhados no Capítulo III, item 1.2.1.

Capítulo III

CIÊNCIA E TECNOLOGIA CONDUZIDAS PELA TELEVISÃO

1. O rural, a ciência e o objeto de pesquisa

Xico Graziano (2005, online) acredita que as lideranças agrícolas nem sempre conseguem destacar, para o conjunto da sociedade, a importância de seu trabalho e, dessa forma, continuam a falar para o umbigo, discursar “para nós mesmos”. Há uma barreira de comunicação, difícil de ser rompida, entre o campo e a cidade, onde impera a mídia.

A comunicação é uma forte aliada na promoção da divulgação das novas tecnologias para os agricultores, facilitando a organização da classe e a expansão de suas idéias. O programa *Caminhos da Roça*, por meio de seu conteúdo reforça seu comprometimento com o telespectador de mostrar as novas tecnologias e as pesquisas científicas que podem trazer benefícios para o produtor rural.

Alguns elementos, como o linguajar, o modo de dizer, observados na composição das reportagens do *Caminhos da Roça* permitem que se perceba o discurso popular do cidadão do campo, bem como o pedagógico, presente nas matérias. “No método didático-dialogal dos agricultores há um certo tempo de espera. Essa talvez seja uma ‘pista’ da fala rural: um tempo menos apressado, ou uma relação da fala com o tempo que dá margem à espera, a uma maior lentidão” (ORLANDI, 1989, p. 143). É exemplo disso a reportagem sobre o cultivo da fruta pitaia (que não compõe nosso *corpus*), na cidade de Socorro/SP, exibida em 15/04/06, na qual os personagens (produtores da fruta) falam do cultivo por experiência própria, dos modos populares que descobriram para que o plantio desse certo. É uma reportagem de mais de seis minutos e é praticamente toda ela produzida com os conhecimentos dos produtores, tendo os mesmos como personagens principais que conduzem a matéria, salvo o comentário de uma agrônoma ao final.

Na reportagem em questão o produtor ensinou ao telespectador, baseando-se em suas experiências empíricas, qual era a melhor maneira de plantar, de colher, de embalar para vender, quais são os lucros e prejuízos. “Nós não estamos fazendo adubação específica pra [sic] pitaia, nós estamos fazendo adubação específica pra [sic] ponkan. Não existe, assim, nenhum estudo específico pra [sic] isso. Então nós fazemos adubação da ponkan e ela está se beneficiando disso”, explica o produtor Cláudio Bernardi. Observamos a forma didática

também nas palavras do produtor rural Vladimir Moraes: “Quando você colhe a pitaiá ela não está boa pro [sic] consumo ainda. O ideal pra ela é se descansar cinco, sete dias numa fruteira. Quando você perceber que essas pétalas, essas escamas estiverem quase secas, amareladas, aí é o ponto bom pra consumo”. Tais exemplos nos remetem às palavras do historiador da Ciência Alexandre Koyré que dizia que o pensamento tecnológico também se assemelha ao raciocínio prático do senso comum. “O pensamento técnico do senso comum não depende do pensamento científico, do qual pode, no entanto, absorver os elementos, incorporando-os ao senso comum” (KNELLER, 1980, p. 247).

Incluída na Comunicação Rural está a divulgação de C&T, atividade que influencia a vida do homem e do país, por isso a população deve estar cada vez mais informada do que acontece no mundo das pesquisas científicas. De acordo com pesquisa do MCT (2007), dos 2.004 entrevistados, 60% apontam os cientistas como pessoas inteligentes, que fazem coisas úteis para a humanidade e 89% julgam que a sociedade deve ser ouvida nas grandes decisões sobre os rumos da ciência e da tecnologia. A ciência e a tecnologia não devem permanecer restritas apenas aos pares.

[...] o acesso às informações sobre C&T é fundamental para o exercício pleno da cidadania e, portanto, para o estabelecimento de uma democracia participativa, na qual grande parte da população tenha condições de influir, com conhecimento, em decisões e ações políticas ligadas a C&T. Entendemos que a formação de uma cultura científica, notadamente em sociedades emergentes, como é o caso do Brasil, não é processo simples ou que se possa empreender em pouco tempo. No entanto, o acesso às informações sobre C&T como um dos mecanismos que pode contribuir de maneira efetiva para a formação de uma cultura científica deve ser facilitado ao grande público carente delas (OLIVEIRA, F., 2002, p.13).

O programa televisivo *Caminhos da Roça*, ao se propor a falar sobre as novas tecnologias aplicadas ao campo, pode nos ajudar a entender como a ciência e a tecnologia são levadas à realidade daquele cidadão do campo que se informa e busca soluções para suas terras por meio da televisão. Ao ligar a TV para assistir ao programa, o telespectador pode conhecer soluções e inovações para a lavoura, para o gado, para a fazenda, para os pomares etc. Ao mesmo tempo em que pode se informar sobre reservas hídricas no solo, cotação de preços de produtos agropecuários como sacas de café, soja, milho, arroba do boi, fica sabendo também como pesquisas científicas podem ajudá-lo a resolver os problemas que surgem no dia-a-dia do meio rural.

1.2 Linguagem televisiva

A televisão ocupa um lugar privilegiado na hierarquia dos meios de comunicação. No caso do Brasil, a TV não é apenas um veículo do sistema nacional de comunicação, ela desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição de única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população. O telejornalismo cumpre uma função social e política tão relevante, há tempos, porque atingia um público em grande parte iletrado, ou pouco habituado à leitura, o que nos dias atuais já não é assim. Não só de iletrados se constitui o público telespectador.

O hábito consumista dos seres humanos, segundo Guilherme J. de Rezende (2000), justifica o fato de quase 100 milhões de pessoas estarem pensando em ver a mesma coisa, ao mesmo tempo, e o formato espetacular que este veículo pode oferecer representa a fórmula mágica capaz de magnetizar a atenção de um público tão diversificado. E esse espetáculo destina-se à contemplação e utiliza uma produção telejornalística unida a imagens muito atraentes, que muitas vezes perdem o valor jornalístico.

De acordo com pesquisas de mercado de John Carey, da *Greystone Communications*, com frequências as pessoas não estão assistindo à TV, mas sim ouvindo o noticiário. Muitas pessoas na verdade lêem jornal com a televisão ligada e tendem a olhar para a tela da TV quando ouvem alguma coisa que acreditam que pode trazer imagens importantes. “Colocar a informação no ar apenas visualmente, sem reforçá-la com palavras, pode ser um grande erro” (KOVACH; ROSENTIEL, 2004, p. 267). A oralidade é um dos principais meios utilizados pela produção televisiva para transmitir informações. O telejornalismo possui uma “aparente” oralidade, já que na realidade, em vez de ser só falado, o que o apresentador está dizendo já foi escrito anteriormente e agora está sendo lido. Os telejornais são lidos, ou seja, tudo possui antes uma base escrita.

Os hábitos dentro das redações (de jornais impressos e televisivos) também se alteraram ao longo do tempo. Jornais do mundo inteiro seguem essa vertente estética da televisão e praticam o estilo “televisão impressa”, quanto mais rápido e curto, melhor. Segundo essa mentalidade, o jornalista deve escrever o mínimo necessário para que o leitor/telespectador entenda a notícia. Prática também muito usada para jornalistas da Internet. A disseminação dessa técnica provoca efeitos ruins nos hábitos de leitura das pessoas, por exemplo, diminuir a capacidade de ler textos longos ou que envolvam certa abstração. “O jornalismo na televisão padece ainda mais da limitação lingüística pelo fato de que,

(es)premidos pelo tempo, os telejornais [...] são forçados a condensar ao máximo o noticiário” (REZENDE G., 2000, p. 26). Embora o programa objeto deste estudo não seja um jornal de notícias, este também conta com tempo restrito para transmitir tudo o que está planejado para o dia. Com cerca de uma hora e quinze minutos de programa, incluindo os intervalos comerciais, *Caminhos da Roça* tem que se planejar para colocar na programação em média três matérias, uma entrevista, quadros fixos de música caipira, causos do personagem caipira, cotações agropecuárias, previsão do tempo, culinária, informações sobre reservas de água no solo e alguns quadros esporádicos como de cartas do telespectador e um com notas cobertas ou notícias rápidas que tiveram destaque na semana. Esse último é um resumo de fatos ocorridos na semana e que precisam ser condensados em um espaço para que não tome mais tempo do programa.

Conforme Nelson Hoineff (1996, p. 87) mesmo com seus 50 anos a televisão falhou no estabelecimento de uma linguagem que lhe fosse peculiar e, mesmo que a televisão temática se volte para públicos específicos, a questão não estará resolvida. “Ao longo de tantos anos, a televisão, por algum motivo, tem se eximido de buscar o seu próprio específico, de criar a sua linguagem, em discordância com todas as outras formas de expressão e muito especialmente com a sua própria força de penetração”. Entretanto, discordamos das considerações de Hoineff e podemos dizer que há sim uma linguagem televisiva e que esta é a combinação dos códigos icônico, lingüístico e sonoro, um sincretismo das linguagens gestual, verbal, visual e sonora. O código icônico reporta-se à percepção visual do telespectador; o lingüístico referente à língua que se fala e escreve; o sonoro é relativo às músicas e aos efeitos sonoros, incluindo a fala. Embora alguns autores apontem a linguagem televisiva como incompleta esta não o é, já que o texto televisivo é uma união de outros textos e é constitutivo de significações. Faz parte da linguagem televisiva a forma como esses diferentes elementos são articulados. Próprio desta linguagem é o recorte feito pelos planos de filmagem, por exemplo, como um plano em *zoom*, que dirige o olhar.

Pela capacidade soberana da imagem, a linguagem televisiva é universal. Essa capacidade de mostrar a realidade mais de perto e de despertar uma participação mais efetiva do telespectador não acontece com a escrita, por exemplo, e essa é a grande característica da linguagem televisiva: o poder de mostrar com imagem e texto uma realidade mais próxima do telespectador.

É pela linguagem que o homem se comunica, mostra seus sentimentos e reconhece o outro. Uma linguagem mais carregada de sotaques, típica do povo do interior é percebida nos

personagens das matérias do *Caminhos da Roça* em palavras como “terra” e “lavoura”, ou em termos como “ás veiz” ao invés de “às vezes”. Essa diferença de linguagem é explicada por Barthes (1988, p.102) como um discurso acrático, aquele que é influenciado pelo senso comum, o popular, e que está fora do poder. Essa é a linguagem do cidadão do campo, que muitas vezes se pauta pelo sendo comum, em credences populares, ou mesmo experiências empíricas.

A linguagem televisiva se aproxima do telespectador ao ter um discurso mais próximo do diálogo e, dessa maneira, faz com que o telespectador fique envolvido pela entrevista, pela matéria etc.

Quem fala tem presente seu interlocutor numa interação face a face em que pode observar as reações dele. Em função disso, pode dosar a densidade das informações, repetir quando necessário para boa comunicação; interromper frases e abandonar fragmentos delas, quando perceber que o entendimento pelo ouvinte já se deu [...]. (PRETTI, 1991, p. 232, apud REZENDE, G., 2005, p. 56).

No *Caminhos da Roça* há uma identificação dos quadros apresentados com o público. Parte do programa é dedicada à música de viola e aos *Causos do Chico Lorota*, um personagem caipira que conta histórias e piadas com temas do campo. “*Caminhos da Roça* é ‘temperado’ pela cultura popular regional: Mazinho Quevedo é o anfitrião de violeiros que cantam histórias da terra. Histórias que também são contadas de maneira bem simples, através dos causos. *Causos do Chico Lorota*, que, de tão contados, viram verdade” (CAMINHOS DA ROÇA, 2006, online). Sodré (1977, p. 61) explica que a familiaridade instaurada pelo apresentador, em atitude de conversa, de bate-papo, naturaliza a apresentação do mundo pelas imagens e assim, estabelece o contato com o telespectador. Esse também é um atrativo do nosso objeto de estudo que traz o apresentador sentado na varanda de propriedades rurais do interior em meio a paisagens rurais e natureza durante entrevistas e conversas ao longo do programa. Em todos os *Caminhos da Roça* é possível notar que o apresentador Dimas Augusto entrevista de maneira pouco formal produtores rurais e/ou profissionais especializados sobre negócios, mercado agropecuário, plantações, criações e muitos outros assuntos.

Para algumas pessoas, o que a televisão mostra é o que acontece na realidade. Por isso a TV ocupa uma posição elevada se comparada aos demais meios de comunicação. Para que esta realidade não seja distorcida, nem dê a entender que é a única, nos primeiros contatos com o programa, notamos que muitas vezes há a presença de dois ou mais profissionais de diferentes instituições como fontes. Um exemplo é a matéria sobre uma nova técnica de

engorda do gado, exibida em 08/04/06 (que não faz parte do *corpus*), em que o apresentador informa que outras universidades, além da citada na reportagem, também testaram a nova tecnologia. Assim, verificamos que o pesquisador científico está sendo colocado nas reportagens como mais uma opção de fonte na intenção de mostrar diferentes visões ao telespectador, já que o pesquisador aparece sempre nas lavouras ou nas fazendas e muitas vezes interagindo com o produtor. O pesquisador próximo do trabalhador/produtor rural pode indiciar uma quebra de barreiras entre eles e denotar maior credibilidade ao que é exposto.

Sabe-se que existem conteúdos de diferentes qualidades mostrados pela televisão e, segundo Machado (2005, p.11), para conseguir captar o melhor conteúdo é necessário focar na diferença iluminadora da televisão, aquela que faz expandir as possibilidades expressivas desse meio. Pode-se abordar a televisão de várias formas, uma delas é considerá-la como “um dispositivo audiovisual através do qual uma civilização pode exprimir a seus contemporâneos os seus próprios anseios e dúvidas, as suas crenças e descrenças, as suas inquietações, as suas descobertas e os vôos de sua imaginação”. A televisão é um veículo de comunicação transformador e o ser humano, na condição de poder optar por aquilo que quer, tem papel fundamental nessa transformação.

No que se refere aos produtos que cria e transmite, seria absurdo afirmarmos que a televisão nos “obriga” a ver determinados programas ou a vê-los de uma determinada forma. Um e outro acto – ou mesmo a ausência deles – resultam, obviamente, de uma decisão livre do sujeito, e é com essa liberdade do sujeito que a televisão tem de lidar, procurando tentá-lo a “ver televisão” (SERRA, 2006, online).

Nos seus 50 anos de história, a televisão acumulou um repertório de obras criativas muito maior do que se supõe, um repertório denso que a inclui entre os fenômenos culturais mais importantes de nosso tempo. Mesmo com o meio século de vida da televisão, ainda conhecemos muito pouco sobre ela e sobre o que é produzido. Conhecemos somente o pior, como se só o pior fosse efetivamente a televisão. No entanto, essa realidade precisa ser mudada, precisa ser mais bem estudada para vermos também o que é de boa qualidade. “Não vemos nada a não ser lixo. Mas não vemos nada porque nos recusamos a ver, porque ficamos cegos quando encaramos a televisão” (MACHADO, 2005, p.20).

A questão de bom e de ruim na televisão pode também estar ligada à edição que ela recebe antes de ir ao ar. O repórter, após escrever ou gravar a matéria, envia o material bruto para o editor e este decide o que vai editar do produto.

1.2.1 Edição e enquadramentos

As matérias são construídas ao longo de dias e envolvem a participação de vários profissionais como o repórter cinematográfico, o repórter, o produtor – que organiza a pauta para que a equipe a produza de acordo com o enfoque pré-determinado –, o editor, o iluminador e outros. Após a coleta das imagens, gravação das entrevistas e da passagem, o repórter grava o texto em *off*, que será encaixado na imagem adequada. Feito isso, a fita bruta é enviada à equipe de edição (que pode ser o próprio repórter, ou o apresentador), que a transformará em produto final. É a edição que irá conferir valor estético ao produto final.

Recurso inseparável dos meios visuais, a edição tem como função básica selecionar e organizar as imagens, cortar o que está em excesso e unir áudio e imagem. No entanto, seu papel vai muito além dessa “colagem”. Entendemos que as rotinas produtivas contribuem para os jornalistas irem moldando no espelho do jornal e nas ilhas de edição os contornos do que é notícia. A edição é uma ferramenta importante para o meio televisivo. É de acordo com ela que o telespectador vai, ou não, ver determinados elementos dentro da matéria.

Conforme Pinto (1999, p. 33) a imagem deve ser considerada também como um discurso, pois nelas encontramos intertextualidade, enunciadores e dialogismo, tal como nos textos verbais. O mais comum é encontrarmos textos mistos que reúnem texto verbal e imagens, ou texto e sistemas sonoros (ruídos e sons musicais) ou os três. O cinegrafista é quem escolherá quais tipos de enquadramento fará. A partir disso, as imagens podem passar sensações ao espectador.

Os enquadramentos na hora da captação das imagens devem ser muito bem planejados, pois é deles que depende, em grande parte, o ritmo da reportagem. Descrevemos a seguir alguns planos de enquadramento em televisão baseados em nossos conhecimentos e nas definições do Dicionário de Linguagem Cinematográfica ([s/d], online).

Um enquadramento bastante utilizado em televisão é o *zoom*, que consiste em mostrar uma cena com maior ou menor nível de detalhes. O *zoom* cria a sensação de movimento, que faz o espectador ter uma impressão de deslocamento. É classificado em *zoom in* e *zoom out*: enquanto o primeiro aproxima o objeto do enquadramento, o segundo afasta.

São usados também os enquadramentos mais fechados, chamados de **plano próximo**, em que se enquadra a pessoa da metade do tórax para cima e que visam transportar ao espectador maior carga emocional, ou tensão, fazendo com que o telespectador se identifique com os atores do enunciado. Há também a **panorâmica** (ou *pan*), onde se tem uma visão

ampla de algum lugar. Há ainda os planos de enquadramento em **ângulo alto**, que é a imagem com a câmara focalizando a pessoa ou o objeto de cima para baixo; em **ângulo baixo**, com a câmara focalizando a pessoa ou o objeto de baixo para cima; em **contra campo** em que a filmagem é efetuada com a câmara na direção oposta à posição da tomada anterior; **fora de campo**: quando a ação acontece fora do foco da câmara; **plano americano**: quando se enquadra a personagem da altura dos joelhos para cima; o **plano de detalhe**: que mostra apenas um detalhe, como os olhos do entrevistado; **plano médio**: que mostra uma pessoa enquadrada da cintura para cima; **primeiro plano**: enquadrar pessoas ou objetos que estão mais próximos à câmara, à frente dos demais elementos que compõem o quadro; **travelling**: quando a câmara está em movimento acompanhando, por exemplo, o andar dos atores da reportagem, na mesma velocidade; **plano grua**: em que a câmara fica montada num tipo de guindaste especial de filmagens (chamado grua) e permite, por exemplo, passar de um plano geral a um plano detalhe; **plano subjetivo**: onde a câmara substitui o olhar de um dos protagonistas da ação dando a entender que a câmara é o próprio olho da personagem; **plano geral**: que mostra uma área de ação relativamente ampla; **plano de conjunto**: que mostra um plano um pouco mais fechado do que o plano geral. Os dois últimos são bastante utilizados em nosso objeto de estudo para mostrar as plantações, as fazendas, as criações de animais etc.

Editar é selecionar o que irá ao ar e o que ficará de fora. A edição irá interferir na escolha do tempo e na duração de cada plano de filmagem e como cada plano será substituído pelo outro, o que determina como será transmitido o conteúdo selecionado.

[...] quando um entrevistado tem uma fala longa, pode se inserir o chamado contra-plano. O público vê o entrevistado de frente, depois de lado e de frente novamente. Não houve mudança no tempo cronológico, mas alterou-se, via ato de edição, o sentido de tempo de percepção dessa entrevista: o efeito obtido pela inserção do contraplano é de fragmentação do plano de expressão, o que dá uma sensação de aceleração, de que a cena está passando mais rapidamente em relação a uma outra sem o recurso. Esse efeito de expressão resulta no que é mais conhecido como “tempo psicológico” (BRASIL, [s/d], online).

Além de toda harmonia que deve existir na produção do texto para o meio televisivo, ainda conta-se com efeitos sonoros para “dar vida” a algum elemento ou personagem da matéria. A música e os efeitos sonoros também são parte importante na hora de editar um material de vídeo. Com esses efeitos o editor pode provocar suspense, tristeza, alegria e outras sensações no telespectador. No caso do *Caminhos da Roça*, a música de fundo que entra na abertura do programa é um toque de viola coberto com imagens paradas (fotos) de

agricultores, de aves e das plantações. Após a abertura pode-se ouvir o som de pássaros cantando, de cachoeiras, de porcos com seus filhotes, de porteira abrindo, do motor do trator, do mugido do gado, e outros sons típicos do campo. Tudo isso coberto com imagens que muda de edição para edição. Nas matérias não há habitualmente uso de trilha ou efeitos.

Não existe acaso na montagem; todos os elementos constitutivos de um plano, enquadrado a partir da intenção do diretor, são passíveis de uma leitura ideológica pelo espectador, e serão reforçados, ou não, pela relação criada pelo corte (LEONE; MOURÃO, 1993, p. 57).

Como público, somos levados pelas decisões que os jornalistas e os editores tomam sobre o conteúdo e a edição dos programas. Os programas televisivos são construídos de forma coletiva e as possibilidades de interpretação abertas pela edição são muitas e, a partir delas, desenvolveram-se convenções e contravenções sobre o dizer.

1.3 TV, C&T e o discurso sobre o rural

De acordo com o sociólogo José Mindlin (2003, p. 9), até os anos 90, o Brasil investia 0,5% do PIB em pesquisa e desenvolvimento, mas, no governo Fernando Henrique o investimento passou para 1% e o número só vem crescendo. Em 2002, segundo o MCT (2004, p.31) os dispêndios dos governos estaduais em pesquisa e desenvolvimento foram 86,2% para o Sudeste, 7,0% para o Nordeste, 5,6% para o Sul, 1,0% para o Norte e 0,2% para o Centro-Oeste. Dessa forma, comprova-se que é no Sudeste, onde estão os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, que se concentra o maior investimento em pesquisa. Ronaldo Mota Sardenberg, ministro da Ciência e Tecnologia em 2002, em seu artigo “Conhecimento para o desenvolvimento” aponta que a divulgação é fundamental para o avanço da ciência e da tecnologia no Brasil e que é graças ao jornalismo científico que temas essenciais são assimilados pela sociedade. Segundo ele, o trabalho de divulgação científica é vital para capacitar a população a entender e a participar dos assuntos nacionais sobre Ciência e Tecnologia (SARDENBERG, 2002, p.27).

Diferentes veículos de comunicação, como revistas, jornais e programas televisivos trazem em seu conteúdo assuntos relacionados à C&T. *Caminhos da Roça* é um deles. Apesar de ser um programa que, em sua proposta inicial, não se volta especialmente para a divulgação

científica, as evoluções, pesquisas e crescimento tecnológico a equipe do programa leva pautas de ciência e tecnologia ligadas ao agronegócio para a redação.

Além do *Caminhos da Roça*, outros programas de TV exibidos no interior do Estado de São Paulo mesclam C&T e rural. O pioneiro deles é o *Globo Rural*. Programa da *Rede Globo*, que está no ar desde 1980. No início era apresentado pelo jornalista Carlos Nascimento e foi o primeiro programa do gênero. É exibido atualmente de segunda à sexta-feira, às 6h15 da manhã e, aos domingos, às 8h da manhã, trazendo reportagens nacionais e internacionais, mas tem o Brasil como principal área de atuação. Com assuntos voltados para o campo, o programa aborda atividade agropecuária, fala sobre o agricultor, plantações, criações e inovações da área. Dentro da *Rede Globo* (no Estado de São Paulo) apenas o *Globo Rural* e *Caminhos da Roça* abordam agronegócios e divulgação de C&T. Outros programas da emissora como o *Terra da Gente*, o *Globo Ecologia* não misturam as duas temáticas. O primeiro é mais voltado para a natureza e pescaria e o segundo trata mais sobre o meio ambiente.

Em outra emissora do interior paulista, na *TV Clube (Band)*, é exibido um programa nos moldes do *Caminhos da Roça*. É o *Programa Manoel Branco*, que vai ao ar às 8h da manhã também aos sábados e é voltado para as áreas do agronegócio, ecoturismo, culinária, saúde animal e entretenimento (com causos caipiras e música de raiz). No interior de São Paulo, a transmissão da *TV Clube* abrange 78 municípios. O programa também fala sobre tecnologia, entretanto o foco principal é o entretenimento.

Segundo Bourdieu (1997, p.18) com a televisão, nós estamos diante de um instrumento que possibilita atingir todo mundo. Daí certo número de questões prévias: o que tenho a dizer está destinado a atingir todo mundo? Estou disposto a fazer de modo que meu discurso, por sua forma, possa ser entendido por todo mundo? Será que ele merece ser entendido por todo mundo? Pode-se mesmo ir mais longe: ele deve ser entendido por todo mundo? A divulgação de C&T não precisa ser entendida por todos, até mesmo porque não há como se garantir o entendimento por parte de todos os leitores e espectadores, a menos que se saiba o nível de instrução em que cada um deles se encontra. As mídias são como um organismo especializado que tem a vocação de responder a uma demanda social por dever de democracia. E assim a profissão de informadores (jornalistas) se justifica por buscar tornar público aquilo que seria ignorado, oculto ou secreto. É necessário que as informações sejam postas em cena de modo que interessem e sejam compreendidas pelo maior número possível de pessoas. “Informar é possuir um saber que o outro ignora (‘saber’), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse

outro ('poder dizer'), ser legitimado nessa atividade de transmissão ('poder de dizer')" (CHARAUDEAU, 2006, p. 63).

Não é diferente no caso da Comunicação Rural. O jornalista é um fornecedor da informação, um mediador entre os acontecimentos do mundo e a compreensão pública e o repórter científico deve saber como escrever na linguagem do homem comum. De acordo com Bueno (1984 apud AUBERGUINI, 2007 p. 18), a reportagem de Ciência e Tecnologia cumpre as seguintes funções: informativa, educativa, social, cultural, econômica e político-ideológica. Ao informar, a matéria sobre C&T complementa e atualiza conhecimentos e, neste sentido, educa; ao transmitir conhecimento, atua sobre a sociedade e a cultura, determinando escolhas econômicas e, no fim, opções político-ideológicas.

Para passar o discurso informativo, os meios de comunicação unem vários tipos de discurso, entre eles o discurso científico. Entretanto, o discurso científico implica a seleção de um público muito reduzido, especializado, que possua os mesmos instrumentos de raciocínio, a mesma terminologia e compartilhe os mesmos conhecimentos da comunidade científica. Se adotar somente esse discurso, excluirá um público amplo, mesmo dirigindo-se aos mais cultos. O coloquialismo mesclado ao caráter jornalístico deve-se às características do público que se deseja atingir. Por outro lado, a presença do discurso científico, com linguajar técnico, atribui reconhecimento e autoridade às matérias. Nestes casos, o repórter tem o papel de fazer a mediação entre o científico e o popular, dotando o discurso de características didáticas, praticando a divulgação científica, muitas vezes de questões bastante complexas (GONÇALVES, 2005, online).

A respeito desse tema, Orlandi (1989) explica que como existe em toda prática de linguagem entre grupos diferentes [...], as dificuldades de interlocução, encontradas também nessas que analisamos, não se devem ao domínio estrito das formas da gramática. As diferenças existem, mas são de outra ordem e tocam a identidade sócio-político-ideológica desses grupos. Não está sendo posta em dúvida a legitimidade do discurso do saber popular (do conhecimento informal) do agricultor. Ao contrário, ambos os discursos, o científico e o popular, têm suas áreas específicas de eficácia e atuação.

1.4 A notícia científica na TV

A redação científica teve início no século XVI quando os primeiros cientistas tiveram suas atividades censuradas pela Igreja e pelo Estado e para conseguirem passar suas

descobertas uns para os outros, eles encontravam-se às escondidas em várias cidades. Dessas reuniões surgiu a tradição da comunicação aberta e oral sobre assuntos científicos.

Foi Henry Oldenburg, secretário da *Royal Society* quem deu início ao jornalismo científico com a publicação *Philosophical Transactions*, periódico da *Royal Society*, em março de 1665. A redação sobre temas científicos ainda pode ser considerada novidade entre as várias formas do jornalismo. Os profissionais que se dedicam a escrever sobre ciência consideram que suas carreiras são construídas ao redor de explicar ou traduzir conhecimento científico para pessoas que podem ser ou não cientistas. A redação científica ajuda a transpor a brecha entre cientistas e não-cientistas e ainda educa os indivíduos.

À medida que os escritores de ciência espalham informação fora do núcleo das disciplinas científicas, a ciência perde alguma precisão e muito do jargão técnico. Nos meios de comunicação de massa – jornais, rádio e televisão – a ciência torna-se popularizada e até mesmo “sensacionalizada”, e por uma boa razão. Mulheres, homens e crianças, na maioria das vezes com tempo limitado e freqüentemente cansados, têm pouco incentivo para mergulharem na prosa indigesta, que pouco oferece às suas vidas cotidianas (BURKETT, 1990, p. 8).

Jornalista especializado em divulgar ciência deve aproximar os temas científicos de seus públicos encontrando um significado para seu público-alvo dentro da notícia. Os textos devem ser explicados de forma clara e simplificada, porém, sem excesso de simplicidade na linguagem. Essa característica de transmissão de maneira simplificada e que pode ser útil para o cidadão do campo é encontrada em nosso objeto de estudo constantemente. O programa procura levar ao telespectador a notícia de forma didática, com explicações em caso de haver termos técnicos, de modo que seja compreendida com facilidade. Comunicar sobre ciências não é apenas dar publicidade, traduzir, reconstruir discursos ou projetar o conhecimento, mas, principalmente, sinalizar com possibilidades de redução do fosso que existe entre os que conhecem, produzem conhecimento, e os que não produzem e nem têm acesso.

A transmissão da informação pela TV está ligada também à linguagem do veículo. Para Muniz Sodré (1977) a linguagem da TV, através da simulação do espaço íntimo e familiar, reforça, pela repetição de imagens, o estatuto individualista (a ficção ideológica do ego único ou do sujeito da consciência autônoma) da pessoa humana. No contato televisivo, um indivíduo singular e familiarizado dirige-se ao espectador, supostamente nas mesmas condições e o que aparece no vídeo pretende ser apreendido como simultâneo ao tempo do espectador. Mesmo quando a ação transmitida declara-se passada com relação ao presente do

telespectador, a retórica do direto persiste, seja através da intervenção dos apresentadores, seja através dos recursos fáticos empregados na filmagem.

A repetição de imagens é, portanto, também um elemento estrutural do discurso analógico da TV. Mas ela não forma a mensagem progressivamente, pelo acúmulo iterativo de relações simbólicas, e sim pela transparência significativa de cada imagem. A significação precisa ser imediatamente apreendida pelo telespectador, já a que a situação de recepção e a baixa qualidade da imagem televisiva não recomendam esforços da memória ou de perseverança. Diferente de um comercial, por exemplo, que pode ser memorizado pela memória instantânea em seis ou oito segundos.

O verbal e o visual se repetem exaustivamente no vídeo. Por isso, até agora, a tevê tem estado mais próxima do rádio do que do cinema. É que o compromisso com o real histórico (em termos institucionais, com a informação jornalística) impele a tevê a uma lógica de demonstração, de explicação, que percorre todas as suas possibilidades expressivas. Ela pode mostrar qualquer coisa, mas tem de explicar, de esclarecer o que mostra. E nesta operação, a palavra, o verbo, impõem seu poder ao elemento visual (SODRÉ, 1977, p.74).

Em sua tentativa de dizer o real, a televisão na verdade constrói uma realidade (aquela gerada pelo código do *médium*) na forma de um sistema de representações sociais. A representação é o modo de conhecimento ideal para a TV, por implicar num processo basicamente imagético ou figurativo (SODRÉ, 1977, p.76). Para justificar essa tentativa de dizer e mostrar o real, é extremamente necessária a presença de um elemento: a fonte de informação. É através e com ela que o jornalista irá justificar o que está dizendo, os dados e as argumentações que fará durante a matéria.

1.5 A fonte de informação

Não poderíamos deixar de falar de uma aliada importante do profissional da comunicação: a fonte de informação, que no caso desta pesquisa é a fonte científica. É com ela que o jornalista irá trabalhar para que a confecção dos textos tenha o máximo de informações precisas e, por isso, as fontes precisam ser confiáveis. “Os jornalistas tendem a lidar com os cientistas mais antigos, cuja reputação no seio da comunidade científica está bem estabelecida. Eles são mais seguros e dispostos a falar” (BURKETT, 1990, p. 13). Em revistas especializadas em C&T, ou em programas televisivos, as principais fontes são cientistas

ligados às universidades ou institutos ligados ao governo do Estado. Exemplo disso é o nosso objeto de estudo, que em uma prévia contagem de fontes mostrou que a maioria delas está ligada principalmente a universidades públicas do Estado de São Paulo localizadas nas regiões onde o programa é exibido, como USP (*campus* Ribeirão Preto) e Unicamp (em Campinas) e a institutos de pesquisa como o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), a Embrapa, a Secretaria da Agricultura, entre outros. Segundo pesquisa do MCT (2007) sobre credibilidade das fontes de informação, os cientistas que trabalham em universidades foram apontados por 30% dos entrevistados como mais confiáveis, ficando atrás apenas de jornalistas (42%) e de médicos (43%). Fontes ligadas a órgão do governo inspiram maior credibilidade.

Os pesquisadores científicos têm a missão de restituir ao público as contribuições da pesquisa. “Somos, como dizia Husserl, ‘funcionários da humanidade’, pagos pelo Estado para descobrir coisas, seja sobre o mundo natural, seja sobre o mundo social, e, ao que me parece, faz parte de nossas obrigações restituir o que descobrimos” (BOURDIEU, 1997, p. 18). Para o autor, os pesquisadores deveriam usar mais a televisão para fazer essa prestação de contas e, dessa maneira, atingiria um grande público e os deixaria mais informados sobre as novidades do mundo das ciências, já que a televisão tem uma espécie de monopólio sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população e o espaço vazio deveria ser preenchido com informações pertinentes para o cidadão exercer seus direitos democráticos. “Informação não é entretenimento. É uma necessidade numa sociedade democrática. Portanto, o noticiário de televisão deve dar ao povo o que ele precisa, ao lado do que ele quer” (HOINEFF, 1996, p. 99).

Neste estudo, como veremos no Capítulo V, as fontes de informação representam vários institutos de pesquisa e universidades e são muitas vezes engenheiros agrônomos, pesquisadores que voltam sua atenção para o campo. Entretanto, tais fontes, quase sempre, ao transmitirem uma informação, fazem uso de discursos como o tecnológico, e não do científico, e muitas vezes em tom informal. Cada discurso tem o seu lugar e suas áreas específicas de eficácia e atuação. Tanto o discurso do saber popular e do conhecimento informal do agricultor, quanto o do pesquisador que vai até a propriedade rural para falar com o cidadão do campo.

CAPÍTULO IV

CONHECENDO CAMINHOS DA ROÇA: A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA TV REGIONAL

Como este é um estudo baseado na análise do discurso de um programa televisivo, a contextualização histórica da emissora e do programa analisado é necessária uma vez que o processo de enunciação é parte da construção social. Gill (2002, p. 245) destaca que, para a análise do discurso é essencial “o reconhecimento de que as maneiras como nós normalmente compreendemos o mundo são históricas e culturalmente específicas e relativas”. Assim, para analisar o discurso do *Caminhos da Roça* é importante considerar aspectos tais como a longevidade e o prestígio do programa e da emissora que o exibe. É também na história, tanto do programa quanto da *Rede Globo* e das associadas que se encontram elementos que justificam alguns aspectos relevantes do formato do programa e, ao mesmo tempo, embasamento para uma interpretação do discurso sobre a ciência nele presente, além de explicações para a linguagem utilizada, para a seleção de temas ou mesmo pelo interesse demonstrado por temas científicos.

1. O global e o regional

O desenvolvimento tecnológico, em particular o aperfeiçoamento das mídias digitais, foi fundamental para a produção e disseminação em grande escala de informações e produtos culturais de consumo a tal ponto que alguns teóricos falam não de globalização, mas de uma mundialização, compartilhada por indivíduos e sociedades distintas. Os meios de comunicação de massa, potenciados por essas tecnologias, ultrapassam fronteiras, culturas, idiomas, diversidades e desigualdades sócio-econômicas. O processo de globalização da comunicação leva, ao mesmo tempo, à democratização das informações e à criação de um ambiente saturado, o que causa a incomunicação. Por um lado, o aumento do número de fontes de transmissão como canais de TV a cabo e sites na Internet possibilitam ao receptor não só o recebimento de informações provenientes de qualquer lugar do planeta e de maneira rápida, mas abre espaço para o aumento da superficialidade (SANTOS; LICHT; GIL, 2006, online).

O crescimento da aceitação da TV trouxe diferentes tipos de programas e também um novo formato: a TV por assinatura. Com o passar do tempo, o fato de ter que pagar para

assistir a uma programação diferenciada começou a movimentar pensamentos e discussões sobre o futuro da TV aberta. Em 1998, em eventos onde se discutia sobre regionalização e futuro da televisão, já se falava que o novo caminho para as emissoras era a regionalização.

Santos, Licht e Gil (2006, online) explicam que paralelamente ao processo de Globalização deflagrado no final da década de 1980, houve uma preocupação com a produção e veiculação de informações e de produtos culturais ligados a determinadas regiões, grupos étnicos ou sociais. A mesma tecnologia que permite a difusão em grande escala de bens culturais de consumo e padronizados também possibilita o desenvolvimento de sistemas de comunicação que atendem a países, regiões ou segmentos da sociedade. A própria abrangência do sistema global torna necessária a preservação do local. Seja para manter a identidade cultural de um grupo, de uma sociedade, de uma região ou de um país, a comunicação regional assume importância fundamental na atualidade.

Cabe-nos dizer que o termo regional contrapõe-se à globalização. Porém, isso não significa que a palavra esteja vinculada a algo que segue na contramão dos acontecimentos. Pelo contrário, ela se fundamenta nos movimentos regionais e justifica a sua existência a partir da internacionalização das estruturas econômicas (DINIZ [s/d], online).

Ramires (2000 apud SOUSA, 2005, online) expõe que há pelo menos dois tipos de TV Regional: a do tipo 'espelho' (próprias da região) e a do tipo 'janela,' que permite uma análise sobre a dupla relação: 1) público-privado, em que o setor público continua a ter importância política e regulatória e o privado a se responsabilizar pelo ímpeto empreendedor e pelo domínio da técnica, e 2) nacional-local, em que a Televisão Regional tem demonstrado empiricamente que é capaz de abrandar os malefícios da "megatelevisão", se voltando para os interesses de suas localidades. A atuação de um veículo regional está ligada às condições de produção e distribuição de informações que possui e, unido a isso está também a estrutura tecnológica, o mercado em potencial, a capacidade de lidar com as diversidades regionais, além de inserir seus públicos na programação.

Sabemos que um veículo regional atende a uma região delimitada, um determinado número de municípios dentro de alguns Estados e, em um estudo que envolve a mídia, temos considerar o espaço geográfico do veículo de comunicação que estudamos. Região é um espaço não caracterizado pela uniformidade das paisagens ou das produções humanas, mas pela uniformidade das trocas e fluxos que unem os vários elementos por meio do mercado. Pressupõe uma combinação de fenômenos e, portanto, de critérios. Pode, ainda, ser resultado de um conjunto de percepções (OLIVEIRA, R. 2006, p.2). Em uma região, embora haja

semelhanças quanto à produção, mercado e públicos, há também uma diversidade de experiências, de comunicação, conteúdos, de públicos e de elementos culturais, o que também caracteriza a região.

Nesse contexto, definimos como TV regional aquela que leva em conta tendências políticas, culturais e sociais de determinada região, que transmite sinal e volta sua programação para aquela região e que, enfim, representa as identidades regionais. Um veículo regional deve levar em conta especificidades e peculiaridades comprometendo-se com produções e notícias que privilegiem a região, estabelecendo, assim, um vínculo com o público regional.

O fundador da *EPTV* José Bonifácio Coutinho Nogueira afirma que como já vinha de uma família ligada ao interior de São Paulo e acreditava que esse seria um espaço contemplado para o meio televisivo e foi com a abertura da licitação para a região de Campinas que ele sentiu que era chegada a hora de trabalhar com o interior de São Paulo. Segundo Bonifácio Filho, executivo da *EPTV*, ao longo destes anos, a equipe obteve uma certeza: estão junto da comunidade registrando sua história, vivendo as emoções de seu dia-a-dia e contribuindo para seu fortalecimento (*EPTV*, 1998). A televisão regional no Brasil é uma realidade que ajuda a diversificar a qualidade da programação das emissoras.

1.2 A Rede Globo

Fundada e dirigida pelo empresário Roberto Marinho, a *Rede Globo* de Televisão dá início às suas atividades no dia 26 de abril de 1965 no Rio de Janeiro pelo canal 4. No ano seguinte chega a São Paulo pelo canal 5 e, em 1968, é inaugurada a terceira emissora em Belo Horizonte e as retransmissoras nas cidades de Juiz de Fora e Conselheiro Lafaiete.

O marco das transmissões em rede nacional no Brasil foi a primeira apresentação do programa *Jornal Nacional*, em 2 de setembro de 1969. A transmissão alcançou 54 milhões de telespectadores nos Estados do Rio, São Paulo e Porto Alegre. Desde então outras redes de televisão cresceram, se modernizaram tecnologicamente e passaram a coordenar emissoras menores, criando filiadas e afiliadas. Além da *Rede Globo*, o Brasil conta hoje com outras seis redes de televisão: *SBT*, *Record*, *Bandeirantes*, *Rede TV*, *Rede Cultura* e *TVE* além dos canais disponibilizados pela TV por assinatura (PINHEIRO, 2006, p.1).

A *Rede Globo* conta com 113 emissoras entre geradoras e afiliadas e pode ser assistida em 99,84% dos 5.043 municípios brasileiros. Tem uma programação baseada em shows,

dramaturgia, jornalismo, entretenimento e documentários, emprega 13 mil funcionários. A maior parte da sua programação é produzida em seus estúdios, chegando a 88% no horário nobre e também é apresentada no exterior através da *Globo Internacional*, chegando a 5,5 milhões brasileiros e portugueses (PINHEIRO, 2006, p.3).

Para atingir toda a extensão territorial brasileira, a *Rede Globo* é composta por filiais (emissoras próprias) e afiliadas (empresas associadas à emissora, que retransmitem a programação da rede, embora também tenham programação própria). Com a regionalização de seus sinais, uma preocupação das redes é com a qualidade técnica da imagem. Por isso, segundo Bazi (2001), em 1995, a *Rede Globo* investiu R\$ 3 milhões de equipamentos de transmissão para a instalação e modernização de suas afiliadas. O retorno desse investimento foi rápido. Em 1996, 59% do faturamento publicitário da emissora saiu das cidades do interior.

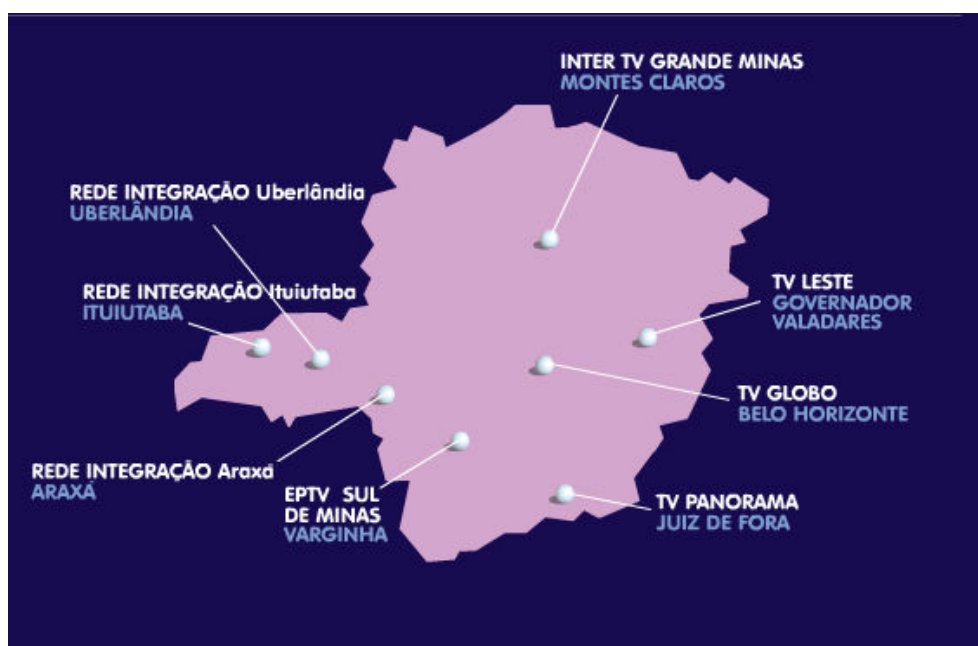
De acordo com a legislação atual, uma rede nacional pode ter dez estações de TV de sua propriedade, sendo as demais emissoras afiliadas, para que seja evitado o monopólio e haja valorização das culturas regionais por meio da regionalização da programação (BAZI, 2001, p.21). A *Rede Globo* tem afiliadas em todos os Estados brasileiros. Nesta pesquisa optamos por mostrar apenas a abrangência nos Estados de São Paulo e parte de Minas Gerais, que é onde nosso objeto de estudo é exibido.

Redes afiliadas no Estado de São Paulo



Fonte: (REDE GLOBO, 2007, online).

Redes afiliadas no Estado de Minas Gerais.



Fonte: (REDE GLOBO, 2007, online).

1.3 A EPTV como TV regional em Ribeirão Preto

A cidade de Ribeirão Preto, com 151 anos completos em 2007, detém um grande número de meios de comunicação entre revistas, rádios, jornais impressos e canais de TV. Ao todo, somam oito as emissoras de televisão atuantes da cidade: *EPTV* Ribeirão, *SBT*, *TV Clube*, *Rede Record*, *TV THATHI* e *TV UNAERP*.

Como exemplo de TV regional do Estado de São Paulo, a *EPTV* (Emissoras Pioneiras de Televisão), afiliada da *Rede Globo*, nos serve de base para esta pesquisa já que tem em sua programação elementos da cultura de cada região em que é exibida, preocupação com acontecimentos e problemas locais. No livro comemorativo dos 20 anos da emissora lê-se que a *EPTV* deu sentido próprio à televisão regional: informando, divulgando cultura, levando entretenimento e valorizando o talento da terra, atuando para e com a comunidade. A sede da *EPTV*, localizada em Campinas, foi inaugurada pelo empresário José Bonifácio Coutinho Nogueira em 1º de outubro de 1979. Foi na hora do almoço que foi ao ar a primeira notícia da *EPTV*: a abertura do novo canal de televisão. “Boa tarde. A TV Campinas, Canal 12, inicia

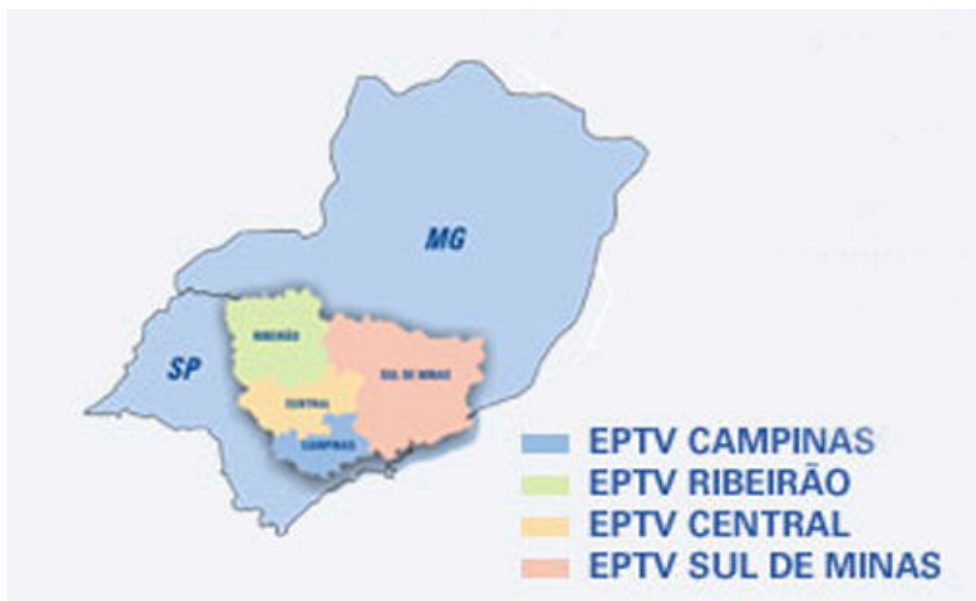
neste momento a transmissão de seu telejornal. Neste momento também abre suas câmeras para a cidade, para os problemas e interesses legítimos da comunidade” (EPTV, 1998, p. 113).

A *EPTV* Ribeirão nasceu em 12 de novembro do ano seguinte. As instalações desta praça foram construídas no tempo recorde de nove meses. Em algum tempo, a caçula entre as afiliadas da *Rede Globo* passou a produzir o bloco local para o *Globo Esporte*, o *Globinho* (programa dirigido ao público infantil) e a parte local do *Jornal Nacional*. Em 1983 a *EPTV* Ribeirão também estreou seu *Jornal Regional*.

A inauguração da *EPTV* Campinas, e das demais praças posteriormente, marcou o início de uma nova relação entre os meios de comunicação e o público. As cidades do interior agora assistiam à TV com a cara e as cores regionais. A proposta era aliar a liderança da programação da *Rede Globo* à força das emissoras regionais, além de apoiar as diversas atividades regionais e disponibilizar uma programação local, ao lado da fornecida pela cabeça de rede, oferecendo oportunidades de crescimento aos anunciantes locais.

Tornou-se evidente, com o decorrer do tempo, a noção de que a TV Regional era uma realidade e, até mesmo, uma necessidade mercadológica. A partir daí, foram realizados novos investimentos, para ampliar a área de cobertura das emissoras, através de postos retransmissores, bem como da inauguração de duas outras emissoras: TV SUL DE MINAS, em Varginha (8.8.1988), e EPTV CENTRAL, em São Carlos (1.07.1989). O crescimento da cobertura das emissoras foi além dos municípios-sede, atendendo as cidades das micro-regiões (EPTV, 2007, online).

O mapa seguinte mostra as regiões onde atuam as quatro emissoras da rede *EPTV* nos Estados de São Paulo e Minas Gerais.



Fonte: (EPTV, 2007, online).

No início, as notícias da região de Ribeirão Preto, como as enchentes, entravam no bloco das notícias locais e regionais do *Jornal Hoje*, da *Rede Globo*. O esforço de se colocar no ar cenas das enchentes (tragédia que se repetia há anos), por exemplo, parece ter revelado de imediato a proposta para um jornalismo local. Operando no canal 7, em VHF, a *EPTV* Ribeirão atende 68 municípios, sendo quatro do Sul de Minas (Claraval, Itamogi, Pratápolis e São Tomás de Aquino), totalizando uma população de 2.337.990 milhões de habitantes.

Nossa região tem as dimensões de um país. Nossa equipe conta com 600 profissionais trabalhando dia e noite para levar informação aos 300 municípios de nossa área de cobertura. Nosso jornalismo tem a força e a voz dos interesses comuns a 10 milhões de cidadãos. Credibilidade é nosso maior patrimônio. Contribuir para o desenvolvimento da região é nossa bandeira (EPTV, 2007, online).

O destaque da programação regional é o fato de conseguir estabelecer relações prósperas com o público, mostrar a realidade que está próxima do cidadão. A produção televisiva trabalha, em seu cotidiano, com características e elementos de identificação regionais. E essa regionalização da produção, hoje, é uma questão muito mais de caráter técnico, por três razões principais: o barateamento dos custos de captação e edição de imagens e sons, que permite o acesso aos meios de produção por um número cada vez maior de pessoas; o barateamento nos custos de distribuição do sinal produzido, em particular no envio

de sinais por microondas e no *uplink* para os satélites de comunicação; e a crescente demanda pelos operadores por uma programação em língua portuguesa, mas, sobretudo diferenciada (HOINEFF, 1996, p. 95).

A tabela a seguir apresenta a programação regional exibida pela *EPTV* Ribeirão de segunda a sábado. Aos domingos não há apresentação de nenhum programa da afiliada.

Programa	Segunda à Sexta	Sábado
<i>EPTV</i> Comunidade	----	8h00 - 8h44
<i>EPTV</i> Notícia⁴	8h – 8h02	----
Caminhos da Roça	----	8h45 -10h00
Jornal Regional 1ª edição	11h45-12h29	12h00 -12h44
<i>EPTV</i> Esporte	----	12h - 12h14
Terra da Gente	----	13h45 - 15h00
<i>EPTV</i> Cidade⁵	10h53 e 17h17	----
Jornal Regional 2ª edição	8h55-19h15	8h55-19h15

Tabela construída a partir de dados disponibilizados no site <http://eptv.globo.com/emissora/> e também por observação da programação na TV.

O próximo quadro mostra a média de audiência das quatro praças da *EPTV* no horário das 7h às 23h59 em comparação com as demais emissoras:

	Campinas	Rib. Preto	São Carlos	Varginha
<i>EPTV</i>	22	26	27	24
SBT	10	14	9	12
Record	2	2	3	3
Bandeirantes	2	2	1	2

Fonte: (BAZI, 2001, p. 66).

⁴ *EPTV* Notícia é programa que estreou em dezembro de 2007 com a proposta de prestar serviços à comunidade. Entra logo após o *Bom Dia Brasil*, às 8h da manhã, tem duração de cerca de dois minutos e é um conjunto de notícias sobre a previsão do tempo para o dia, a localização dos radares móveis pela cidade, além de outros eventos e datas que forem de interesse público. Por exemplo, no dia 07/12/07 entre outras utilidades, transmitiu-se datas dos vestibulares que seriam realizados no próximo domingo (09/12/07) e os endereços das universidades.

⁵ *EPTV* Cidade são boletins de notícias com duração aproximada de dois minutos podendo entrar na programação da manhã e da tarde em qualquer horário. O dado que foi inserido nesta tabela foi baseado na programação do dia 28 de novembro de 2007.

A afiliada da *Rede Globo* lidera audiência sobre as demais emissoras mesmo com poucos espaços para exibir sua própria programação, já que a maior parte da programação deve ser da cabeça de rede. A Rede *EPTV* ganha espaço e audiência de seu público nas quatro praças onde exibe programas nacionais e regionais. Segundo dados do site⁶ oficial da *EPTV*, juntas as quatro praças atingem uma população de dez milhões de habitantes em 300 municípios do interior de São Paulo e Sul de Minas.

Conforme Bazi (2001, p. 87) o modelo de emissora regional, adotado pela *EPTV*, é de extrema importância para uma região e para a comunidade local, pois é através da TV regional que o público possui a oportunidade de se ver retratado na tela da televisão, tentando talvez obter, de alguma maneira, respostas aos seus anseios ou, simplesmente sentir-se mais próximos de seus direitos. E foi isso que a *EPTV* fez ao trazer o regional como principal fonte de sua programação, seja em seu telejornal ou programas específicos. Segundo Rosana Zaidan foi um “compromisso selado com o homem da cidade e do campo” (*EPTV*, 1998, p.109).

1.4 A televisão no meio rural

Ao chegar ao Brasil na década de 50 a televisão não era privilégio de muitos, aliás, era um eletrodoméstico pouco visto nas casas brasileiras. O desenvolvimento urbano e rural e as facilidades de comercialização de televisores e a boa qualidade do sinal contribuíram para a sua popularização. Esses fatores fizeram com que a televisão deixasse de ser privilégio das sociedades urbanas e passasse a ser adquirida em maior quantidade também pelas populações das áreas rurais. A televisão passa a fazer parte da vida das pessoas e começa a ser responsável por uma certa parte do processo de interação social entre campo e cidade.

Nesse contexto onde urbano e rural interagem, começam a ser inseridas nas redações (de jornais e televisões) pautas sobre o campo. O agronegócio, que no ano 2000 movimentava um terço do PIB brasileiro (*REVISTA VEJA*, 2004), já chamava atenção. O exemplo disso é o *Globo Rural*, programa nacional ancorado pelo agronegócio, em suas tecnologias e pesquisas, e que depois de mais de 20 anos de exibição semanal passa a ser diário. Como os assuntos voltados para o campo começaram a tomar parte da programação da *Rede Globo*, algumas afiliadas, como é o caso da *EPTV* Ribeirão, começaram a criar seus próprios programas, agora regionais, com pautas rurais.

⁶ www.eptv.com

Todo brasileiro sabe que a região de Ribeirão Preto é a melhor amostra do país dos sonhos: educado, rico, moderno e preparado para o futuro. Seus 3 milhões de habitantes, 2% da população nacional, geram nada menos que 10% do PIB do país, divididos em agricultura, pecuária, indústria e serviços, setores cujo desenvolvimento adiantado cria fatos diários que são notícia (EPTV, 1998, p.133).

Com os assuntos sobre o campo gerando notícias diárias, a busca pela informação diante das novidades científicas e tecnológicas impulsionou a produção de programas e reportagens rurais regionais. Ainda conforme o livro comemorativo de 20 anos da *EPTV* (1998, p. 115), para o homem do interior, o jornalismo regional na TV iniciou uma nova era nas comunicações depois da instalação das praças. Os telespectadores podiam ver sua realidade mais próxima, uma realidade local e regional.

Uma mídia com identidade regional procura pensar os lugares, os territórios onde nasce cada cultura e, a partir daí, manifesta-se. Portanto, um grupo de mídia regional atua no processo de regionalização levando em conta as identidades, as características, as necessidades, os investimentos e possíveis desenvolvimentos, ou seja, os vários repertórios nascentes no território que pretende delimitar (OLIVEIRA, R., 2006, online).

Para Campanhola e Graziano da Silva (apud CALLOU e RODRIGUES [s/d], online), o desenvolvimento local deve ser um processo que deve partir do local com a efetiva participação popular, privilegiando as necessidades sociais e culturais da população e voltado para a conquista da cidadania, mas que esteja de acordo com a realidade local, considerando não só o aspecto da busca para se inserir no mercado, mas também privilegiando o uso e a conservação dos recursos naturais. Por outro lado, os autores também reconhecem que, em determinados casos, as políticas públicas – crédito, investimento, educação etc. – devem ainda se processar de forma invertida, ou seja, de “cima para baixo”.

A Comunicação Rural entra como parte essencial e articuladora do processo de comunicação entre o homem (urbano e rural) e a ciência. Bordenave (1993, p.11) afirma que todo mundo reconhece a importância da Comunicação Rural, mas que são poucas as instituições que lhe garantem as funções, o *status*, o pessoal, os equipamentos e os orçamentos para seu ideal funcionamento. Para ele, como a Comunicação Rural é um campo que ainda não é firmemente reconhecido, apresenta questões não resolvidas, como por exemplo: “Se o Brasil é ainda um país basicamente agrícola e grande parte de sua população mora no setor rural, porque a Comunicação Rural é uma atividade tão esquecida? [...]”. Outro

questionamento, entre tantos apresentado por Bordenave é: porquê são publicados tantos folhetos e boletins se os agricultores e suas famílias tem pouco hábito de leitura?

A população brasileira já passa dos 160 milhões. Hoje são mais de 30 milhões de domicílios brasileiros com receptores de TV. São mais de 4 mil emissoras de rádio espalhadas pelo país. A televisão e o rádio, são os dois mais importantes meios de comunicação de massa, poderosos instrumentos de difusão cultural, com grande influência na sociedade brasileira e que ultrapassam a questão do analfabetismo (TRIGUEIRO, 1999, online).

Podemos ressaltar a importância da televisão para o cidadão do campo, na medida em que é considerada um veículo mais abrangente que os demais. Pesquisa realizada em 2001 pela Embrapa Trigo (RS) revelou que a TV é a principal fonte de informação apontada por 84,4% dos 135 agricultores que responderam ao questionário (TAVARES, 2006, online). Talvez essa abrangência do meio televisivo se dê por conta do tripé que oferece: a mistura do icônico, do verbal e do auditivo, o que pode vir a facilitar na hora de se informar. Ao mesmo tempo pode-se ouvir o áudio e ver as imagens, já não é necessário parar para ler um jornal, ou apenas ouvir o rádio sem ver imagens. A TV oferece em um único aparelho o que os outros dois não tem. Atualmente o Brasil tem mais de cinco mil municípios, dos quais 99,84% recebem as imagens das grandes redes de televisão (TRIGUEIRO, 1999, online).

Segundo Sodré (1977, p. 9) a verdadeira vocação do *médium* televisivo é a síntese hegemônica dos discursos, das práticas artísticas e das diferentes possibilidades da linguagem. A televisão é um sistema que não é composto apenas de metal, mas também de pessoas que interagem com ela. O meio televisivo é por si só polifônico e nele estão inseridas vozes que informam, que comentam, que criticam etc. e que usam a imagem como forma de provar a realidade que mostram.

Como dissemos, a Comunicação Rural vem conquistando seu espaço e é claro, não poderíamos deixar de destacar a importância de divulgação de C&T dentro desse campo. “Num mundo cada vez mais regido pela ciência e pela técnica e onde as decisões políticas de peso tendem a girar em torno de problemas relacionados direta ou indiretamente com o saber científico, este se constitui numa grande fonte de poder social” (SODRÉ, 1977, p.38). Acreditamos que *Caminhos da Roça* esteja contribuindo para o crescimento do cidadão do campo na medida em que documenta as atividades do meio rural e mostra para toda região que o exibe sua cultura, suas tradições, suas pesquisas, sua tecnologia e suas inovações.

O mundo passa por transformações sociais, econômicas, políticas e ambientais e de reordenamentos espaciais, cuja origem pode ser encontrada no acelerado processo de desenvolvimento do capitalismo, devido à superação das distâncias físicas/geográficas promovidas pela velocidade dos meios de transportes, construções de rodovias, complexos industriais e turísticos e pela sofisticação dos meios de comunicação e novas tecnologias de equipamentos, implementos e insumos agrícolas. De acordo com José Graziano da Silva (1997, p. 48) essas novas alterações contemporâneas da organização industrial, devido às novas tecnologias trazidas pela industrialização e modernização também chegaram ao campo promovendo mudanças nas relações sociais e de trabalho. As mudanças trouxeram novos paradigmas que “pressionam novos modos de regulação por parte do Estado que incluem as políticas ambientais de planejamento do uso do solo e da água, de bem-estar social, de desenvolvimento rural etc”.

Esse mesmo autor coloca em discussão que o meio rural brasileiro não mais se caracteriza apenas como agrícola devido às novas tecnologias de comunicação, transportes, equipamentos, implementos e insumos agrícolas que transformaram as relações sociais e o cotidiano das populações rurais. Essa nova fase de modernização do campo, mais excludente que as fases anteriores, torna estratégica a criação de empregos não-agrícolas nas áreas rurais, para impedir o êxodo rural e melhorar a qualidade de vida das populações locais. Não pretendemos – e nem podemos – afirmar que a comunicação e a vinda da televisão tenham sido decisivos para estes avanços, entretanto, o que propomos nesta pesquisa é demonstrar como a comunicação, por meio da televisão leva informações ao público rural, de modo a apresentar os avanços tecnológicos e pesquisas que podem ajudar a melhorar suas plantações e criações.

1.5 Caminhos da Roça

Há seis anos no ar, *Caminhos da Roça* exibiu matérias produzidas em diferentes cidades do interior de São Paulo e Sul de Minas Gerais. Através de reportagens e entrevistas o programa acompanha a atividade agropecuária dessas regiões e mostra a vida, os hábitos do agricultor, sua cultura, suas tradições e suas aspirações.

Atualmente é dirigido pelo jornalista Ciro Porto e conta com uma equipe fixa de quatro pessoas, sendo um editor, um produtor, um editor de imagem e um estagiário. Entretanto, em

cada praça da *EPTV* uma equipe (repórter, cinegrafista e editor) faz uma matéria por semana e juntas elas compõem o programa.

O tempo de duração de cada programa gira em torno de uma hora e quinze minutos e as matérias variam de dois a seis minutos. De acordo com Dimas Augusto³, “no que chamamos de paginação do programa, adotamos o seguinte: a matéria que abre o programa é sempre algo bastante curioso, que prenda a atenção. Na seqüência, paginamos no segundo bloco e no terceiro, matérias agronômicas, mercadológicas e comportamentais”.

Em cada programa são exibidas de três a cinco matérias, geralmente há uma entrevista e, em todos os programas não faltam os comentários do pesquisador da Embrapa de Campinas, Evaristo de Miranda, as músicas de raiz (apresentadas em duas etapas – no primeiro e no último bloco) pelo violeiro Mazinho Quevedo, os *Causos do Chico Lorota*, a Culinária com o *chef* Fernando Kassab e a previsão do tempo (narrada pelo apresentador). Estes são os quadros fixos do programa e em todo o ano de 2006 permaneceram imutáveis tanto no conteúdo como na disposição dentro do programa. Há ainda o quadro *Cartas e Dicas* que entra esporadicamente na programação.

Caminhos da Roça tem horário certo para ir ao ar: 8h45 das manhãs de sábado. Entretanto, por motivos de mudança de horários da programação da emissora, teve seu horário alterado algumas vezes durante o ano de 2006 passando para 8h da manhã, o que não interferiu no conteúdo do programa.

Ao iniciar o programa entra a vinheta de abertura com imagens do campo, de tratores, de animais, que circulam na tela junto com o nome “*Caminhos da Roça*” e, em seguida, as lentes da câmera mostram a imagem de onde será apresentado – pode ser um sítio, uma fazenda, uma chácara da região, ou outra propriedade rural –, mostra um pouco do que é cultivado naquela propriedade e na cidade, sempre ao som de pássaros, águas, maquinários, mugido de gado etc. O processo de seleção destes locais é feito mediante cartas e e-mails com fotos da propriedade enviados pelos telespectadores. Quando recebe essas mensagens, a produção do programa se encarrega de investigar algumas questões técnicas sobre o local, tais como tamanho do espaço, se é coberto, se a sede da fazenda ou sítio tem varanda, qual a largura, profundidade, se há vegetação ao redor, como é a fachada, como é a iluminação etc. Em seguida entra a imagem do apresentador já acomodado na varanda da propriedade, às vezes com o responsável por aquela propriedade, dizendo o que será apresentado no programa.

³ AUGUSTO, Dimas. Em conversa com a autora. Ribeirão Preto, 24 de dezembro de 2007.

O apresentador dá a localização e o nome da propriedade de onde será apresentado o *Caminhos da Roça*:

Olá muito bom dia, estamos começando mais um programa *Caminhos da Roça*, hoje visitando a USP de Pirassununga. O *campus* tem dois mil duzentos e setenta hectares e vários tipos de criações. Está aqui nos recebendo o professor Marcelo Ribeiro que é prefeito do *campus*⁴.



Dimas Augusto (à direita) na abertura do programa do dia 07 de outubro de 2006 com o prefeito do campus da USP de Pirassununga. Imagem digitalizada a partir do programa gravado em DVD⁵.

Após a entrada do apresentador há uma seqüência de chamadas das matérias do dia, a qual dá-se o nome de escalada, que é feita usando partes das imagens e do áudio das matérias.

Dimas: “E agora você confere o que preparamos para o programa de hoje. Dá só uma olhada”.

Dimas (em *off*): “Produzir e preservar. A as vantagens econômicas e ambientais dos biodigestores: (entra imagem e sonora do administrador da fazenda) ‘Achei interessante e quero aprender mais a respeito e de repente fazer aqui na propriedade’”.

⁴ Trecho retirado do programa do dia 07 de outubro de 2006. Todos os trechos que forem retirados de dentro do programa serão citados desta mesma maneira.

⁵ As imagens presentes neste capítulo não são fotografias feitas no local da gravação. Optamos por digitalizar as imagens por meio de computador a partir dos programas gravados em DVD cedidos pela EPTV exclusivamente para produção deste trabalho.

Dimas (em *off*): “Resistência e produtividade. As utilidades do tritcale. (entra imagem e sonora do produtor) ‘A gente acha que ta [sic] sendo lucrativo sim’”.

Dimas (em *off*): “Pequena e saborosa. O cultivo da uvaia no sul de Minas. (entra imagem e sonora da produtora) ‘Com um pé nós fizemo [sic] um viveiro e fizemo [sic] a plantação’”.

Dimas (em *off*): “No quadro *Todo Sabor* coração de boi a moda portuguesa. (entra imagem e sonora de Fernando Kassab com seu convidado) ‘Hummm! e o cheiro?!’”.

Dimas (em *off*): “Os *Causos do Chico Lorota*. ‘Compadre Cirso [sic] certa vez [sic], deu na tenda dele de criar avestruz’”.

Dimas (em *off*): “A música da dupla Lucas e Breno (entra os violeiros cantando) e as canções caboclas de Pereira da Viola”⁶.

O primeiro bloco é composto por uma matéria (pode ser reportagem ou notícia) e pela primeira parte do quadro de música, apresentado pelo violeiro Mazinho Quevedo. Neste quadro o apresentador Dimas Augusto não entra, apenas dá a deixa para entrar a cena. “E vamo [sic] de música aqui no *Caminhos da Roça*. Mazinho Quevedo”⁷.

O quadro da música, sempre dividido em duas etapas, está presente neste primeiro bloco e no quarto ou quinto bloco (quando houver). Mazinho Quevedo, que também está em um cenário rural – porém diferente de onde está o apresentador do programa –, bate-papo com outros músicos (dupla, trio, grupo, ou artista solo) e toca seu violão em parceria com eles. Ao final da apresentação há a oportunidade do músico passar seus contatos e dizer sua programação (onde realizarão shows, por exemplo).

⁶ Trecho retirado do programa do dia 07 de outubro de 2006

⁷ Trecho retirado do programa do dia 07 de outubro de 2006



Mazinho Quevedo (à direita) e convidados. Imagem digitalizada a partir do programa exibido em 25 de novembro de 2006.

O segundo bloco se inicia com outra matéria, seguida de uma reportagem que pode estar, ou não, relacionada com essa matéria. Apresentador e entrevistados continuam na propriedade rural onde está sendo gravado o programa. Além de matérias e entrevistas, o programa exhibe ainda neste bloco cotações do café, milho, soja, algodão, arroba do boi, cana-de-açúcar, açúcar cristal etc. As cotações agropecuárias podem entrar no segundo ou em qualquer outro bloco, exceto no primeiro.

É durante o terceiro bloco que é exibida uma terceira matéria (se houver), as informações sobre a previsão do tempo e os comentários do pesquisador da Embrapa. A previsão do tempo, em alguns programas, trouxe os dados de como ficaria o tempo nas cidades que foram citadas nas matérias exibidas naquele dia. Porém, segundo Dimas Augusto, em conversa com esta autora, não há nenhuma relação entre as cidades da previsão do tempo e as cidades das matérias exibidas, a escolha é aleatória. Como o programa entra em muitos municípios, é possível variar todas as semanas e é de praxe ter uma cidade de cada área de cobertura das quatro emissoras da *EPTV*.

Os comentários do pesquisador Evaristo de Miranda, da Embrapa de Campinas, estão presentes em todos os programas. Em cerca de dois minutos, o pesquisador fala sobre as visitas que fez durante a semana para conversar com outros pesquisadores, técnicos,

agrônomos de outros institutos de pesquisa e instrui o telespectador sobre reservas de água no solo, sobre volume de chuvas etc.



Evaristo de Miranda. Imagem digitalizada a partir do programa do dia 07 de outubro de 2006.

A culinária também tem quadro fixo no *Caminhos da Roça*: é o *Todo Sabor*. Sempre com receitas rápidas, muitas delas enviadas por telespectadores. Fernando Kassab mostra passo a passo como fazê-las. O quadro é conduzido somente por Kassab que visita os telespectadores em sua casa (geralmente não estão na mesma propriedade em que está sendo apresentado o programa), ou recebe convidados em uma cozinha montada na cidade de Valinhos, na região de Campinas, especialmente para a gravação do programa. Kassab recebe convidados, telespectadores e companheiros de programa.



Imagem de Fernando Kassab (à esquerda) e seu convidado na cozinha experimental em Valinhos digitalizada a partir do programa de 07 de outubro de 2006.

Caminhos da Roça ainda dá lugar a uma seção de cartas chamada *Cartas e Dicas* na qual o telespectador escreve carta ou e-mail pedindo dicas, esclarecimento de dúvidas, narrando algum problema que esteja ocorrendo em sua plantação, fazenda etc, ou ainda pedindo reprises de alguma matéria ou quadro do programa. Ao receber estas cartas e e-mails, a produção do programa se encarrega de responder ou repassar para um profissional da área responder. No caso de dúvidas e problemas com a propriedade rural quem responde às questões são profissionais ligados a alguma instituição de pesquisa. Este quadro pode entrar em qualquer bloco.

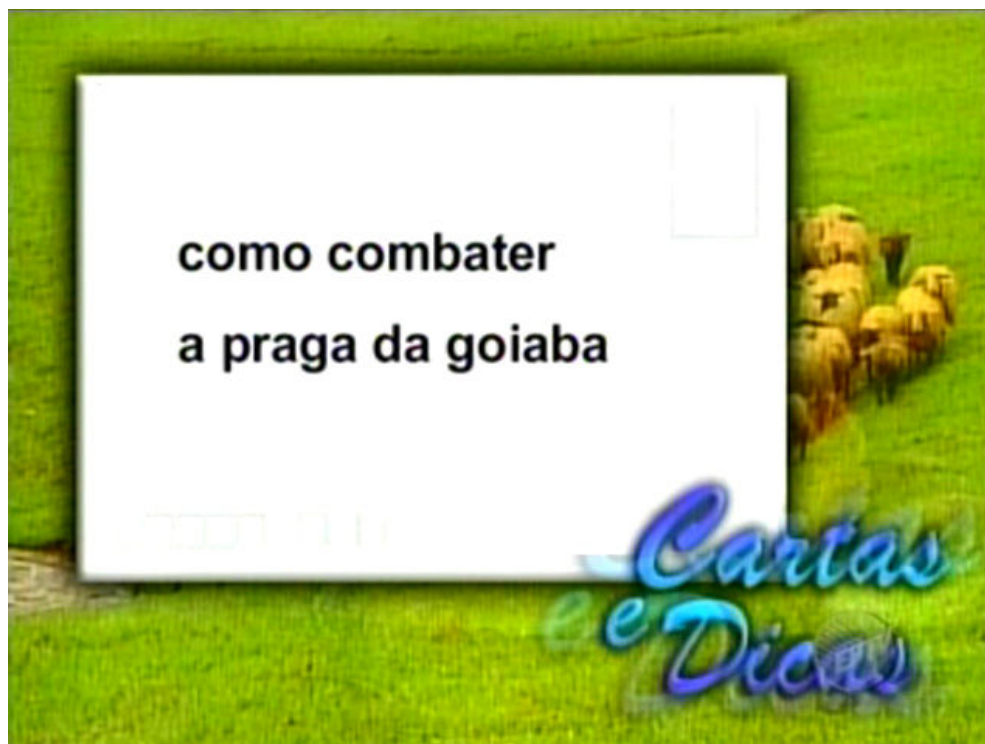


Imagem do quadro *Cartas e Dicas*, digitalizada a partir do programa do dia 25 de novembro de 2006.

O quinto e último bloco de *Caminhos da Roça* é reservado para a segunda parte de músicas, também com o violeiro Mazinho Quevedo, trazendo convidados que não são os mesmos apresentados no primeiro bloco. Ainda são apresentados nesse quadro os *Causos do Chico Lorota*, interpretado pelo humorista Roberto Edson. Personagem caipira, trajando chapéu de palha, camisa xadrez, calças acima da canela e botinas, que leva entretenimento ao público através de suas histórias, chamadas de causos e ditas “aconticidas”.



Imagem do Chico Lorota digitalizada a partir do programa do dia 25 de novembro de 2006.

Após os causos do Chico, Mazinho Quevedo entra e dá início à música. Apresenta os convidados e se despede do público. É com a música dos convidados de Mazinho que o programa é encerrado.

1.5.1 Na Internet

Além das exibições pela televisão, *Caminhos da Roça* ainda tem conteúdo na Internet. Na *home page*⁸ estão disponíveis resumos de matérias, as receitas, os causos e há também a possibilidade de assistir ao último programa. O fato de ter matérias transcritas e o programa completo disponível nos fez pensar, no início da pesquisa, que o site poderia ser um suporte para o estudo, entretanto, as matérias disponíveis na Internet são apenas resumos daquelas exibidas pela televisão e não contém todos os elementos vistos no vídeo. Entretanto, como precisamos de uma transcrição detalhada, utilizamos os programas de 2006 gravados em VHS e DVD. Por isso não foi preciso o apoio no site para o recolhimento da amostra.

Abaixo a imagem da *home page*.

⁸ www.eptv.com/caminhosdaroca

The screenshot shows the website 'Caminhos da Roça' in a Microsoft Internet Explorer browser. The browser's address bar displays 'http://eptv.globo.com/caminhosdaroca/'. The website's navigation bar includes 'globo.com', 'NOTÍCIAS', 'ESPORTES', 'ENTERTENIMENTO', 'VÍDEOS', and 'ASSINE JÁ'. Below the navigation bar, the website's main content is organized into several sections:

- Fruticultura:** Features an article titled 'Colheita da uva' (Grape Harvest) with a sub-headline 'Em muitos sítios na região central do Estado, a fruta ao sabor do rio é usada em bolos, geléias e picolé, fomentando a cidade'.
- Todo Sabor:** A section with a sub-headline 'Fernando Klassel tem sempre um novo convidado com uma receita especial. Confira a desta semana.' and an image of a man.
- Chico Lorota:** A section with a sub-headline 'Verdade ou mentira? Ele jurou que é "scontolado". Chico Lorota é o contador de causos do caminhos da Roça. Clique aqui e veja.' and an image of a man.
- Mazinho Quevedo:** A section with a sub-headline 'O violero Mazinho Quevedo, troca um dedo de prosa com convidados que tem a música de raiz no coração.' and an image of a man.
- Notícias:** A list of news items with dates and titles:
 - 13/10/2007 = Produção de cachaça
 - 13/10/2007 = Especialização no campo
 - 13/10/2007 = Adubação verde
 - 06/10/2007 = Assentamento Modelo
 - 06/10/2007 = Corte mecanizado de eucalipto
 - 06/10/2007 = Criação de ovelhas
 - 29/09/2007 = Colheita do alho
 - 29/09/2007 = Salta da Jabuticaba
 - 29/09/2007 = Trato do gado
 - 22/09/2007 = Expositora traz novidades
- Cotações Aplicadas:** A section showing market prices for various commodities as of 25/10/2007:
 - CANA:** tonelada R\$ 246,50
 - CAFÉ (tipo 5/800):** Franca: R\$ 126,00; S. João: R. V. R\$ 126,00
 - MILHO (tipo 600):** Orlandia: R\$ 23,87; S. João: R. V. R\$ 23,87
 - SOJA (tipo 600):** Barretos: R\$ 39,17; Orlandia: R\$ 39,17
 - ALGODÃO (carabos):**
 - Caraca:** Campinas: R\$ 13,00; Limeira: R\$ 13,00; São João: R. V. R\$ 13,00
 - LARANJA (caixa 40K):**
 - Mesa:** Barretos: R\$ 10,67; Limeira: R\$ 10,67; Mogi-Mirim: R\$ 10,67
 - Indústria:** Aracatuba: R\$ 9,27; Barretos: R\$ 9,27
 - BON GORDO (fruta 30/60):** S. José: R. P. R\$ 61,00; Aracatuba: R\$ 62,00

Fonte: www.eptv.com/caminhosdaroca

Com o nosso objeto de estudo detalhadamente apresentado, o próximo passo desta pesquisa é mostrar a organização e os recursos que Caminhos da Roça utiliza ao divulgar C&T. No capítulo que segue, apresentamos as análises das matérias selecionadas e os resultados observados com nossa pesquisa.

CAPÍTULO V

A METAMORFOSE ENTRE CIÊNCIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA TV

Neste capítulo são descritas e analisadas as seis matérias que compõem o *corpus* da pesquisa. Sabemos que a análise televisiva e a descrição das matérias envolvem, além das falas das fontes, do repórter e do apresentador, também imagens, sons e efeitos de filmagem e edição que interferem no conteúdo e na compreensão da informação. Procuramos identificar de que forma é dita a informação, como é elaborada e mostrada. O que é tão importante quanto o conteúdo. Para entender qual é a linguagem do programa utilizamos algumas categorias de análise (apresentadas no Capítulo I), que podem ser resumidas da seguinte forma:

- 1) Estrutura da matéria (escalada, cabeça, *off*, sonora, passagem, encerramento, nota pé);
- 2) Tipos de gêneros jornalísticos (informativo, opinativo, interpretativo, de entretenimento);
- 3) Predomínio da seqüência dos discursos (descritiva, explicativa, argumentativa, narrativa interpretativa/analítica ou investigativa);
- 4) Origem das fontes (oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhas e especialistas);
- 5) Origem da pesquisa (em que cidade e região ela foi produzida);
- 6) De onde falam as fontes (laboratório, estúdio, propriedade rural, outros);
- 7) predomínio de linguagem (clara, simplificada, confusa ou complexa);
- 8) Imagens que compõem as matérias;
- 9) Elementos visuais (desenhos, mapas, artes gráficas, outros).

Esta dissertação optou por incorporar ao texto a transcrição das matérias, que se encontram nos anexos, e também disponibilizamos um DVD com áudio e imagem, que se encontra na contracapa com a íntegra dos seis programas *Caminhos da Roça* de onde foram extraídas as seis matérias analisadas nesta pesquisa.

Nesta análise, para cada dia de programa citamos os principais acontecimentos noticiados, a localização e o tempo, mas nos concentramos em descrever apenas a matéria escolhida para compor a amostra. A intenção deste capítulo é descrever em que situação C&T

aparece e, com quais acontecimentos interage e divide espaço dentro do *Caminhos da Roça*. Disponibilizamos o tempo total do programa e tempo das matérias com o objetivo de identificar o tempo das matérias em cada edição e compará-lo com o do restante do programa. Após descrever e verificar a duração das matérias partimos para a análise. Nela falamos sobre o predomínio da seqüência discursiva (descritiva, explicativa, argumentativa, narrativa, interpretativa/analítica, investigativa), caracterizamos a matéria de acordo com os gêneros jornalísticos, caracterizamos as fontes (oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhas ou especialistas), falamos da origem da pesquisa e de onde fala o repórter e os entrevistados, verificamos se a linguagem utilizada é clara, confusa, simplificada ou complexa; observamos também os recursos de imagem usados, planos de enquadramento e quais tipos de discursos estão presentes.

1º programa: 21 de janeiro de 2006

O programa do sábado 21 de janeiro de 2006 não contou com nenhum acontecimento especial que pudesse alterar a programação convencional. Com duração aproximada de cinquenta minutos, excluindo os intervalos comerciais, *Caminhos da Roça* exibiu quatro matérias, uma entrevista, cotações, previsão do tempo, além dos quadros fixos (Informações da Embrapa, música, “causos” e culinária). O programa, apresentado da cidade de Santa Rita do Passa Quatro (SP), por Dimas Augusto, foi composto por quatro blocos e exibiu matérias relacionadas aos seguintes assuntos: produção de uvas, aparelho para agrotóxicos, produção de pamonha, seguro rural e importação de carne suína.

Na tabela a seguir demonstramos a organização do *Caminhos da Roça* no dia 21/01/06, o tempo e a localização de cada quadro e matéria. O tempo foi contado excluindo cabeças e notas pé.

Matéria/Quadro	Tempo*	Localização
Produção de uvas	2'37"40	1º bloco
Quadro Música - 1ª parte	5'18"42	1º bloco
Pulverizador de agrotóxicos	3'53"41	2º bloco
Entrevista com agrônomo	3"29"33	2º bloco
Destaques da semana (notas cobertas)	39'62"	2º bloco
Cotações (café, boi gordo, soja, milho, cana e açúcar)	39"61	2º bloco
Produção de pamonha	2'40"55	3º bloco
Informações / Embrapa	1'59"47	3º bloco
Previsão do Tempo (Campinas, Araraquara, Sertãozinho, Varginha)	33"20	3º bloco
Culinária	9'40"73	4º bloco
Quadro <i>Chico Lorota</i>	1'17"44	4º bloco
Música - 2ª parte	9'46"68	4º bloco

* Uma aspa representa os minutos, duas aspas representam os segundos e o número seguinte são os centésimos.

A matéria que ganha destaque neste dia, por abordar C&T e mostrar interação entre pesquisador e agricultor, é a que trata de um novo aparelho para aplicação de agrotóxicos nas lavouras – localizada no início do segundo bloco. O assunto principal não é a ciência, mas sim a tecnologia que foi desenvolvida a partir de pesquisas. Embora haja uma matéria no primeiro bloco, abordando a produção de uvas e questões mercadológicas, esta não é importante para nós, pois se concentra em falar do mercado produtor de uvas, de preço de produto e de colheita. Nela, embora haja pesquisador (agrônomo) e trabalhadores rurais, em momento algum é mostrado contato entre ambos, além de não ter ligação com C&T. Por tais motivos não pôde ser escolhida para esta pesquisa.

O nosso destaque é para a matéria que mostra a novidade tecnológica para aplicação de agrotóxicos, que se encontra no início do segundo bloco. Após a exibição dessa matéria, uma entrevista sobre o mesmo assunto (agrotóxicos) deu continuidade ao programa. Entretanto, essa última também não entra em nossa análise por não apresentar interação entre cidadão do campo e pesquisador.

Descrição da matéria

Trata-se de uma reportagem sobre um novo pulverizador para aplicação de agrotóxicos nas plantações de hortaliças, desenvolvido pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), que visa minimizar os problemas de saúde dos trabalhadores rurais causados pela aplicação de agrotóxicos. É informativa, apresenta a novidade e mostra os benefícios que o novo equipamento traz, baseando-se no caso de um agricultor. Ademais, aborda alguns aspectos ligados à aplicação dos agrotóxicos. É uma reportagem regional, feita na cidade de Sumaré (SP). Nela há a presença de fontes testemunhais e especialistas. As informações do pesquisador são a única fonte citada pela repórter. É uma matéria em que a tecnologia é assunto principal. A abordagem científica ocorre de forma pouco contextualizada. O jogo de imagens é um suporte do conteúdo que está sendo transmitido e também ajuda a ver como o equipamento funciona. Embora a matéria não contenha artes gráficas ou desenhos como elementos ilustrativos, a edição das imagens está de acordo com a seqüência da matéria. O ambiente mostrado é o campo, onde pesquisador, trabalhador rural e repórter se encontram. As palavras são apoiadas com imagens da plantação de hortaliças e do aparelho que está sendo apresentado: o pulverizador.

Análise

Caracterizamos a matéria em questão como uma reportagem, pelo fato de conter os elementos cabeça, *off*, sonora e passagem, além de contar com nota pé. O assunto abordado nela é uma pesquisa recente do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) que resultou no desenvolvimento de um equipamento que se propõe a ajudar o trabalhador rural a não ficar tão exposto à calda (mistura de água com agrotóxico) aplicada nas hortaliças. Com aproximadamente quatro minutos, é uma reportagem extensa se comparada às demais e também se comparada ao quadro fixo apresentado pelo pesquisador da Embrapa (onde se fala sobre pesquisa e reservas de água no solo), que neste programa contou com pouco mais de dois minutos. Dentre as matérias, entrevistas e notas exibidas neste dia, a reportagem que estamos analisando foi a maior delas.

O discurso dessa reportagem é uma reunião das falas do apresentador Dimas Augusto, das fontes (especialista e trabalhador rural) e da repórter Cristina Maia. Tais falas apresentam marcas de discursos diferentes e possuem suas individualidades, mas se inter-relacionam em alguns momentos e, assim, os discursos jornalístico, popular e tecnológico se cruzam. A linguagem coloquial do cidadão do campo, e a do cientista, com linguajar um pouco mais

técnico, porém explicativo, têm a repórter como mediadora dessas falas e, ao mediar a fala do cientista pratica-se a divulgação científica, que é caracterizada como um trabalho de reformulação de um discurso para outro e não como tradução, como já dissemos anteriormente. É um discurso de retransmissão de informações especializadas, na voz da repórter. O discurso da divulgação da ciência não faz parte do campo do discurso científico, já que as condições de produção desse novo discurso de divulgação são outras e diferentes daquela que cerca a produção do discurso científico. Portanto, é um discurso gerado nessas novas condições de retransmissão da informação.

No início do programa, quando é feita a escalada, entra a voz do apresentador e também uma breve sonora do personagem: “Manejo com segurança: o pulverizador de hortaliças que facilita o trabalho na terra: ‘Eu gostei do equipamento’”. A matéria é iniciada com a fala do apresentador Dimas Augusto, que faz a cabeça: “O Instituto Agrônomo de Campinas desenvolveu um modelo de pulverizador que facilita, e muito, a vida de quem lida com a terra. O equipamento é simples de ser montado, tem baixo custo e aumenta a segurança do trabalhador”. A fala tem abordagem predominantemente argumentativa, ou seja, aquela que visa convencer o destinatário a respeito do posicionamento de um produto. Na fala do apresentador nota-se a intenção de mostrar o equipamento como um facilitador da vida do trabalhador rural, algo que irá ajudá-lo, que será um ótimo recurso. Em uma das chamadas entre os blocos do programa, o apresentador chega a dizer que “facilita, e muito”, o que reforça ser uma seqüência argumentativa. A fala do apresentador está de acordo com a informação que a reportagem passa e não há nenhuma manifestação de confronto ou dúvida em relação aos benefícios do produto durante a matéria.

O primeiro discurso encontrado na reportagem fica a cargo da repórter Cristina Maia. Na fala da repórter está presente o discurso de divulgação científica, que se caracteriza por comunicar ao público os avanços científicos e tecnológicos por meio de um novo discurso, articulado com o científico. A abordagem é uma mistura de descritiva com argumentativa. A primeira porque descreve os processos envolvidos com C&T e apresenta os fatos geradores da matéria que são a novidade e seus benefícios visando fazer o destinatário ver com detalhes o objeto do discurso. A segunda porque dá impressão de querer convencer o destinatário a respeito do posicionamento do produtor diante de um objeto de discurso controverso, no caso querendo mostrar que o pulverizador do IAC é melhor que o convencional.

Ao fazer uso da informação científica, a fonte especialista é convocada e recebe tom elogiativo por parte da repórter: “O Hamilton é pesquisador científico do Instituto

Agrônomo de Campinas, especialista em tecnologia de aplicação de agrotóxicos. Há 22 anos ele trabalha com a segurança do trabalhador rural”. Esse tom elogiativo ao apresentar o pesquisador como alguém que tem muitos anos de experiência no assunto, atribui reconhecimento e autoridade às matérias. Também de forma elogiativa é apresentada a tecnologia pela repórter: “Além de mais seguro, o equipamento também é mais econômico. Reduz o tempo de trabalho pela metade e otimiza a aplicação”. Novamente há a intenção de convencer.

O pesquisador olha para a câmera para “falar” com o telespectador apenas em sua primeira sonora quando explica o problema de se usar o equipamento padrão. Aqui já entra a linguagem do telejornalismo, o olhar diretamente para a câmera dá mais força de verdade e se dirige ao receptor de forma mais direta: “[...] o aplicador ele vai muito próximo ao bico de pulverização e cortando a nuvem ele passa por onde ele já pulverizou. Isso faz com que ele tenha uma exposição na região das pernas e dos pés muito elevada”. Esta fala do pesquisador é caracterizada como descritiva, pois mostra os detalhes do produto. Quando o entrevistado e o personagem conversam sem olhar para a câmera, parece que eles se distanciam do vídeo, dando impressão de um *reality show*, como se o telespectador fosse apenas um observador, e o repórter, um narrador. A partir deste ponto a reportagem é toda feita baseada na interação entre o trabalhador e o pesquisador e com a repórter narrando, ou fazendo um intermédio para o telespectador. É a partir da relação entre o lugar de produção do discurso e a interpretação do telespectador que o sentido do discurso da divulgação se realiza.

Esta reportagem não se aprofunda no assunto científico e nem traz o rigor do discurso científico, com jargões ou tecnicismos. Pelo contrário, as falas, principalmente as do pesquisador, trazem traços do discurso tecnológico. Como em: “Você pode trabalhar, por exemplo, vou trabalhar com um tomate, que que eu faço? Eu abaixo essa barra aqui embaixo e trabalho com ela assim ó”. O tom informal do pesquisador, o fato de ter se dirigido ao agricultor com uma linguagem clara e simplificada, identificada em termos como “assim ó” e “por exemplo”, demonstra que o discurso do pesquisador é composto por características de um discurso que traz muita exemplificação, portanto, considerado como tecnológico, já que este tipo de discurso pretende dar informações sobre as técnicas para alcançar fins específicos, quaisquer que sejam eles (MORRIS, 2003, p. 178).

Todas as sonoras são passíveis de corte na edição final, entretanto, esse “estilo jornalístico” de exemplificar e ir ao campo mostrar como se faz é percebido em muitas matérias do *Caminhos da Roça*, o que faz parecer que isso é desejável. Isso nos remete à teoria

da enunciação, na qual o sentido de qualquer enunciado depende da situação única em que ele é produzido (KOCH, 1995) e, assim fica evidente o papel da edição e na linguagem televisiva.

Após o *off* da repórter entra o discurso da fonte testemunhal. Tal discurso é considerado inicialmente um discurso de lamentação, pois a fonte, que é exposta à calda, argumenta: “Ah, incomoda, né?”. Após testar o aparelho, o discurso passa a ser de satisfação, até a expressão fácil é alterada: “Não foi difícil não. Primeira vez até que foi bem. A gente fica bem distante né, então já dá mais segurança pra quem tá aplicando”.

Nesta reportagem, a Ciência (por meio da pesquisa) e a Tecnologia estão incorporadas ao ambiente social e ao ambiente de aplicação do equipamento. Não há imagens do processo científico envolvido e também não há explicação desse processo por parte da fonte oficial, há apenas uma sonora do pesquisador comentando os resultados: “Nós conseguimos uma redução do volume de calda de até 60 por cento em relação à que o agricultor utilizava só trabalhando com esse equipamento. Com outra vantagem também: a quantidade de produto chegando no [sic] corpo dele reduziu em mais de 90 por cento”. Os dados apresentados pelo pesquisador são fruto de observações e testes feitos por ele próprio e são comentados com o trabalhador rural e não com a repórter. Para explicar a nova técnica é feita uma comparação com a técnica antiga e o diferencial do novo produto. É nesse discurso do pesquisador que entram as explicações, tanto do equipamento antigo (que espirra muita calda) quanto do novo (que evita em mais de 90% que a calda entre em contato com o trabalhador). Aqui também entra o predomínio da seqüência argumentativa, que visa convencer o destinatário acerca do novo produto. É o pesquisador que revela o conteúdo principal da matéria. Mesmo cabendo à fonte um papel central, o assunto principal é revelado, apresentado e concluído nas falas da repórter e da fonte especialista.

Além do pesquisador do IAC não há qualquer tipo de citação sobre outra fonte, por isso, essa foi caracterizada como fonte primária, ou seja, aquela em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria e que fornecem fatos, versões e números. Nos dados apresentados pela repórter não há referência sobre a fonte de onde foram tirados tais dados: “Uma pesquisa feita com dois mil produtores do Estado de São Paulo mostrou que pelo menos 8% deles já procuraram atendimento médico pelos problemas provocados pelos agrotóxicos”. O que nos parece é que a informação vem do pesquisador, pois logo em seguida a essa fala entra outra: “De acordo com o pesquisador, 70% dos aplicadores do Estado têm apenas o primeiro grau, nunca receberam treinamento e aprenderam a trabalhar com outro agricultor ou com a família”. Esse é um exemplo de discurso indireto, que visa garantir a credibilidade do

texto informativo. Apesar de parecer que o pesquisador é a fonte dos primeiros dados, isso não fica claro. As duas falas estão no mesmo *off*, porém, mostram imagens diferentes. Por exemplo, na segunda fala é mostrado o pesquisador e na primeira o campo, o que parece que são informações independentes. A ausência de outras fontes, além do IAC, pode ser explicada pelo fato do IAC ser um órgão de pesquisa da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e isso o caracteriza como fonte oficial e que são consideradas confiáveis por estarem ligadas a algum órgão do Estado.

Ainda na fala da repórter encontramos um discurso que é produzido para dar segurança: “O protótipo do pulverizador já foi testado no campo e deu bons resultados”. Os termos “já foi testado” e “deu bons resultados” são argumentos que ajudam a convencer o telespectador de que o pulverizador é um ótimo negócio e que só deu bons resultados. Não há aqui também nenhuma dúvida por parte da repórter quanto ao produto. Conforme Koch (1995, p.14), essas argumentações demonstram que a forma de dizer é tão significativa quanto o que é dito “a par daquilo que efetivamente é dito, há o modo como o que se diz é dito: a enunciação deixa no enunciado marcas que indicam (‘mostram’) a que título o enunciado é proferido”.

Quanto ao uso de imagens observamos que a reportagem exemplifica bem as palavras com o que está sendo mostrado e utiliza principalmente os enquadramentos em plano americano, mostrando a pessoa do joelho para cima, em plano médio, da cintura para cima e em plano próximo, do tórax para cima. São observados também *zoom in* e *zoom out* quando mostra a plantação de hortaliças. Quando a repórter fala da pulverização das hortaliças, entra imagem, em plano geral, da plantação de alface; quando fala que o agrotóxico pode entrar por baixo da roupa, entra filmagem de baixo para cima do trabalhador rural. Temos que destacar também a maneira que os entrevistados ficaram posicionados diante das câmeras. Quando o entrevistado está sendo enquadrado no canto direito, por exemplo, ele deve estar olhando para o canto direito (onde deve estar o repórter), e vice versa, e esse posicionamento é observado nesta reportagem. A reportagem não faz uso de trilha sonora ou de elementos gráficos para ilustrar ou auxiliar na demonstração das explicações.

2º programa: 25 de fevereiro de 2006

No dia 25 de fevereiro de 2006 *Caminhos da Roça* foi apresentado por Dimas Augusto e o cenário foi um pesqueiro da cidade de Jardinópolis, município próximo a Ribeirão Preto. Neste dia não houve nenhum acontecimento especial que pudesse alterar a programação convencional, como feiras e festivais. Com duração aproximada de 50 minutos, excluindo os intervalos comerciais, *Caminhos da Roça* exibiu quatro matérias, uma entrevista, duas notas cobertas no “Destaques da Semana”, cotações, previsão do tempo, além dos quadros fixos (Informações da Embrapa, música, “causos” e culinária). O programa foi composto por cinco blocos e abordou os seguintes assuntos: pecuária leiteira, cultivo de eucalipto, raiva animal, manejo do café, febre aftosa e visita de holandeses a usinas de açúcar no Brasil.

Abaixo está a organização do *Caminhos da Roça* no dia 25/02/06, com o tempo e a localização de cada quadro e matéria. O tempo foi contado excluindo cabeças e notas pé.

Matéria/Quadro	Tempo	Localização
Raiva Animal	2'29"09	1º bloco
Quadro Música - 1ª parte	6'08"22	1º bloco
Pecuária Leiteira	5'15"06	2º bloco
Entrevista sobre produção de leite	3'40"80	2º bloco
Cotações (leite, café, boi gordo, soja, milho, cana-de-açúcar e açúcar)	37"44	2º bloco
Destaques da Semana: Febre aftosa; Holandeses visitam usinas de açúcar no Brasil	1'17"88	2º bloco
Cultivo do Eucalipto	2'27"14	3º bloco
Informações/ Embrapa	1'22"04	3º bloco
Previsão do Tempo (São Carlos, Barretos, Limeira, Poços de Caldas)	25"38	3º bloco
Manejo do Café	2'38"37	3º bloco
Culinária	8'02"29	4º bloco
Quadro <i>Chico Lorota</i>	1'28"23	5º bloco
Música - 2ª parte	7'27"71	5º bloco

A matéria exibida neste dia que atende aos nossos critérios de análise trata sobre pecuária leiteira – localizada no início do segundo bloco. É a matéria mais extensa da edição, com mais de cinco minutos, e nela fala-se sobre como um programa da Secretaria da Agricultura e da Embrapa está auxiliando produtores de leite do Estado de São Paulo a aumentar a produtividade e baixar o custo de produção. Após a exibição dessa matéria, uma entrevista sobre o mesmo assunto deu continuidade ao programa, entretanto não entra nessa análise também por não atender aos nossos critérios de seleção. Esta edição apresentou ainda os “Destaques da Semana”, que são notas cobertas de assuntos que foram destaque do meio rural durante a semana.

Descrição da matéria

Trata-se de uma reportagem sobre um programa desenvolvido pela Secretaria da Agricultura e pela Embrapa que visa aumentar a produtividade, baixar o custo de produção, melhorar a renda e diminuir o êxodo rural. Por meio deste programa os produtores estão se organizando melhor, planejando melhor o pasto e investindo mais em tecnologia, segundo a matéria.

É uma reportagem feita na cidade de Socorro/SP, próxima a Campinas. Nela há a presença de duas fontes testemunhais e uma especialista. As informações do pesquisador são a única fonte especialista citada pela repórter. É uma matéria em que a organização e o investimento em tecnologia são assuntos principais. A abordagem ocorre de forma contextualizada por apresentar um panorama do “antes e depois” do programa, ou seja, como os pecuaristas passaram a agir depois de orientados pelo programa. A edição das imagens ajuda a explicar o que está sendo falado pelos entrevistados e pela repórter. Não há apoio em artes gráficas, esquemas, mapas ou desenhos como elementos ilustrativos. O cenário é o pasto, o gado sendo ordenhado e as máquinas que conservam o leite. Pesquisador e pecuaristas se encontram no ambiente rural, na fazenda e na casa do pecuarista.

Análise

A matéria em questão caracteriza-se como uma reportagem por apresentar os elementos cabeça, *off*, sonora e passagem. Não há nota pé. Ultrapassando os cinco minutos, é a reportagem mais extensa do dia. Coincidência ou não, esta reportagem, como na do dia 21 de janeiro, também é apresentada pela repórter Cristina Maia.

O assunto abordado é o incentivo que o programa da Secretaria da Agricultura e da Embrapa está dando a produtores de leite do Estado de São Paulo. Através desse programa, agrônomos visitam as fazendas e orientam o produtor sobre como planejar o pasto, como organizar os dados da venda do leite, conhecer o controle reprodutivo das vacas, as despesas, a receita, qual a melhor tecnologia para investir etc.

A notícia se concentra em levar ao produtor de leite informações que possibilitem que sejam aplicadas ao campo e, com isso, ele produza mais e melhor. É a repórter, no segundo *off*, que apresenta o foco da matéria: “Ele entrou num programa desenvolvido pela Secretaria da Agricultura e pela Embrapa que visa aumentar a produtividade e baixar o custo de produção, melhorar a renda e diminuir o êxodo rural”.

É intenção mostrar que o que será mostrado é a receita de um sucesso, como enfatiza o apresentador na cabeça: “Esta parece ser a receita de todo negócio bem sucedido”. Identifica-se aqui o início de uma abordagem argumentativa, de quem vai mostrar a receita de algo que está dando certo, ou seja, quer convencer acerca dos benefícios que o programa pode ajudar a trazer. Por toda a reportagem o programa é tratado com tom elogiativo e como algo bom que veio para ajudar os pecuaristas.

Nas falas da repórter há concentração em mostrar como o planejamento do pasto em piquetes (divisão do pasto em fileiras cercadas) pode ajudar na melhoria da pastagem e conseqüentemente na melhor produção de leite. O planejamento do pasto é um dos pontos que o programa visa dar maior atenção e, segundo a reportagem é uma ótima estratégia, confirmada pelas fontes testemunhais, como na fala de José Carlos de Faria: “Aproveita mais o terreno, a gente tem uma pastagem de mais qualidade, né? O pasto que a vaca tá sempre se alimentando num pasto mais novo que é um pasto por dia, no caso, né?”. Fala que é complementada pela da repórter e reforça o argumento: “Assim o gado tem sempre um pasto de boa qualidade”.

O pesquisador (única fonte especialista) vai diretamente à propriedade orientar os pecuaristas. Embora se fale da Embrapa e da Secretaria da Agricultura, em nenhum momento aparece imagem de sede desses órgãos. Entretanto, o pesquisador veste um uniforme com o nome da Coordenadoria de Assistência Integral (CATI), que está ligada à Secretaria da Agricultura, no bolso da camisa. O uso do uniforme identifica a fonte e dá mais credibilidade. Essa individualidade da fonte é explicada pelo fato de Secretaria da Agricultura e Embrapa serem órgãos ligados ao governo e isso as caracteriza como fontes oficiais, ou seja, aquelas que inspiram mais confiança. Dessa forma, não seria necessária a apresentação de outra fonte,

até mesmo porque interessa mais mostrar os resultados do programa – e isso pode ser comprovado pelas fontes testemunhais. Nas falas tanto do apresentador quanto da repórter não encontramos, em nenhum momento, discordância ou dúvida quanto aos benefícios que o programa leva aos produtores de leite. O cenário onde pecuarista e pesquisador se encontram é a cozinha da casa do pecuarista, onde falam sobre a organização que o programa da Embrapa e da Secretaria da Agricultura ofereceu para arquivar os dados da produção de leite.

Como de costume, no início do programa, na escalada, entra a voz do apresentador seguida de uma breve sonora de um dos entrevistados, neste caso do pecuarista José Carlos de Faria: “Você vai conhecer o programa que ajuda a reduzir os custos e aumentar a produtividade na pecuária leiteira ‘A gente tem uma pastagem de mais qualidade’”. Nesta reportagem é clara a presença da seqüência argumentativa, pretendendo convencer, desde a cabeça: “Organização, reduzir o custo e aumentar a produtividade. Esta parece ser a receita de todo negócio bem sucedido. Receita que está sendo seguida à risca através de um programa que beneficia centena de produtores rurais do estado de São Paulo”. A argumentatividade é clara nas palavras de Dimas, que não mostra dúvidas a respeito da eficiência do programa que será apresentado.

A reportagem é predominantemente descritiva por apresentar como foi feito o planejamento do pasto em forma de piquetes e é também explicativa, pois “ensina” como o produtor deve organizar os dados, como deve utilizar o pasto, como na fala do agrônomo: “Esses dados irão auxiliá-lo no momento de fazer os tratamentos culturais na pastagem, tá? As correções, a correção da fertilidade do solo, tá? E também o momento de entrada dos animais no sistema e o momento de saída”. É uma matéria que mostra que o programa do governo está dando resultado satisfatório: “Antes não tinha nada disso aqui. Era tudo na cabeça e já e logo já esquecia, né? Agora hoje não. Hoje tá tudo anotadinho”. Novamente a presença da seqüência argumentativa, com intenção de convencer de que antes das orientações do programa não se organizavam os dados e agora tudo melhorou.

Observa-se a presença dos discursos jornalístico e tecnológico. O primeiro deles é de responsabilidade da repórter. Um discurso informativo e descritivo do qual a repórter faz uso para apresentar o programa e dizer como ele auxilia os pecuaristas do Estado, divulgando-o. A repórter não faz uso do discurso indireto e nem de orações subordinadas introduzidas por um verbo de fala como “disse que”, “afirmou que”. Já o discurso tecnológico pode ser identificado em duas etapas. Uma na fala do agrônomo: “Identificou com ele a área onde seria iniciado o primeiro sistema, tá? E a partir daí foram feitas análises de solo, tá? O preparo do solo,

adubação, as correções, o semeio da forragem, tá?”. Embora seja uma fala explicativa, é também prescritiva, pois mostra os passos que são seguidos para planejar o solo. E a outra na fala do pecuarista Vitório José dos Reis “Toda tarde nós colocamo no piquete. Posa a noite, né? Outra tarde seguida vem no outro piquete e vamo descendo, passando, né? E quando chegar no último, lá embaixo, aqui em cima já ta bom pra comer de novo, outra vez”. Esse é um exemplo do discurso tecnológico porque visa prescrever ações na medida em que explica o procedimento da pastagem, a rotatividade do pasto em piquetes, o que pode servir de exemplo para quem vai implantar o sistema em sua propriedade.

A impressão de *reality show* vista na matéria do dia 21/01, em que o telespectador passa mais tempo sendo observador e o repórter o narrador, não é encontrada nesta reportagem. Pesquisador e pecuarista conversam, mas, mesmo que a câmera os focalize, percebe-se que estes estão falando para o telespectador. Diferente da matéria do dia 21/01 que o pesquisador só conversava com o trabalhador rural e a câmera estava posicionada nas costas deles (em alguns momentos), fazendo do telespectador apenas um observador, o que não acontece nesta reportagem. Há momentos em que o pesquisador fala para o público que os assiste (mesmo não olhando para a câmera, que é o correto), mas é comum ver o pesquisador ao lado de um dos pecuaristas beneficiados pelo programa.

A linguagem predominante nesta reportagem é clara e simplificada porque não apresenta termos técnicos e procura falar de forma coloquial, à maneira dos pecuaristas. Coloquialismo que parece natural de ambas as partes – especialista e testemunha. Há a real intenção de se fazer aproximar ao máximo da realidade a interação entre testemunha e especialista para ser mais convincente.

As imagens que cobrem *offs* e sonoras estão em sintonia com as informações mostradas. Por exemplo, quando fala dos piquetes, mostra-se o pasto separado em caminhos, onde o gado irá se alimentar; ao falar da organização que o programa ensina, mostram-se as pastas de dados que os pecuaristas aprenderam a fazer. O jogo de imagens é um complemento do que se fala, já que um ajudará o outro na hora de compreender a informação.

Quanto aos planos de filmagem, a reportagem está de acordo com o padrão de entrevista em que é exigido que quando o entrevistado está sendo enquadrado no canto direito ele deve estar olhando para o canto esquerdo (onde deve estar o repórter), e vice versa. Há o predomínio de enquadramento plano próximo, ou seja, quando a pessoa é filmada do tórax para cima. A sensação de movimento é mostrada através de um *zoom out*, quando é filmado o

pasto da fazenda. Não há utilização de música ou de elementos gráficos para ilustrar ou auxiliar na demonstração das explicações.

3º programa: 20 de maio de 2006

O programa do sábado 20 de maio de 2006 foi conduzido pelo jornalista Paulo Carlim, que habitualmente apresenta o Jornal Regional 1ª edição. A mudança de apresentador neste dia se deu pelo fato de o apresentador oficial estar de férias. Durante o ano de 2006, além de Dimas Augusto e de Paulo Carlim, a repórter Glauce Galavoti (da *EPTV* Ribeirão) também esteve no comando do programa pelo mesmo motivo, entretanto o programa apresentado por ela não esteve em nosso *corpus*.

Diferente dos outros meses do ano, nos quais *Caminhos da Roça* não se atenta muito a assuntos atípicos como eventos e shows, no mês de maio, parte da atenção é voltada para a maior feira tecnológica da América Latina, a Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação (Agrishow), que é realizada anualmente em Ribeirão Preto e em 2006 ocorreu entre os dias 15 e 20 de maio. Por ser 20 de maio o último dia da feira, na ocasião, *Caminhos da Roça* deu duas aberturas para falar do evento. Entretanto, o programa seguiu seu curso normalmente e não chegou a ser nenhum programa especial em razão desse acontecimento.

Com duração aproximada de cinquenta minutos excluindo os intervalos comerciais, *Caminhos da Roça* exibiu neste dia cinco matérias, uma entrevista, cotações, previsão do tempo, além dos quadros fixos (Informações da Embrapa, música, “causos” e culinária). O programa, apresentado de uma fazenda na cidade de Serra Azul (SP), próxima a Ribeirão Preto, foi composto por quatro blocos e exibiu matérias relacionadas aos seguintes assuntos: produção de bambu, reciclagem de embalagem de agrotóxicos, criação de javali, feira Agrishow e variedade de tangerina.

Na tabela abaixo demonstramos a organização do *Caminhos da Roça* no dia 20/05/06, mostrando o tempo e a localização de cada quadro e matéria. O tempo foi contado excluindo cabeças e notas pé.

Matéria/Quadro	Tempo	Localização
Reciclagem de embalagem de agrotóxicos	2'36''27	1º bloco
Quadro Música - 1ª parte	5'39''24	1º bloco
Cultivo do bambu	2'41''07	2º bloco
Entrevista sobre criação de javali	2'52''67	2º bloco
Cotações (café, boi gordo, soja, milho, cana e açúcar)	37''63	2º bloco
Agrishow	2'06''32	2º bloco
Agrishow	4'12''83	3º bloco
Variedade de Tangerina	3'21''96	3º bloco
Informações / Embrapa	2'16''86	3º bloco
Previsão do Tempo (São Simão, Ribeirão Bonito, Capivari e Alfenas)	33''19	3º bloco
Culinária	9'57''12	4º bloco
Quadro <i>Chico Lorota</i>	1'12''10	4º bloco
Música - 2ª parte	6'07''45	4º bloco

A matéria selecionada para esta pesquisa, exibida neste dia, é a que trata das duas novas variedades de tangerina – localizada no terceiro bloco. Trata de ciência e tecnologia aplicadas ao campo e mostra interação entre pesquisador e agricultor. O assunto principal são as novas variedades de tangerina que foram desenvolvidas para serem resistentes a doenças que atacam os *citrus*. Embora haja outras matérias, inclusive mais longas (como é o caso da que trata da Agrishow), em nenhuma delas há interação entre trabalhador rural e pesquisador. São reportagens e notas que exibem entrevistas com algumas fontes e que têm a presença do pesquisador, mas a interação não existe e, por isso, não puderam ser escolhidas para esta análise.

Descrição da matéria

A reportagem aborda o cultivo de duas novas variedades de tangerina resistentes a doenças, a tipo *Fremont* e a tipo *Thomas*. Das 1.700 variedades de *citrus* vindas do mundo todo 350 são de tangerina e, entre essas, os pesquisadores do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), ao realizarem estudos no banco genético do Centro de Citricultura de

Cordeirópolis, encontraram duas variedades e apresentam ao produtor como resistentes à alternaria (doença que ataca o *citrus*).

É informativa, já que apresenta, sem fazer comentários opinativos, a descoberta (o fato) e mostra os benefícios que as variedades da fruta trarão para quem as produzir. É predominantemente descritiva. É uma reportagem regional feita na cidade de Cordeirópolis (SP), na região de Campinas. Nela há a presença de uma fonte testemunhal e dois especialistas do IAC. As informações dos pesquisadores entrevistados são a única fonte citada pela repórter. Não há questionamento nem dúvida quanto aos resultados da pesquisa.

É uma reportagem em que o resultado da pesquisa científica é assunto principal, entretanto a abordagem científica ocorre de forma pouco contextualizada. O que há é a descrição de um resultado específico e não do processo de pesquisa.

A edição das imagens é um suporte do conteúdo que está sendo transmitido. O cenário é o campo, os pomares de tangerina. Não utiliza artes gráficas ou desenhos como elementos ilustrativos. O ambiente mostrado é o campo, onde pesquisadores, produtor rural e repórter se encontram. As palavras são apoiadas com imagens dos pomares e das tangerinas infectadas pela doença.

Análise

A matéria sobre tangerinas caracteriza-se como uma reportagem por conter os elementos cabeça, *off*, sonora (de fonte testemunhal e pesquisador) e passagem. Não há nota pé. Aproximando-se dos quatro minutos, é uma reportagem extensa (porém não a mais extensa) se comparada às demais e também se comparada ao quadro fixo apresentado pelo pesquisador da Embrapa, que neste programa contou com pouco mais de dois minutos. Como nas reportagens dos dias 21 de janeiro e 25 de fevereiro, esta também é conduzida pela repórter Cristina Maia.

O assunto abordado é o resultado de uma pesquisa realizada por pesquisadores do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) que identificaram duas variedades de tangerinas que são mais resistentes às doenças que atacam os pés de tangerinas, como a alternaria, por exemplo. A notícia não é a descoberta das novas variedades e sim de que elas são resistentes a doenças. Segundo a repórter, a pesquisa do IAC se estendeu por mais de dois anos e foi feita no banco genético do Centro de Citricultura de Cordeirópolis (SP). É a repórter, no quinto *off*, que apresenta o fato gerador da matéria: “Pesquisadores do Instituto Agrônomo de Campinas apresentaram ao produtor algumas alternativas. Há dois anos eles estudam no Centro de

Citricultura de Cordeirópolis uma solução para a alternaria”. O fato gerador da notícia nessa reportagem é somente o resultado da pesquisa e não os passos que os pesquisadores traçaram para chegar a tal resultado. Já é intenção mostrar que o pesquisador vai “apresentar ao produtor” uma solução. Identifica-se aqui o início de uma abordagem argumentativa, de quem vai mostrar soluções, convencer dos benefícios da produção das novas variedades de tangerina.

A repórter se concentra em mostrar como a resistência a doenças dessas duas novas variedades de tangerina serão boas para os produtores da fruta. A reportagem quer mostrar como a descoberta ajudará o produtor rural que sofre com a doença nos pomares. Novamente a seqüência argumentativa, com intenção de convencer. Em nenhum momento mostra o laboratório, o IAC ou algum outro dado da pesquisa, porém os pesquisadores usam uniformes e crachás, o que dá mais credibilidade às fontes. Os pesquisadores são levados até os pomares e conversam diretamente com o produtor rural para mostrar o que pode ser feito para lidar com a doença da planta. O cenário é sempre o campo, o pomar de tangerinas.

Como de costume, no início do programa, na escalada, entra a voz do apresentador seguida de uma breve sonora de um dos entrevistados, neste caso da pesquisadora Rose Mary: “As variedades de tangerina resistente a doenças: ‘É uma alternativa interessante pra que ele possa ficar no mercado com uma variedade de tangerina’”. A matéria é iniciada com a fala do apresentador Paulo Carlim, que faz a cabeça: “Pesquisadores do Centro de Citricultura de Cordeirópolis estão divulgando as vantagens de duas variedades de tangerina. A principal qualidade delas é a resistência a uma grave doença que vem comprometendo a produtividade nos pomares”. Na fala de Carlim não é percebida nenhuma demonstração clara de opinião, porém, não se demonstra também nenhuma dúvida quanto aos benefícios da descoberta.

A reportagem é predominantemente descritiva por apresentar com detalhes a descrição das características da doença da alternaria, de como são os frutos híbridos e por apenas apresentar o fato gerador da matéria, que é a descoberta desses híbridos resistentes, sem demonstrar opinião ou questionar. Não poderia ser considerada interpretativa/analítica, pois não apresenta o processo de desenvolvimento da pesquisa, as dificuldades da pesquisa e as repercussões posteriores. Embora trabalhe com os resultados finais do estudo, a reportagem não mostra se elas estão sendo usadas, se são realmente produtivas e resistentes, apenas informam e sugerem ao produtor que essas novas variedades trarão, com certeza, melhor produtividade e resistência a doenças. Novamente a presença da seqüência argumentativa, com intenção de convencer.

A reportagem é composta por uma mescla dos discursos popular, do jornalístico e do tecnológico. O primeiro deles é o da fonte testemunhal logo na primeira sonora: “Foi como se tivesse passado um lança-chamas na planta”, diz o produtor. O segundo fica a cargo da repórter ao explicar o que é a doença da tangerina: “Doença causada por um fungo que produz uma toxina específica para tangerinas”. O terceiro, o discurso tecnológico, pode ser identificado na segunda sonora de Rose Mary (pesquisadora do IAC): “ela fica boa pra colheita, ah..., no final de maio, começo de junho, mas ela se mantém na planta três meses. Isso então facilita para que vocês produtores consigam colhê-la mais....por um período maior”. Consideramos o discurso presente na fala do produtor José Zanetti Junior como o discurso popular e que se baseia em uma analogia para explicar o que aconteceu com as frutas. O termo lança-chamas é um modo de dizer que as frutas foram queimadas pela doença. Isso poderia ter sido cortado na edição, mas a permissão para ficar no texto pode ser explicada pelo fato de poder auxiliar no entendimento, como uma função pedagógica, já que é mais fácil uma pessoa leiga imaginar o que um lança-chamas provoca do que imaginar como é a queimadura provocada pela alternaria. “A analogia é um elemento essencial da linguagem de divulgação científica. Ela torna concreto conceitos abstratos, dá ao leitor uma base de comparação etc. O ideal é que sejam consideradas ilustrativas e não explanatórias” (VIEIRA, 1998, p. 21). O discurso jornalístico é identificado na fala da repórter, pois é um discurso explicativo que tenta esclarecer alguns termos e conceitos científicos. Na fala de Rose Mary identificamos o discurso tecnológico que é um discurso que visa prescrever ações com o propósito de informar aos intérpretes como alcançar certos objetivos. E é isso que a pesquisadora tenta fazer, prescrever quantos pés podem ser plantados, quanto será a produtividade etc.

Nesta reportagem o apresentador não apresenta sua opinião quanto à pesquisa ou seu resultado, apenas diz o texto, sem interferência direta. Mas o simples fato de dizer as vantagens das novas variedades de tangerina já indica posicionamento. Nas falas tanto do apresentador quanto da repórter não encontramos, em nenhum momento, discordância ou dúvida quanto ao resultado da pesquisa. Entretanto, não podemos falar que o fato de não emitir explicitamente opinião, os exime de demonstrar a parcialidade. Só o fato de consultarem apenas os especialistas do IAC e não colocarem outro que pudesse comentar esses resultados já comprova a parcialidade. Conforme Charaudeau (2006, p.151), o acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade

escolhidos. Aqui não há outras fontes (oficial ou especialista) além dos pesquisadores do IAC, o que os caracteriza como fontes primárias e também oficiais, já que o IAC é um órgão da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Não é informada a origem dos dados apresentados, o que nos faz entender que vieram da fonte primária. O que entendemos é que esta reportagem pretendeu apenas divulgar a pesquisa do IAC e não discutir ou se aprofundar nos benefícios da descoberta.

A impressão de *reality show* é encontrada nesta reportagem, em que o telespectador passa mais tempo sendo observador e o repórter o narrador. Os pesquisadores conversam o tempo todo com o produtor. Mesmo que a câmera os focalize percebe-se que estes estão em interação com o produtor. Há momentos em que a câmera “anda” e é posicionada atrás do produtor e mostra a conversa para o telespectador. Não há, em nenhum momento, imagem dos pesquisadores falando diretamente com o público que os assiste e, mesmo conversas diretas com a repórter são raras, só existe uma e é a fala final da reportagem quando esta conversa com a pesquisadora (trecho que também fez parte da escalada, no início):

Rose Mary: “É uma alternativa interessante para que ele possa ficar no mercado com uma variedade de tangerina”

Repórter: E continuar competitivo?

Rose Mary: E continuar competitivo.

Como nas reportagens anteriores, nesta também não há aprofundamento do assunto científico abordado e nem vocabulário com o rigor do discurso científico, com jargões ou tecnicismos. Nas falas dos pesquisadores identificamos mais traços do discurso tecnológico do que do científico. Como diz o pesquisador Fernando Azevedo: “então os plantios não podem ser muito adensados, têm que ser plantios com espaçamento mais largo, né? Daí dá pra plantar 400 plantas por hectare. Daria por volta de 50 toneladas por hectare, que é uma produção muito boa”. O discurso tecnológico é o mais encontrado na hora de abordar C&T por se tratar de um discurso que visa “ensinar” o produtor, como já dissemos, é um discurso que é prescritivo. A linguagem predominante nesta reportagem é clara e simplificada porque não apresenta termos técnicos e procura falar de forma coloquial. A repórter faz pouco uso do discurso indireto, só sendo observado no sexto *off*, quando diz “Ela explica que a *Fremont* floresce duas vezes por ano”. Ao dizer “ela explica”, a repórter está se referindo à pesquisadora Rose Mary. Ao incorporar em sua fala a fala do outro, a jornalista explicita o discurso indireto utilizando expressões como “de acordo com”, “segundo”, ou através de orações subordinadas introduzidas por um verbo de fala como “disse que”, “afirmou que” e

com isso, a repórter não se compromete diretamente com o dito, mas ao mesmo tempo dá força com recursos de autoridade.

Observando as sonoras dos pesquisadores, quando eles falam com o produtor, vemos que a escolha desse “modelo de reportagem”, em que o telespectador pode ver a interação entre ambos, é intencional no *Caminhos da Roça*, pois se não o fosse, os pesquisadores poderiam estar somente explicando para os telespectadores em conversa com a repórter. Mas não é isso que acontece. Há a real intenção de se fazer aproximar ao máximo da realidade a interação entre testemunha e especialista para ser mais convincente.

As imagens que cobrem *offs* e sonoras estão de acordo com as informações mostradas. Quando fala da doença, mostra-se a fruta danificada; ao falar dos tipos de tangerina, entra a imagem exata dos tipos *Fremont* e *Thomas*; ao falar das características de cada uma, a câmera passeia mostrando a diferença entre os pés – como na última sonora de Fernando Azevedo “o porte dessa planta é bastante avantajado. É um porte bem grande, uma planta bem alta”.

Quanto aos modos de filmagem e enquadramento, a reportagem está de acordo com o padrão que exige: quando o entrevistado (produtor ou pesquisadores) está sendo enquadrado no canto direito ele deve estar olhando para o canto esquerdo (onde deve estar o repórter), e vice versa, e esse posicionamento também é observado nesta reportagem. Há o predomínio de enquadramento entrevistados em plano médio (da cintura para cima) e em plano próximo (enquadrados na altura do ombro). Há presença do *zoom* até chegar no *close* e do plano em detalhe para mostrar a tangerina doente e a mancha da alternaria. Não há utilização de trilha sonora ou de elementos gráficos para ilustrar ou auxiliar na demonstração das explicações. A inserção de música poderia dar à matéria um tom mais poético e o nosso objeto de estudo não costuma fazer uso desse recurso em nenhuma matéria.

4º programa: 8 de julho de 2006

O programa do sábado, 8 de julho de 2006, não contou com nenhum acontecimento como feiras ou festivais que pudessem alterar o curso do programa. Com duração aproximada de 50 minutos excluindo os intervalos comerciais, *Caminhos da Roça* exibiu neste dia quatro matérias, uma entrevista, cotações, previsão do tempo, além dos quadros fixos (Informações da Embrapa, música, “causos” e culinária). Esta edição trouxe os “Destaques da Semana”, um espaço reservado para apresentar notas cobertas ou breves reportagens sobre assuntos do meio rural que foram destaques na semana. Os assuntos são variados, podendo ser sobre feiras, festas, visita de alguém ligado à agricultura, divulgação de estimativa de safras, entre outros.

O programa, apresentado de uma fazenda da cidade de São José do Rio Pardo (SP) por Dimas Augusto, foi composto por cinco blocos e abordou os seguintes assuntos: produção de batatas na época da seca, novidade para irrigação de hortaliças, prevenção contra geada, safra da laranja e festas juninas.

Embora seja um programa organizado em cinco blocos, o tempo total não foi maior que os demais analisados. Na tabela a seguir demonstramos a organização do *Caminhos da Roça* no dia 08/07/06, incluindo o tempo e a localização de cada quadro e matéria. O tempo foi contado excluindo cabeças e notas pé.

Matéria/Quadro	Tempo	Localização
Produção de batatas na seca	2'20''70	1º bloco
Quadro Música - 1ª parte	4'34''45	1º bloco
Irrigação	4'21''73	2º bloco
Entrevista sobre geada	4'00''63	2º bloco
Informações / Embrapa	1'54''43	2º bloco
Previsão do Tempo (Serra Negra, Rio Claro, Franca e Poços de Caldas)	35''49	2º bloco
Safra da laranja	2'36''20	3º bloco
Cotações (café, boi gordo, soja, milho, cana e açúcar)	45''34	3º bloco
Festas Juninas	2'00''31	3º bloco
Culinária	8'00''32	4º bloco
Quadro <i>Chico Lorota</i>	1'26''48	5º bloco
Música - 2ª parte	10'44''62	5º bloco

A matéria selecionada para esta análise é a que aborda o tema irrigação de hortaliças – localizada no início do segundo bloco. É uma matéria que mostra a ciência e a tecnologia aplicadas ao campo e é baseada no resultado de uma pesquisa do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). O assunto principal são os benefícios descobertos pelos pesquisadores ao compararem dois tipos de equipamentos para irrigação. Embora haja outras matérias, nenhuma delas atendeu aos critérios de seleção. São reportagens e entrevistas que exibem entrevistas com algumas fontes e que têm a presença do pesquisador, mas não divulgam pesquisa e a interação não existe. Por isso não puderam ser escolhidas para esta análise.

Descrição da matéria

Trata-se de uma reportagem baseada nos resultados de uma pesquisa do IAC sobre os benefícios da irrigação por gotejamento. A repórter inicia o *off* com uma comparação entre o método convencional que é por aspersão de água e o método por gotejamento, que promete aproveitar 100 por cento da água na irrigação – o que o primeiro método não faz.

É uma matéria informativa, já que não apresenta critérios opinativos ou comentários, apenas apresenta os resultados da pesquisa do IAC e os benefícios que o produtor terá utilizando o método por gotejamento na hora da irrigação das hortaliças. É predominantemente descritiva. É feita na cidade de Pedra Bela (SP), na região de Campinas/SP. Nela há a presença de uma fonte testemunhal e um especialista do IAC. As informações do pesquisador entrevistado são a única fonte citada pela repórter. Não há questionamento nem dúvida quanto aos resultados da pesquisa.

É uma reportagem baseada no resultado da pesquisa científica, mas o que notamos é que a tecnologia do novo método de irrigação é o assunto principal e não somente a ciência. A abordagem científica ocorre de forma pouco contextualizada. O que há é a descrição de um resultado específico e não do processo de pesquisa.

O cenário mostrado pelas imagens é o campo, as plantações de hortaliças. Não são utilizados artes gráficas ou desenhos como elementos ilustrativos. O ambiente mostrado é o campo, onde pesquisador, produtor rural e repórter se encontram. As sonoras e os *offs* são apoiados com imagens das hortaliças e dos instrumentos para a irrigação.

Análise

A matéria sobre o método de irrigação para hortaliças caracteriza-se como uma reportagem por conter os elementos cabeça, *off*, sonora (de fonte testemunhal e pesquisador) e passagem. Não há nota pé. Aproximando-se dos quatro minutos e meio, é a reportagem mais extensa desta edição, só perdendo para os quadros fixos de música e de culinária.

O assunto abordado é o resultado de uma pesquisa realizada por estudiosos do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) que comprovou que o método de irrigação por gotejamento é mais eficiente do que o convencional por aspersão. Não é a descoberta do método que é a novidade e sim os benefícios que ele tem – que é o aproveitamento de água.

É a repórter Edilaine Garcia, da *EPTV* Campinas, logo no primeiro *off*, que apresenta o fato gerador da matéria: “De acordo com pesquisas do IAC [...], o método mais conhecido, além de desperdiçar água, molha o que não é necessário, como mato, e muitos pontos deixam

de ser irrigados”. O fato gerador da notícia nessa reportagem é o resultado da pesquisa do IAC e os benefícios do gotejamento e não os passos que o pesquisador traçou para chegar a tal resultado. Nota-se, já na cabeça da reportagem, que a intenção é mostrar que o pesquisador vai apresentar soluções ao produtor: “Pesquisadores do Instituto Agrônomo de Campinas fizeram o teste e apresentam o resultado”. Neste primeiro *off*, ao dizer “Compare os sistemas de irrigação” identificamos na fala da repórter a presença da seqüência discursiva argumentativa, que visa fazer com que o telespectador se convença de que o método por gotejamento é o melhor. Nota-se também o uso do discurso indireto “De acordo com pesquisas do IAC (...)” que visa-se garantir a credibilidade da informação. Segundo Giani D. Silva ([s/d], online) o modo argumentativo, diferentemente dos outros, é menos visível e menos tangível no discurso de informação televisiva devido ao próprio contrato de informação que prevê em seus princípios uma tentativa de neutralidade, e argumentar seria tomar uma posição. No entanto, ele pode ser considerado um procedimento subjacente, uma estratégia de persuasão que procura conduzir o telespectador a compartilhar o ponto de vista da instância midiática.

É a repórter que conduz a matéria. É ela quem explica a técnica e fala de seus benefícios: “A técnica tradicional libera até seis mil litros de água por hora. Na canalização cada gotejador interno, distantes 30 centímetros um do outro, molha a terra com cinco litros de água a cada hora”. Aqui podemos observar uma seqüência descritiva, mostrando os detalhes da técnica e a seqüência argumentativa novamente com a intenção dizer que um é melhor que o outro.

A reportagem quer mostrar como a descoberta ajudará o produtor rural que acaba desperdiçando água para irrigar suas plantações e corre o risco de molhar o que não é necessário, como mato, por exemplo. Em nenhum momento mostra o laboratório, o IAC ou algum outro material de pesquisa. O pesquisador é identificado apenas pelos caracteres escritos na tela pelo programa (o GC). Não é mostrado se ele usa algum uniforme com a sigla IAC na camisa, apenas mostra que ele está usando um crachá, mas também não é possível lê-lo. O enquadramento é feito na altura do ombro, em plano próximo.

Nesta reportagem o pesquisador também é levado ao campo para mostrar os resultados da pesquisa ao produtor, entretanto, nosso critério de observar a interação entre produtor e especialista aparece de forma diferente. Neste caso a interação é narrada pela repórter. Como é ela que conduz a reportagem e dá muitas explicações sobre os métodos de irrigação, o contato é mostrado nas imagens, mas a voz das explicações é da repórter e não do pesquisador, por

exemplo. Um dos trechos que observamos essa interação é na seguinte passagem: enquanto a repórter aparece para mostrar a técnica do gotejamento, o telespectador pode ver ao fundo, na altura do ombro esquerdo da repórter, o pesquisador e o produtor rural conversando, o primeiro fazendo exatamente o que dizia a cabeça da matéria, apresentando o resultado.

O especialista do IAC vai até a plantação de hortaliças para mostrar ao produtor o que pode ser feito para economizar e aproveitar melhor a água usada nas plantações. A interação entre eles é observada ainda em outros momentos como na primeira sonora do pesquisador do IAC, Wilson Tivelli. Nessa sonora, a câmera não fica só filmando o pesquisador falar, como acontece em outras, mas a fala dele é coberta com imagens das hortaliças sendo irrigadas e do pesquisador e do produtor conversando e andando em meio à plantação.

Como de costume, no início do programa, na escalada, entra a voz do apresentador seguida de uma breve sonora de um dos entrevistados. Neste caso do produtor de hortaliças, Eliseu Fagundes Ataídes: “Pesquisadores fazem o teste. Qual a técnica mais econômica e eficaz na hora de irrigar a lavoura? ‘Economiza bastante água, molha muito bem, né?’”. A matéria é iniciada com a fala do apresentador Dimas Augusto, que faz a cabeça: “Estamos de volta e agora vamos falar sobre irrigação. Qual a técnica mais indicada considerando eficácia e economia de água? Pesquisadores do Instituto Agrônomo de Campinas fizeram o teste e apresentam o resultado”. Na fala de Dimas, também identificamos um discurso argumentativo, mesmo que sutil. O fato de se perguntar qual a técnica mais indicada, já demonstra que a matéria vai mostrar qual é a melhor, que certamente é a indicada pelos pesquisadores.

A reportagem é marcada pelo predomínio de descrição – por apresentar as características dos dois métodos de irrigação, por verificar como é o processo em cada um deles e por apenas apresentar o fato gerador da matéria, que é o benefício de se usar o que irriga por gotejamento – e de argumentação, que visa convencer que o método por gotejamento é melhor que o método por aspersão. Não poderia ser Interpretativa/analítica, pois não apresenta o processo de desenvolvimento da pesquisa, as dificuldades da pesquisa e as repercussões posteriores. Embora trabalhe com os resultados finais do estudo, a reportagem não mostra se a técnica é usada por outros produtores, se são realmente produtivas. Apenas informam e sugerem ao produtor que trará benefícios.

A reportagem também é composta pelos discursos popular, jornalístico e tecnológico. O primeiro deles é o da fonte testemunhal: “Desvantage [sic] é na hora de colher, que às veiz [sic] a gente acaba cortando a mangueira”, explicado por Barthes (1998) como um discurso acrático, aquele que é influenciado pelo senso comum, o popular, e que está fora do poder. O

segundo está na fala da repórter ao fazer a comparação dos dois métodos e ao explicar os benefícios. O discurso jornalístico é identificado na fala da repórter, pois é um discurso explicativo que tenta esclarecer alguns termos e conceitos, mesmo havendo a presença argumentativa. O terceiro, o discurso tecnológico, pode ser identificado na fala do pesquisador “O produtor tem que levar em conta que com a utilização do gotejo ou da micro-aspersão ele vai ter uma grande economia de energia no sistema de bombeamento [...]. Por exemplo, ele pode utilizar o sistema de gotejo para fazer a distribuição do adubo” Nessa passagem encontramos o discurso tecnológico que é um discurso que visa prescrever ações com o propósito de informar aos intérpretes como alcançar certos objetivos. E é isso que a pesquisadora tenta fazer, prescrever quantos pés podem ser plantados, quanto será a produtividade etc.

Nas falas tanto do apresentador quanto da repórter não encontramos, em nenhum momento, discordância ou dúvida quanto ao resultado da pesquisa. A consulta apenas aos especialistas do IAC e a ausência de outro especialista também é explicada aqui pelo fato do IAC estar ligado ao governo e isso faz do instituto uma fonte oficial, com credibilidade.

A impressão de *reality show* não é percebida nesta reportagem. Aqui, o pesquisador, quando fala com o público, olha para a câmera e pouco para a repórter, o que faz com que público não seja posto em situação de observador e sim de participante, ou seja, tem alguém que está “falando com ele”, ou para ele.

Como nas reportagens anteriores, nesta também não há aprofundamento do assunto científico abordado e nem vocabulário com o rigor do discurso científico, com jargões ou tecnicismos. Nas falas dos pesquisadores identificamos mais traços do discurso tecnológico do que do científico. O discurso tecnológico é o mais encontrado na hora de abordar C&T nesta reportagem por se tratar de um discurso que quer “ensinar” o produtor, por ser prescritivo. A linguagem predominante é clara, pois une fala e imagem visando possibilitar a compreensão do assunto, e simplificada porque não utiliza termos técnicos.

As imagens que cobrem *offs*, sonoras e passagem estão em harmonia com as informações mostradas. Quando entra a repórter pedindo para que se faça uma comparação entre os dois tipos de irrigação, entra imagem separada de cada modelo. Ao falar que no gotejamento as mangueiras devem estar distantes 30 centímetros uma da outra entra imagem da distância que as separa; ao falar do tenciômetro, mostra onde o ponteiro deve estar para que a planta esteja irrigada e também mostra como instalá-lo no solo.

Os planos de enquadramento mais encontrados são o geral e o próximo, mas observa-se também o *zoom out* na hora em que mostra os sistemas de irrigação. Não há utilização de trilha sonora ou de elementos gráficos como mapas ou artes para ilustrar ou auxiliar na demonstração das explicações. Entretanto, há uma tela dividida mostrando os dois métodos de irrigação quando a repórter faz o segundo *off*: “As duas técnicas são usadas há cerca de 30 anos em regiões desérticas no sul da Espanha”.

5º programa: 7 de outubro de 2006

No dia 7 de outubro de 2006 *Caminhos da Roça* esteve na varanda da Universidade de São Paulo – USP, *campus* de Pirassununga. Foi a única vez no ano que o programa foi apresentado de uma universidade.

Apresentado por Dimas Augusto, foi um programa típico, sem eventos no meio rural que pudessem interferir no conteúdo. Com duração de 50 minutos, excluindo os intervalos comerciais, *Caminhos da Roça* exibiu neste dia quatro matérias, uma entrevista, cotações, previsão do tempo, além dos quadros fixos (Informações da Embrapa, música, causos e culinária). Não houve as habituais “Notícias da Semana” ou “Destaques da Semana” onde são apresentadas algumas notas cobertas de assuntos que ocorreram durante a semana no meio rural. Este não é um quadro fixo e só aparece quando na semana houve algum fato que mereça destaque.

O programa compôs-se por quatro blocos e exibiu matérias relacionadas aos seguintes assuntos: cultivo da uvaia, produção de *triticale*, biodigestores, crianças que vão conhecer o campo e entrevista sobre preparo do solo.

Na tabela abaixo demonstramos a organização do *Caminhos da Roça* no dia 07/10/06, com o tempo e a localização de cada quadro e matéria. O tempo foi contato excluindo cabeças e notas pé (quando houve).

Matéria/Quadro	Tempo	Localização
Cultivo da Uvaia	2'49''08	1º bloco
Quadro Música - 1ª parte	5'05''47	1º bloco
Produção de Triticale	2'67''15	2º bloco
Entrevista sobre preparo do solo	3'32''63	2º bloco
Informações / Embrapa	1'47''94	2º bloco
Previsão do Tempo (Matão, Bebedouro, Americana, Poços de Caldas)	30''09	2º bloco
Biodigestores	3'01''13	3º bloco
Cotações (soja, café, cana-de-açúcar, açúcar, boi gordo)	37''16	3º bloco
Alunos visitam o campo	2'24''47	3º bloco
Culinária	8'42''85	3º bloco
Quadro <i>Chico Lorota</i>	1'22''36	4º bloco
Música - 2ª parte	8'27''44	4º bloco

A matéria selecionada para esta pesquisa, exibida neste dia, é sobre biodigestores – localizada no terceiro bloco. Trata-se de uma matéria que mostra a tecnologia aplicada ao campo. A pesquisadora entrevistada vai até uma fazenda da cidade de Cravinhos (próximo a Ribeirão preto) orientar o administrador da fazenda sobre os benefícios da implantação do biodigestor. O assunto principal é o reaproveitamento dos resíduos dos animais e a produção de energia que o equipamento gera. As demais matérias exibidas nesta edição não se adequam aos critérios de seleção. São reportagens que exibem entrevistas com algumas fontes e que têm a presença de especialistas, mas a interação, o contato entre ambos não existe e, por isso, não puderam ser escolhidas para esta análise.

Descrição da matéria

Trata-se de uma reportagem sobre biodigestores. Esses biodigestores têm por finalidade ajudar propriedades rurais aproveitarem os resíduos produzidos por animais como gado e suínos e transformá-los em fonte de energia limpa e adubo para plantações. As fontes são um engenheiro civil - não ligado a nenhum instituto de pesquisa ou universidade – e uma doutora da Universidade de São Paulo, *campus* Ribeirão Preto. O administrador da fazenda é

apenas um entrevistado e não é considerado como fonte, pois não fornece nenhum dado ou contribuição empírica.

É descritiva e explicativa, mostra os benefícios da utilização dos biodigestores para produção de energia e adubo. É uma reportagem feita nas cidades de Colina e Cravinhos, ambas na região de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo. As informações dos pesquisadores entrevistados são a única fonte citada pelo repórter. Não há questionamento nem dúvida quanto aos resultados da pesquisa, a fala de um comprova o que foi falado pelo outro.

Os benefícios da nova técnica de produção de energia e adubo são o assunto principal. O enfoque é para a tecnologia que está sendo aplicada e não para pesquisas científicas.

A edição das imagens é um suporte do conteúdo que está sendo transmitido e também ajuda a demonstrar como o biodigestor funciona. Os planos de enquadramento mais encontrados são o plano médio e o plano aberto.

A matéria não contém artes gráficas ou desenhos como elementos ilustrativos. A edição das imagens está de acordo com a seqüência da matéria. O ambiente mostrado são as propriedades onde pode ser instalado o biodigestor, onde pesquisadores, administrador da fazenda e repórter se encontram e também onde o biodigestor funciona.

Análise

A matéria sobre biodigestores caracteriza-se como uma reportagem por conter os elementos cabeça, *off*, sonoras e passagem. Não há nota pé. É predominantemente informativa já que o trabalho jornalístico assume papel de observador da realidade e o jornalista registra os fatos geradores da matéria. Não poderia ser considerada Interpretativa/analítica, pois não apresenta o processo de desenvolvimento da pesquisa, além dos resultados e das repercussões obtidas.

Com pouco mais de três minutos de duração é a reportagem mais extensa, ficando atrás somente da entrevista (3'32"63) e dos quadros de música e de culinária que ultrapassam os oito minutos cada um. É apresentado pelo repórter José Vantini Júnior, da *EPTV* Ribeirão.

O assunto abordado concentra-se em descrever como as propriedades rurais que têm culturas de suínos, bovinos e eqüinos podem aproveitar os resíduos produzidos por esses animais transformando-os em fonte de energia e, o que resta, em adubo para plantações. Ao contrário das reportagens analisadas anteriormente, o biodigestor não foi desenvolvido por nenhuma empresa ou instituição do Estado de São Paulo, ou do Brasil. É projeto de uma empresa canadense (cujo nome não é citado).

É o repórter, no primeiro *off*, que apresenta o fato gerador da matéria: “Essa fazenda em colina no norte paulista implantou um biodigestor, equipamento que permite o reaproveitamento de resíduos para geração de energia”. O repórter se concentra em mostrar como o equipamento será útil e econômico para quem tem propriedade rural: “Todo esterco produzido pelos dez mil suínos é levado até a máquina que transforma o material em gás metano. O próximo passo é utilizar o biogás como substituto da eletricidade”. Até aqui consideramos que o discurso apresentado pelo repórter é explicativo, com o qual pretende-se fazer o destinatário compreender o objeto do discurso. Entretanto, na fala seguinte (*off 2*), quando diz “O processo ainda traz outra vantagem” já notamos, mesmo que suavemente, um traço argumentativo que objetiva convencer o espectador de que aquele aparelho é vantajoso.

A reportagem não se concentra em divulgar a pesquisa, nem os passos seguidos por pesquisadores para criar o equipamento, mas em como a implantação da nova tecnologia ajudará o produtor rural a economizar energia, adubar as plantações e ainda colaborar com a preservação do meio ambiente. Em nenhum momento mostra laboratório, ou algum lugar onde foi construído o biodigestor. Os especialistas são levados ao campo e conversam diretamente com o repórter – explicando-lhe onde pode ser usado o gás que sai do biodigestor – e com o administrador da fazenda – para mostrar-lhe o que pode ser feito com os estercos dos animais da fazenda dele.

A reportagem é composta pelos discursos do apresentador, do repórter, do engenheiro civil, da pesquisadora da USP e do administrador da fazenda. O primeiro deles está na cabeça, lida pelo apresentador: “A tecnologia que impulsiona a produtividade também ajuda a preservar a natureza. Agricultores investem em biodigestores para tratar resíduos e conservar o ambiente”. É um discurso divulgação com objetivo de mostrar a nova tecnologia, mas ao mesmo tempo com argumentatividade, com intenção de mostrar que além de “impulsionar” a produtividade, o biodigestor ainda é bom para a natureza, ou seja, de convencimento. Em seguida o repórter já inicia a matéria com uma palavra que dá suporte positivo à fala do apresentador: “Eficiência econômica e preservação ambiental. Em busca desses resultados essa fazenda em colina no norte paulista implantou um biodigestor [...]”, ou seja, o biodigestor, segundo as palavras do repórter é sinônimo de eficiência econômica e preservação ambiental, o que é um ótimo negócio. Nas palavras do repórter o discurso de divulgação é composto de descrição, explicação e argumentatividade, pois, na medida em que visa fazer com que o destinatário veja com detalhes o objeto de discurso, pretende-se fazer o destinatário compreender esse objeto e convencê-lo de que é algo muito bom. O engenheiro civil

(entrevistado 1) e a doutora da USP (entrevistada 2) tem funções diferentes na reportagem. O primeiro está na matéria para dizer para que pode servir o gás liberado pelo biodigestor e para explicar porque a empresa canadense investiu nesse projeto. É um discurso mais explicativo, apenas para fazer o destinatário compreender o que está sendo falado, porém há clareza e não há uso de termos técnicos que possam dificultar o entendimento. Já a professora da USP (como é creditado na matéria) entra com a parte de um discurso mais tecnológico, apresenta os custos de implantação do projeto, explica quais tipos são mais adequados de acordo com o tamanho da propriedade. O administrador da fazenda é um personagem, digamos que, secundário. É alguém que pretende implantar a novidade na fazenda depois de ter ouvido as orientações da professora da USP, pois ele ainda não usa o equipamento.

Nesta reportagem também encontramos a interação entre pesquisador e cidadão do campo narrada pelo repórter. Como é o repórter que conduz a reportagem e dá explicações sobre o funcionamento e benefícios do biodigestor, a interação é percebida pelas imagens, e a voz das explicações é do repórter e não da pesquisadora. Um dos trechos em que observamos essa interação é no momento em que o repórter explica quem é a entrevistada “Sônia é doutora em administração e gestão ambiental pela USP de Ribeirão Preto e diz que a tecnologia pode ser usada por qualquer agricultor” (tom elogiativo) – entra imagem de Sônia e do administrador da fazenda conversando. Nesta etapa o enquadramento está em plano médio mostrando a professora da USP e o administrador da fazenda conversando. Em seguida mostra um plano geral da fazenda, do gado e dos cavalos e depois fecha em plano médio e volta os dois conversando, mas o áudio é da locução do repórter com a fala “A especialista visitou a fazenda para orientar o administrador sobre como aproveitar o esterco produzido pela criação”. Com essas palavras já notamos que haverá discurso tecnológico na fala da professora, pois ela irá orientar o administrador sobre como fazer determinado procedimento. A pesquisadora da USP vai até a fazenda para mostrar ao produtor o que pode ser feito: “Esse metano é um excelente combustível, você pode usar pra fazer aquecimento de água, pra usar no fogão, geladeira a gás, chocadeira”. Identificamos como tecnológico, pois é um discurso que pretende dar instruções sobre algo. É uma linguagem clara e simplificada não fazendo uso de termos ou conceitos técnicos não utilizados pelo senso comum no cotidiano.

Quanto à caracterização das fontes, o primeiro entrevistado é identificado como engenheiro civil e fonte independente, pois não está vinculado a nenhuma instituição governamental. A professora da USP já uma fonte mais confiável, pois está ligada a uma universidade do governo. O administrador da fazenda foi considerado aqui como apenas

entrevistado e não como fonte testemunhal ou de qualquer outro tipo, por não contribuir com experiências empíricas ou dados. Essa é a única fala do administrador da fazenda “Achei interessante, quero aprender mais a respeito e de repente fazer aqui na propriedade”. Essa frase do administrador nos faz pensar que foi colocada propositalmente para justificar o que foi falado na reportagem toda: que o equipamento é bom, ou pelo menos para despertar interesse no espectador.

As falas do apresentador, do repórter e dos entrevistados estão de acordo com a informação que a reportagem passa, não há nenhuma manifestação de confronto ou dúvida em relação aos benefícios do produto. Não são entrevistadas pessoas que utilizam o equipamento, por exemplo, que poderiam dar um testemunho sobre o biodigestor.

A impressão *reality show*, onde entrevistado e o personagem conversam sem olhar para a câmera, observada em outras reportagens, não é encontrada aqui. Nesta, tanto o engenheiro civil quanto a professora da USP, ao serem entrevistados, olham para o repórter e em alguns lances olham diretamente para a câmera. Como já dissemos, todas as falas são passíveis de corte na edição final, entretanto, esse “estilo jornalístico” de exemplificar e ir ao campo mostrar como se faz também é encontrado nesta reportagem, como em muitas outras do *Caminhos da Roça*.

Nesta reportagem, a ciência e a pesquisa estão embutidas na tecnologia que se apresenta. Não há imagens do processo científico envolvido e também não há explicação desse processo por parte das fontes. Além do engenheiro civil e da professora da USP não há qualquer tipo de citação sobre outra fonte, o que os caracteriza como fontes primárias.

Quanto ao uso de imagens observamos que a reportagem cobre de forma satisfatória os *offs*. Mostra o biodigestor funcionando, o gás saindo dele, o líquido resultante do processo irrigando as plantações. A maneira que ficaram posicionados repórter e entrevistados segue os padrões das demais reportagens analisadas anteriormente. O predomínio de enquadramento são o plano médio e o plano próximo. Não há presença de trilha sonora ou de elementos gráficos para ilustrar ou auxiliar na demonstração do equipamento ou na compreensão de dados.

6º programa: 25 de novembro de 2006

O programa do sábado 25 de novembro de 2008 foi um programa convencional. Com duração aproximada de 50 minutos, excluindo os intervalos comerciais, *Caminhos da Roça* exibiu quatro matérias, uma entrevista, cotações, previsão do tempo, além dos quadros fixos (Informações da Embrapa, música, “causos” e culinária). Neste dia foram exibidos também os quadros *Destaques da Semana* e *Cartas e Dicas*, no qual o telespectador manda uma carta (ou e-mail) para o programa e esta dúvida é respondida por um profissional especializado. O programa, apresentado por Dimas Augusto, de uma fazenda na cidade de Barrinha, na região de Ribeirão Preto, foi composto por quatro blocos e exibiu matérias relacionadas aos seguintes assuntos: reprodução em cativeiro de animais em extinção, fossa biodigestora, criação de avestruz, inseticida para joaninhas e febre aftosa.

Na tabela abaixo demonstramos a organização do *Caminhos da Roça* no dia 20/05/06, mostrando o tempo e a localização de cada quadro e matéria. O tempo foi contado excluindo cabeças e notas pé.

Matéria/Quadro	Tempo	Localização
Reprodução de animais em extinção	2'23"92	1º bloco
Quadro Música - 1ª parte	6'20"79	1º bloco
Criação de avestruz	5'03"44	2º bloco
Cotações (avestruz, café, boi gordo, soja, milho, e açúcar)	33"83	2º bloco
Destaques da Semana (Febre aftosa)	23"65	2º bloco
Fossa biodigestora	2'46"47	3º bloco
Informações / Embrapa	1'53"56	3º bloco
Previsão do Tempo (Serra Negra, Araraquara, Jaboticabal, Passos)	30"48	3º bloco
Cartas e Dicas (Dúvida sobre inseticida para joaninhas)	2'58"72	3º bloco
Culinária	9'46"44	4º bloco
Quadro <i>Chico Lorota</i>	1'30"58	5º bloco
Música - 2ª parte	8'12"08	5º bloco

A matéria selecionada exibida neste dia é a que trata das fossas biodigestoras – localizada no início do terceiro bloco. Fala-se sobre ciência aplicada ao campo por meio da tecnologia. Nela observamos o contato entre pesquisador e produtores rurais. Os assuntos principais são as melhorias para quem não dispõe de coleta de esgoto e os baixos custos de se instalar fossas biodigestoras em propriedades rurais. Embora haja outras matérias, inclusive mais longas como é o caso da que trata da criação de avestruz e da entrevista sobre javali, em nenhuma delas há contato entre trabalhador rural e pesquisador, critério essencial para a seleção da matéria.

Descrição da matéria

A reportagem mostra como produtores e moradores de áreas rurais podem se beneficiar adotando como forma de coleta de dejetos as fossas biodigestoras. Um pesquisador da Embrapa e um profissional da CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) orientam moradores de um assentamento rural que não contam com tratamento de esgoto e incentivam produtores rurais a implantar o sistema em suas propriedades.

É predominantemente informativa e descritiva, pois descreve os processos envolvidos com a tecnologia mostrada e apresenta o fato gerador da matéria visando fazer o destinatário ver com detalhes o objeto de discurso. É uma reportagem regional feita em um município vizinho da cidade de Tambaú, na região de Ribeirão Preto, e na cidade de Ibaté, próxima a São Carlos. Nela há a presença de três fontes testemunhais e dois especialistas, um da Embrapa e um da CATI. Não há questionamento nem dúvida quanto aos resultados da pesquisa e outras fontes como institutos ou pesquisadores não são consultados como segunda opinião.

O assunto é tratado com tom elogiativo e como nas demais reportagens analisadas, esta também se concentra em mostrar a tecnologia advinda de pesquisas e não o processo da pesquisa científica em si. A tecnologia é o assunto principal e para apresentá-la são utilizadas três formas de abordagem: descritiva, explicativa e argumentativa.

A edição das imagens é um bom suporte do conteúdo que está sendo transmitido. O cenário é um barracão dentro do assentamento onde o pesquisador da Embrapa dá uma palestra para os moradores do que é a fossa biodigestora, como ela funciona e no que ela vai ajudar. Não são utilizados sistemas gráficos ou desenhos como elementos ilustrativos para ajudar no entendimento do sistema das fossas. O próprio pesquisador leva uma maquete e dá suas explicações apoiado nela. As palavras são apoiadas com imagens da maquete da fossa e da fossa verdadeira funcionando.

Análise

Caracterizamos a matéria em questão como uma reportagem por apresentar os elementos essenciais desse gênero que são cabeça, *off*, sonora (de fontes testemunhais e pesquisadores), passagem e nota pé. Aproximando-se dos três minutos, é uma reportagem extensa (porém não a mais extensa) se comparada às demais.

O assunto abordado é a coleta e o aproveitamento de esgoto humano por meio de fossas biodigestoras, que são resultado de pesquisas da Embrapa Instrumentação Agropecuária, em São Carlos. Fica claro que a notícia não é a criação das fossas, mas como essa nova tecnologia trará melhorias àqueles que não desfrutam de sistema de coleta de esgoto e também àqueles que têm propriedades rurais que precisam de adubo.

A reportagem é feita em duas partes. A primeira mostrando que os moradores de um assentamento estão sofrendo sem um sistema de coleta de esgoto. A outra parte mostrando que produtores rurais estão investindo na implantação das novas fossas. Quem apresenta o fato gerador da matéria é o apresentador, na cabeça da reportagem: “A substituição da fossa tradicional pela fossa biodigestora”.

O foco da notícia nessa reportagem é somente o resultado da pesquisa (que é a tecnologia) e não os passos que os pesquisadores traçaram para chegar a tal resultado. É intenção mostrar que a novidade vai trazer melhorias e corte de gastos. No segundo *off*, o repórter se concentra em mostrar com tom elogiativo que o novo sistema é vantajoso “A fossa biodigestora substitui a fossa comum com vantagens. Diminui os riscos à saúde e os gastos e insumos”. A fala do repórter contém traços de argumentatividade visto que antes de dizer a frase acima, o repórter expõe que é comum doenças como diarreia fazerem parte da rotina dos moradores e, logo em seguida, mostra com a citação acima que se utilizarem a fossa os riscos à saúde serão diminuídos. O mesmo teor de argumentação não é identificado na fala do pesquisador, nela há abordagem descritiva e explicativa, apenas com a intenção de demonstrar os detalhes do produto e não de convencer a respeito dele. Utilizando as palavras abaixo o pesquisador da Embrapa demonstra, por meio de maquete, como funciona a fossa biodigestora:

Ela é composta de três caixas de fibra de cimento ou de fibra de vidro. Nós ligamos o vaso sanitário na primeira caixa e uma vez por mês nos colocamos um balde de 10 litros de esterco bovino diluído e é o esterco bovino que faz a digestão desse material que cai aqui dentro. Ele passa pra segunda câmara e continua sendo digerido. Quando ele cai na terceira caixa ele já é um adubo orgânico isento de cheiro e isento de germes patogênicos. Pode ser usado pra adubação de pomar, diversas atividades agrícolas.

Nessa fala há duas abordagens: descritiva, pois pretende fazer o destinatário ver com detalhes o objeto de discurso (descrevendo a fossa pela maquete) e explicativa: pois pretende fazer o destinatário compreender o objeto do discurso. Ambas as abordagens andam juntas neste caso, já que a intenção observada não é apenas mostrar a fossa, mas fazer com que as pessoas compreendam seu funcionamento, para isso os assentados do município vizinho de Ibaté estão sentados juntos como se estivessem em uma palestra ouvindo o pesquisador da Embrapa falar. O que o pesquisador da Embrapa faz é uma forma de divulgação científica, ou melhor, divulgação de tecnologia. Por meio da maquete um novo discurso é construído para que informação seja compreendida e o discurso da divulgação científica é caracterizado como resultante de um trabalho de reformulação explícita.

A abordagem argumentativa também é encontrada nas falas do apresentador, do repórter e das fontes testemunhais. Como de costume, no início do programa, na escalada, entra a voz do apresentador seguida de uma breve sonora de um dos entrevistados, neste caso de uma das fontes testemunhais: “As vantagens de implantar a fossa biodigestora nas propriedades rurais: ‘É ótimo. Pra quem tem propriedade assim eu aconselho fazer porque funciona’”. A matéria é iniciada com a fala do apresentador Dimas Augusto, que faz a cabeça e trata do assunto com tom elogiativo: “Estamos de volta para falar de uma medida simples, barata e ecologicamente correta”. Na fala de Dimas nota-se demonstração de opinião e argumentatividade, pois não apresenta nenhuma dúvida quanto aos benefícios da descoberta, ao contrário, já inicia adjetivando positivamente o sistema de coleta de esgoto. Desde a chamada há intenção de convencer o destinatário a respeito do sistema, na fala do repórter e nas falas das testemunhas também, que depõem “Eu achei uma excelente idéia”, “É ótimo”, “Eu aconselho fazer porque funciona”. Diferente de outras reportagens analisadas, esta, além de trabalhar com os resultados finais do estudo, mostra que elas estão sendo usadas e que quem usa recomenda. Ou seja, todos esses incentivos de que o sistema é bom, levam ao telespectador uma confiança, uma provável certeza de que é realmente bom.

Quanto às fontes especialistas, que são duas, ambas estão com os assentados e com os produtores rurais e não em laboratórios ou salas de pesquisa. O pesquisador da Embrapa

Instrumentação Agropecuária veste um jaleco branco com o logotipo da empresa bordado no bolso do lado esquerdo e o da CATI não está uniformizado e também não usa crachá, é identificado apenas pelo gerador de caracteres. Ambos, um para falar da nova técnica e o outro para falar dos custos são levados até os produtores, conversam diretamente com eles para mostrar o que pode ser feito para economizar e ainda diminuir os danos à saúde e ao meio ambiente. O cenário é o assentamento e o ambiente onde as fossas são construídas e postas para funcionar como modelo. A ausência de outras fontes além da Embrapa e da CATI pode ser explicada, como nas matérias anteriores, pelo fato da Embrapa e da CATI serem órgãos vinculados ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Governo do Estado de São Paulo, respectivamente e por isso ambas são consideradas como fonte oficiais, que são tidas como as mais confiáveis, dispensando demais fontes da mesma categoria.

Observa-se na reportagem os discursos jornalístico e tecnológico. Um exemplo do primeiro deles é visto nas falas do repórter Fábio Ventura que vem informar aos produtores e àqueles que não têm coleta de esgoto em seu município das melhorias, vantagens e baixo custo que terão ao implantar o sistema da fossa biodigestora. “A fossa biodigestora substitui a fossa comum com vantagens. Diminui os riscos à saúde e os gastos e insumos”. Além de informar sobre os custos: “O investimento é de 800 reais se o produtor fizer parte de um programa de microbacias, a CATI – Coordenadoria de Assistência Técnica Integral – cobre até 90% dos custos”. O discurso jornalístico é um novo discurso, feito a partir das informações coletadas. Informações essas que são adaptadas pelas palavras do repórter e transmitidas de maneira clara. Na fala tanto do pesquisador da Embrapa quanto da CATI estão exemplos do discurso tecnológico que é um discurso que visa explicar e prescrever ações com o propósito de informar aos intérpretes como alcançar certos objetivos. E é isso que ambos fazem: “Se dirige à Casa da Agricultura, né? Leva os orçamentos, né? [...]o orçamento mais barato é o que é contemplado, certo? Ele faz todo um projeto, esse projeto é encaminhado para a regional. Nos analisamos, mandamos pra Campinas”, diz o representante da CATI.

A impressão de *reality show* não é percebida nesta reportagem. Neste caso, diferente de outras reportagens investigadas, o pesquisador quando fala olha para a câmera ou para o repórter, o que faz com que público não seja posto em situação de observador e sim de participante, ou seja, tem alguém que está “falando com ele”, ou para ele.

Como nas reportagens anteriores, nesta também não se faz uso de vocabulário com o rigor do discurso científico, com jargões ou tecnicismos. Nas falas dos pesquisadores

identificamos mais traços do discurso tecnológico, prescritivo, do que de um discurso científico, mas técnico e especializado. O discurso tecnológico é o mais encontrado ao abordar C&T por se tratar um discurso mais explicativo e prescritivo. Junto a ele está uma linguagem predominante clara e simplificada porque procuram falar de forma informal, não utilizando termos que não são compreensíveis ao senso comum. O discurso indireto (disse que, segundo ele etc) não é utilizado nesta reportagem.

Quanto às imagens que cobrem *offs* e sonoras estão coerentes com as informações mostradas. Elas fazem o respaldo imagético das explicações com palavras. Quando se fala do funcionamento da fossa, mostra-se a maquete e depois a fossa verdadeira em funcionamento, ao falar, do investimento ao se adquirir o sistema, entra a imagem das caixas sendo perfuradas que serão futuras fossas.

Quanto aos modos de filmagem e enquadramento a reportagem segue o padrão das demais já analisadas. Encontramos os planos de filmagem (nos *offs*) geral, médio e próximo. Quando o entrevistado está sendo enquadrado no canto direito ele deve estar olhando para o canto esquerdo (onde deve estar o repórter), e vice versa, e esse posicionamento é observado em todas as sonoras nesta reportagem. Há o predomínio de enquadramento em plano próximo e americano (dos joelhos para cima). Na sonora da fonte Edeval Pereira Aguiar há um exemplo de enquadramento em primeiro plano, ou seja, a pessoa está enquadrada mais próxima à câmara, à frente dos demais elementos que compõem o quadro e de ângulo baixo, no qual a fonte é enquadrada de baixo para cima. Não há utilização de trilha sonora ou de elementos gráficos para ilustrar ou auxiliar na demonstração das explicações. O que ajuda nas explicações do pesquisador da Embrapa é uma maquete e do funcionário da CATI são as próprias fossas.

1. Resultados obtidos

Esta pesquisa revelou que C&T é uma constante no programa regional *Caminhos da Roça*. Apesar de não estar rigorosamente presente em todas as edições, essas temáticas fazem parte do cotidiano do programa e se inserem no conteúdo juntamente com matérias de outras temáticas, entretenimento e culinária. Percebemos que o objetivo é mostrar entretenimento (com os casos e com a música) unido à divulgação científica voltada para o meio rural. A divulgação da ciência e das novas tecnologias acontece para trazer melhorias para o cidadão do campo e mostrar como as pesquisas e equipamentos desenvolvidos por institutos de

pesquisa são aplicáveis ao campo. A ciência nem sempre está em forma de pesquisa, mas sempre está em forma de tecnologia aplicada ao meio rural. Essa é característica importante das seis reportagens investigadas. Outras, que não entraram na seleção, por não atenderem aos critérios de pesquisa, ressaltam claramente a intenção apenas de divulgar pesquisa, sem unir na matéria pesquisador e trabalhador e/ou produtor rural. Entretanto, preferimos trabalhar com aquelas nas quais um contato entre pesquisador e cidadão do campo era percebido, até mesmo para mostrar como é a repercussão da divulgação. Como não fizemos pesquisa de opinião, grupos focais ou outro método com o qual pudéssemos captar esse dado, de alguma forma tínhamos que mostrar uma opinião do cidadão do campo para ter uma mesma que breve idéia de como a divulgação é recebida. E constatamos que é recebida positivamente, pois os entrevistados corroboraram com os pesquisadores e disseram nas reportagens que aprovavam o produto, que recomendavam o sistema etc., sempre com tom elogiativo, de que a nova tecnologia veio para mudar a vida deles.

Ao noticiar C&T as fontes de informação são ou estão sempre ligadas a institutos de pesquisa e universidades do Estado de São Paulo. Nenhuma universidade mineira foi citada. Nas reportagens analisadas, a única citada foi a Universidade de São Paulo - USP (*campus* Ribeirão Preto e Pirassununga) (uma vez). Os institutos de pesquisa mais encontrados são Instituto Agrônomo de Campinas – IAC (três vezes), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa (duas vezes) e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral – CATI (duas vezes), sendo que o Centro de Citricultura de Cordeirópolis e a Secretaria da Agricultura apareceram uma vez. Não houve entrevista ou consulta a nenhum órgão de pesquisa localizado no Estado de Minas Gerais ou outro Estado do país. A preferência em ter como fonte institutos de pesquisa e universidades do Estado de São Paulo e não de outros Estados brasileiros se explica pelo fato de *Caminhos da Roça* ser um programa regional e estar voltado para o interior de São Paulo e Sul de Minas. A divulgação de pesquisas provenientes de outros Estados seria justificável na medida em que a pesquisa influenciasse de alguma maneira o interior paulista. Vale ressaltar que foi percebida uma individualidade de fontes especialistas. Talvez pelo fato de estarem ligados a institutos de pesquisa do governo e universidades também do governo, fazem delas fontes oficiais e estas são consideradas muito confiáveis, dispensando, assim, a presença de outros especialistas. Entretanto, a diversidade de fontes deve ser uma constante na prática do jornalismo (de qualquer especialidade) exatamente para que não seja criada uma imagem de parcialidade.

As cidades que foram palco para as reportagens em questão são: Sumaré, Socorro, Cordeirópolis, Pedra Bela, localizadas na região de Campinas, Cravinhos e Tambaú, próximas a Ribeirão Preto, e Ibaté, na região de São Carlos. Como as pesquisas se originaram mais na região de Campinas, é justificável o fato de as reportagens também serem gravadas e “protagonizadas” em cidades próximas a ela. Os cenários de onde o apresentador conduziu o programa foram fazendas das cidades de Santa Rita do Passa Quatro, Jardinópolis, Serra Azul, São José do Rio Pardo, Pirassununga e Barrinha, com exceção da cidade de Jardinópolis, que foi um pescueiro e de Pirassununga, que foi o *campus* da USP localizado na cidade de mesmo nome. Porém, mesmo sendo no *campus* da universidade, o que aparecia era uma varanda e não a fachada da instituição. O que comprova que o programa não modificou seus padrões de apresentação, que é sempre estar na varanda de alguma propriedade rural. Constatamos que a maioria das pesquisas vem da região de Campinas, onde estão localizados importantes centros de pesquisa como os já mencionados. Como a equipe de produção e o apresentador são vinculados à praça da *EPTV* de Ribeirão, são justificáveis as gravações com o apresentador serem em cidades da região, até mesmo porque é a equipe que seleciona tais locais, os telespectadores enviam correspondências oferecendo e eles analisam e selecionam o que melhor se adequa à ocasião.

Algo que chama a atenção é a total ausência de informações e divulgação de pesquisas realizadas por institutos de pesquisa e universidades privados. O que pode ser explicado devido ao impedimento que os meios de comunicação têm em divulgar nomes de empresas privadas para que, assim, não seja feita propaganda gratuita.

As fontes são sempre identificadas e estão sempre ligadas a alguma universidade ou instituto de pesquisa. Em apenas uma delas (na que trata sobre os biodigestores 7/10/06) a fonte não está ligada a nenhuma instituição, mas mesmo assim é creditada sua especialidade (no caso, engenheiro civil). Os pesquisadores sempre trazem a sua identificação em um uniforme (camisa ou jaleco) e/ou crachá, mas mesmo assim há o crédito na matéria e o repórter sempre ressalta que aquela pessoa é pesquisadora ligada à determinada instituição. A maioria das fontes é primária e oficial e caracterizadas como especialistas ou testemunhas. O cenário no qual as fontes são entrevistadas é, habitualmente, a propriedade rural da qual está se falando. Se o assunto são as tangerinas, então as fontes estão nos pomares, se é o equipamento para irrigação, estão na plantação de hortaliças. Filmagens em laboratórios e em estúdio não são encontradas.

Os pesquisadores ganham voz em todas as reportagens pesquisadas e têm espaço para dar explicações e instruções sobre o que está sendo falado na matéria. O que é falado pelo pesquisador é sempre corroborado pelos outros atores da reportagem (apresentador, repórter e testemunhas). Como constatamos nas análises, não há discordância ou dúvida sobre o que está sendo divulgado, nem por parte do repórter e nem por parte das fontes testemunhais. A intenção é sempre apresentar as características positivas, ligadas ao avanço tecnológico e aos benefícios que a novidade trará para a vida do cidadão do campo.

Caminhos da Roça já descreve em sua *home page* que fala ao pequeno, ao médio, ao grande proprietário rural e ouve o que ele tem a dizer, com o grande objetivo de encontrar novos caminhos para o cidadão do campo. Nas reportagens selecionadas a presença deste público-alvo preferencial como fonte e participação como personagem entrevistado é uma constante. Eles ganham voz em todas as reportagens. O programa faz questão de mostrar o lado do cidadão do campo, daqueles que apresentam experiências empíricas. Eles também ajudam a fornecer explicações sobre o procedimento científico que protagonizaram, como na segunda reportagem analisada - sobre pecuária leiteira - em cujo o produtor Vitório explica como deve ser o pasto em piquetes e porque ele é melhor que o antes utilizado.

As 43 matérias sobre C&T exibidas em todo o ano de 2006 foram de diferentes formatos, incluindo reportagens, notas e entrevistas. Entretanto, as seis que fazem parte do nosso *corpus* são reportagens, compostas pelos elementos escalada, cabeça, *off*, sonora, passagem e, às vezes encerramento e nota pé. Vimos ao longo dos programas de 2006 que havia diferentes gêneros jornalísticos no programa, mas o predomínio nas matérias analisadas é do gênero informativo, não tendo sido encontrada nenhuma matéria dos gêneros opinativo, interpretativo, ou diversional. A escolha do *corpus* não esteve ligada ao formato, mas coincidentemente as seis analisadas apresentavam o mesmo formato e estavam dispostas dentro do programa quase nos mesmos locais. Vezes no segundo bloco, vezes no início do terceiro bloco. Não houve nenhuma que estivesse no quarto ou quinto blocos, que geralmente são reservados para culinária, causos e segunda parte da música de raiz. Outro dado que chama atenção é o fato da repórter Cristina Maia ter sido responsável por três das seis matérias investigadas. As demais tiveram como repórteres Fábio Ventura, Edilaine Garcia e José Vantini Jr. Entretanto, seria desconfiável que o estilo do programa estivesse vinculado ao repórter se todas fossem de um mesmo repórter, mas o estilo é visto nas reportagens de outros três diferentes profissionais.

O tempo de cada reportagem variou entre 2'46''47 e 5'15''06. A posição dentro do programa não é algo que variou muito. Nossas reportagens estiveram localizadas no segundo bloco ou no início do terceiro. A linearidade e o padrão do programa são mantidos. Mesmo no programa do dia 20 de maio, que teve a Agrishow como pauta de algumas matérias, este não foi mais extenso, ou deixou de exibir quadros ou entrevistas em razão disso. Os temas foram adequados aos tempos e aos quadros habituais e tudo correu normalmente.

A maioria das reportagens não esteve contextualizada, pois nem todas apresentam o fato gerador da notícia, fontes (especialistas e testemunhas) e as conseqüências do fato, itens importantes que juntos possibilitam a contextualização. A que atendeu a esses critérios foi a da pecuária leiteira (reportagem 2) por apresentar como era antes do programa da Embrapa e da Secretaria da Agricultura e como ficou depois que os pecuaristas começaram a ser orientados pelo programa.

Dentro das falas do repórter e apresentador, o discurso mais encontrado foi o de divulgação, ou seja, um discurso informativo e descritivo que visa democratizar as informações (pesquisas, inovações, conceitos de ciência e tecnologia). Informa ao descrever os processos envolvidos com ciência e tecnologia e apresenta o fato gerador da matéria com a intenção de fazer o destinatário ver com detalhes o objeto de discurso. O jornalista deve identificar sua capacidade de utilizar as possibilidades oferecidas pela linguagem e de avaliar as melhores ocasiões de utilizá-las. Esse tipo de discurso é muito encontrado no *Caminhos da Roça*. Já nas falas dos pesquisadores é constante a presença do discurso tecnológico, discurso este que visa prescrever ações com o propósito de informar aos intérpretes como alcançar certos objetivos. Com este discurso objetiva-se dar as informações e as técnicas de como realizar um determinado procedimento. Há um tipo de discurso tecnológico para cada área. O discurso tecnológico é também encontrado nas falas das fontes testemunhais, quando elas descrevem os procedimentos que realizam. É também um discurso presente no senso comum.

Ao enunciar, repórter, apresentador e fontes também fazem uso de determinadas seqüências discursivas e a mais encontrada nas reportagens investigadas é a seqüência argumentativa, aquela que visa convencer o destinatário a respeito do posicionamento de um produto ou serviço diante de um objeto de discurso controverso, ou mesmo convencê-lo da eficiência e eficácia de determinado produto ou serviço. E por ser muito encontrada no *Caminhos da Roça*, insistimos que não há imparcialidade. Depois dessa seqüência, podemos citar as que estão juntamente em segundo lugar: a explicativa e a descritiva. Ambas andam juntas no caso do nosso objeto de estudo, pois se complementam. A descritiva é usada para

descrever os processos envolvidos com ciência e tecnologia ou apresentar o fato gerador da matéria mostrando detalhes do objeto de discurso e a explicativa pretende fazer o destinatário compreender tal objeto. Portanto, ao mesmo tempo em que se descreve faz-se uso de explicação para se fazer compreender.

Para tratar de C&T foram usadas linguagem clara e simplificada. Ao nosso ver, confusão de informação e complexidade de temas ou de termos não foram encontrados. Linguagem clara, pois os discursos da matéria foram relacionados às versões dos fatos, ao encadeamento das idéias e dos acontecimentos, além da escolha de termos e imagem estarem editados de forma a possibilitar uma compreensão do assunto. Simplificada porque não identificamos o emprego de termos ou conceitos técnicos não utilizados pelo senso comum no cotidiano do meio rural. Nas falas das fontes testemunhais notam-se erros gramaticais e de concordância, mas mesmo com esses erros, são termos compreensíveis e que fazem parte da linguagem desse cidadão do campo. Roland Barthes (1988, p. 94) explica que “[...] na nossa sociedade basta-nos a linguagem do mesmo, não precisamos da linguagem do outro para viver: a cada um basta-lhe a sua linguagem”.

Nenhuma das reportagens analisadas faz uso de artes gráficas, mapas ou esquemas gráficos para dar explicações e nota-se que eles não tomam como base que o telespectador saiba do assunto, mas também não crêem que este seja leigo. O que encontramos foi na reportagem sobre irrigação quando, por um breve minuto, a tela é dividida na vertical para mostrar ao mesmo tempo os dois sistemas de irrigação. Porém, não consideramos esquema gráfico.

Em relação às imagens exibidas durante as matérias, todas são de autoria da própria emissora. Nenhuma matéria utilizou imagens de outras emissoras ou de programas. Os planos de enquadramento vistos são um padrão do programa. Na hora das entrevistas são enquadramentos em plano próximo e o entrevistado está sempre olhando para o repórter, que não aparece por completo na filmagem. São vistos também o *zoom in* e *zoom out*, que são respectivamente aproximação e afastamento do foco da câmera de algum objeto; planos americanos, médios, gerais e em detalhe.

Como *Caminhos da Roça* se constitui em programa regional, não houve nenhuma abordagem que saísse desse formato, como matérias de âmbito nacional. Todas as reportagens, entrevistas e gravações foram feitas pela produção do programa e nas regiões onde é exibido.

Mesmo naqueles programas em que não são exibidas matérias sobre C&T, esta temática está presente no quadro que trata das informações sobre reservas de água no solo,

com o pesquisador da Embrapa de Campinas, Evaristo de Miranda. Neste quadro, há sempre informações sobre reservas hídricas, chuvas, solo e plantações. O pesquisador informa que esteve com outros pesquisadores durante a semana e no sábado revela o que foi conversado entre eles. O quadro não ultrapassa os dois minutos e é fixo dentro do programa, porém, como não há contato entre pesquisador e cidadão do campo, não pôde ser analisado nesta pesquisa.

Tudo que foi falado neste capítulo, ao nosso ver, faz parte do Contrato de Comunicação estabelecido entre o *Caminhos da Roça* e o público telespectador. Termo definido por Patrick Charaudeau (2006, p.68), o Contrato é a correlação entre o lugar de produção (mídia) e o lugar de recepção (espectador, público). Ambos se colocam em situação de troca social e estabelecem vínculos, por meio de um acordo que se mantém implícito. No caso do nosso objeto de estudo todos esses elementos descritos na pesquisa fazem parte do Contrato. Desde a disposição dos quadros e das reportagens, seus conteúdos, seus tempos, as linguagens utilizadas, os entrevistados, os tipos de enquadramento e tudo mais, são a parte que cabe ao *Caminhos da Roça* no Contrato. Ao “cumprir” sua parte o programa sabe que está dando ao telespectador o que ele espera. E o telespectador sabe o que vai encontrar ao assistir ao programa. Isso faz com que se mantenha a fidelidade do público a que é destinado. É como se fosse ler um jornal ou uma revista, em que sabemos onde está o caderno de economia, o editorial, os colunistas, etc. O telespectador sabe quem são os autores das reportagens, sabe onde vão estar as principais matérias, onde estará a música e quanto tempo em média tudo isso dura. O Contrato de Comunicação visa o fazer saber, ou seja, levar informação, e o fazer sentir, captar o espectador por meio de estratégias e dispositivos de sedução. Tudo é um jogo de comunicação e de práticas sociais estabelecidas pelos indivíduos que vivem em sociedade. No Contrato estão também as Leis do Discurso (informatividade, exaustividade e modalidade) que visam o bom comportamento dos interlocutores e os princípios básicos de cooperação, de pertinência e de sinceridade. Inclui ainda as Máximas descritas de Grice (Quantidade; Qualidade; Relação e Maneira). Todas essas “regras” de comunicação estão presentes diariamente na vida em sociedade e também pode ser constatada entre humanos e veículos de comunicação.

Entendemos que *Caminhos da Roça* tem contribuído para a divulgação da ciência no que se refere ao contexto C&T-rural-regional, colaborando para a formação do cidadão do campo e sua construção de conhecimento na área da pesquisa científica e conhecimento de novas tecnologias aplicadas ao campo. Concluimos com as palavras de Einstein quando disse que é da maior importância que seja dada ao público em geral a oportunidade de entrar em

contato conscienciosa e inteligentemente com os esforços e os resultados da pesquisa científica (KRIEGHBAUM, 1967, p. 14-15). Não é suficiente que cada resultado seja apreendido, elaborado e aplicado por uns poucos especialistas no campo. Restringir a parte principal do conhecimento a um pequeno grupo enfraquece o espírito filosófico e conduz à pobreza espiritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos ao longo do trabalho, Ciência e Tecnologia fazem parte da vida em sociedade e têm sido um dos pilares do desenvolvimento do nosso país e o interior do Estado de São Paulo está ligado a isso. O que prova esta afirmação são os dados (detalhados na Introdução) que revelaram 55% do total da produção científica sendo proveniente do interior do Estado de São Paulo. Os meios de comunicação, dessa forma, refletem tais interesses e são parte fundamental na hora de prestar contas a sociedade sobre o que está sendo pesquisado. Estes meios de comunicação acabam sendo um canal para que a informação científica chegue aos cidadãos, estejam eles no meio rural ou no meio urbano e cada veículo opta por transmitir a informação científica de determinada maneira. A escolha do *Caminhos da Roça* foi levar a informação científica de forma didática/explicativa e de maneira que essa informação se aplicasse às plantações e às criações mantidas em propriedades rurais. A informação é levada ao meio rural e plantada naquela terra.

Constatamos que a Divulgação de Ciência e de Tecnologia é uma constante no programa televisivo regional *Caminhos da Roça*. Os dados qualitativos observados nesta pesquisa indicaram que para fazer essa divulgação o programa dá voz tanto ao cientista quanto ao cidadão do campo, já que é indispensável que este dê sua opinião e muitas vezes seu testemunho sobre aquilo que está sendo mostrado.

Com os dados analisados, rompe-se com a idéia de imparcialidade e neutralidade dos enunciados. Imparcialidade não é uma constante da ação humana, e por conseqüência, também não o é do discurso jornalístico. Como nenhum discurso é isento de argumentação, também não o é de opinião. Ao avaliar as matérias do *Caminhos da Roça* relacionadas ao tema C&T, o que se percebe é que tanto cientistas quanto jornalistas utilizam estratégias para levar ao telespectador uma clara compreensão dos assuntos abordados e muitas vezes tentar convencê-lo de que um instrumento ou um produto que está sendo mostrado são, sem sombra de dúvidas, ótimos negócios, ou “receita de sucesso”, como foi falado na segunda reportagem analisada.

A divulgação científica é uma prática em expansão no cenário rural brasileiro e podemos dizer isso olhando para nosso objeto de estudo, que cada vez mais inclui divulgação de pesquisas no conteúdo do programa - que não é focado nessa divulgação e que reserva muito do seu tempo para música e culinária. Ou seja, a divulgação científica divide espaço com entretenimento, mas ao mesmo tempo ganha cada vez mais espaço. Os meios de

comunicação acabam por desempenhar um papel quase que educativo e a TV está entre eles. Não consideramos que *Caminhos da Roça* quer educar, mas sim levar soluções ao campo fazendo do discurso tecnológico um instrumento para divulgar e se fazer compreender.

A tendência das matérias de C&T do *Caminhos da Roça* no período pesquisado foi de divulgar, em maior número pesquisas das áreas de preservação do meio ambiente, fruticultura e tecnologia. No que tange às imagens, todas elas foram produzidas pela equipe da emissora, seja de Ribeirão, Campinas, São Carlos ou Sul de Minas e caminharam em sintonia com *offs*, sonoras e passagens.

Todas as matérias referem-se a pesquisas científicas brasileiras produzidas dentro do Estado de São Paulo. Não há nenhuma que seja originária de Minas Gerais ou de outro Estado Brasileiro. Fato justificado por ser um programa regional que privilegie pesquisas desenvolvidas nas regiões onde é exibido.

Observa-se que *Caminhos da Roça* exerce um papel unificador das falas que apresenta, na medida em que organiza as diferentes vozes que compõe seus discursos, desde produtores até pesquisadores de maneira que todos se complementem. A análise das matérias permitiu-nos identificar uma tendência a apresentar a informação científica de forma sempre elogiativa, clara e útil, além de acessível. Essa maneira de apresentar a ciência e a tecnologia é fruto da junção que o programa faz das diferentes vozes, entre cientistas, jornalistas e atores populares do discurso que, contribuem para as características do programa e para atrair o público visado por ele.

Caminhos da Roça mostra linearidade na forma de apresentar a ciência e a tecnologia e desde o início demonstrou interesse por esse tipo de informação. As matérias preocuparam-se em facilitar a identificação do telespectador com os fatos apresentados.

A divulgação da ciência foi maior do que inicialmente imaginamos. Muito embora o programa tenha levado ao ar matérias com clara contribuição à divulgação da ciência no campo, elas de fato contribuíram para aproximar a ciência do cidadão e ainda mostraram como ela influencia o cotidiano das pessoas que vivem do campo. A Análise do Discurso como metodologia de trabalho abriu perspectivas de análise que permitiram um olhar diferenciado sobre a linguagem proferida para o meio rural.

As linguagens claras e simples, identificadas em nossa pesquisa, devem ser parte de um esforço contínuo de jornalistas e cientistas na prática da Divulgação Científica, o que não significa empobrecimento do vocabulário ou simplificação. Não é necessário também que se use apenas termos de conhecimento do público, afinal, como já dissemos, o público consegue

compreender as informações científicas se forem bem explicadas. Então, alguns termos científicos poderiam ser usados na hora da divulgação desde que fossem definidos e exemplificados.

Entendemos que *Caminhos da Roça* é de fundamental importância para a divulgação de ciência no meio rural já que este se constitui em um campo abrangente e fértil, principalmente dentro do Estado de São Paulo, onde temos tantas pesquisas e novidades tecnológicas provenientes da ciência. As relações entre televisão e Divulgação Científica voltada para o meio rural revelam uma área repleta de possibilidades de pesquisa, face à importância que essa divulgação tem para a sociedade. A televisão não é apenas um meio poderoso de fazer circular conteúdos, mas possui um poder transformador ainda pouco estudado, pelo menos no que diz respeito ao tripé: C&T, televisão e rural.

Consideramos por fim, que esta análise não se esgota com o final desta pesquisa e outros dados e elementos lingüísticos não foram levantados, bem como os vários recortes que o tema permite pelas limitações impostas pelo tempo e pelo espaço que temos. Porém, cremos ter levantado um amplo material sobre o tema abordado que poderá servir de incentivo para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ALBERGUINI, Audre Cristina. **A Ciência nos Telejornais Brasileiros: O papel educativo e a compreensão pública das matérias de CT&I.** 2007. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

ALVES, Wedencley. **Discurso, Mídia e Ciência: A compreensão discursiva do jornalismo científico.** 2006. Disponível em: <http://www.discursividade.pro.br/No%2001/ling_suj_hist.htm#artigo3>. Acesso em 22 de março de 2006.

ARAÚJO, Juliano José de; DINIZ, Maria Lúcia V. Paiva. Telejornal: a construção da notícia no texto sincrético. *In: Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol. 3, nº 2, dezembro de 2005. Disponível em <<http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/CASA-home.html>> Acesso em 18 de dezembro de 2007.

ARMES, Roy. **On Vídeo: o significado do vídeo nos meios de comunicação.** São Paulo: Summus, 1999.

AUGUSTO, Dimas. Em conversa com a autora, pessoalmente. Ribeirão Preto, 24 de dezembro de 2007.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica.** 3 ed. São Paulo: Ibrasa, 1972.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BAZI, Rogério E. R. **TV Regional: Trajetória e Perspectivas.** Campinas: Editora Alínea, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BORDENAVE, Juan Díaz. Comunicação Rural: discurso e prática. *In: BRAGA, Geraldo Magela; KUNSCH, Margarida M. Krohling (org). Comunicação Rural: discurso e prática – Trabalhos apresentados no XI Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom (2 a 7 de setembro de 1988 : Viçosa).* Viçosa: UFV, 1993.

_____. **O que é comunicação rural?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. et al. **Comunicação e desenvolvimento rural.** São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo (USP), 1972.

BORTOLIERO, S. T. Saberes profissionais compartilhados: o diálogo entre jornalistas e especialistas da saúde na Tv Cultura. In: **Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Intercom. Campo Grande, 2001.

BRASIL, Antônio. **Os truques dos telejornais**. [s/d]. Disponível em <<http://www.comunique-se.com.br/>>. Acesso em 18 de janeiro de 2007.

BORELLI, Sílvia H. Simões e PRIOLLI, Gabriel (coord.). **A Deusa ferida: Por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência**. São Paulo: Summus, 2000.

BRAGA, Geraldo Magela; KUNSCH, Margarida M. Krohling (org). **Comunicação Rural: discurso e prática**. Viçosa: UFV, 1993.

BUCCI, Eugenio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Científico: resgate de uma trajetória. In: **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 30, p.209-220, 1998.

BUENO, Wilson da Costa. **Manuel Calvo Hernando, um exemplo e uma referência**. [s/d]. Disponível em <<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigojorciencialvohernandosabercientifico.htm>> Acesso em 12 de junho de 2006.

BURKE, Peter; PORTER, Roy (org). **Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem**. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CALDAS, Graça. Política de C&T, mídia e sociedade. In: **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 30, p.185-207, 1998.

CALLOU, Ângelo Brás Fernandes; RODRIGUES, Margarita de Cássia Viana. **Estratégias de Comunicação Rural para o Desenvolvimento Local: O Caso do Conselho municipal de Turismo na Cidade do Conde, Bahia**. [s/d]. Disponível em <www.eca.usp.br/.../GT%20%201%20%20gustavo%20cimadevilla/margarita%20rodrigues> . Acesso em 16 de janeiro de 2007.

CAMINHOS DA ROÇA. **Site oficial do programa**. Disponível em: <www.eptv.com/caminhosdaroca>. Acesso em 21 de maio de 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela S.M.Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CORACINI, Maria José. **Uma fazer persuasivo**. Campinas: Pontes, 1991.

COSTA, Flora Inês Matos. **A nobre missão da divulgação científica**. [s/d]. Disponível em <<http://www.zenite.nu/tema/>>. Acesso em 15 de junho de 2006.

DICIONÁRIO de Linguagem Cinematográfica. [s/d]. Disponível em: <<http://www.tvlata.org/node/29>>. Acesso em 28 de dezembro de 2007.

DINIZ, Augusto. **Inclinações da TV Regional.** [s/d]. Disponível em <<http://www.maxpressnet.com.br/noticia.asp?TIPO=PA&SQINF=224153>>. Acesso em 05 de janeiro de 2007.

DUARTE, Joseane Reis. **A Comunicação Rural e suas formas de manifestação.** Bagé/RS. 2003. 67f. TCC (Bacharel em Comunicação Social). Universidade da Região da Campanha, Bagé/RS.

EPSTEIN, Isaac. A comunicação no universo dos cientistas. In: **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 30, p.171-184, 1998.

EPTV 20 anos. São Paulo: Klick, 1998.

EPTV. Site oficial da emissora. Disponível em: <<http://eptv.globo.com/emissora/>>. Acesso em 30 de outubro de 2007.

FAPESP. **Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação em São Paulo - 2004.** São Paulo: Fapesp, 1v. 2004.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. Vozes e sentidos no jornalismo rural: o funcionamento discursivo do telejornal Notícias, do Canal Rural. In: **Revista Comunicação & Política**, vol. VIII, nº 1. janeiro-abril de 2001. Disponível em <<http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/2001-1%20061-074%20%C3%A2ngela%20cristina.pdf>> Acesso em 10 de fevereiro de 2007.

FERRÉS, Joan. **Televisão Subliminar:** socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREITAS, H; CUNHA Jr, M.V.M e MOSCAROLA, J. **Pelo resgate de alguns princípios da análise de conteúdo:** aplicação prática qualitativa em marketing. Angra dos Reis – RJ: Anais do 20º ENANPAD, ANPAD, MARKETING, 23-25 de Setembro 1996.

GILL, Rosalind. BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GONÇALVES, Elizabeth M. A construção do discurso sobre o meio rural: uma análise do programa Globo Rural. In: **Revista Digital Comunicação em Agribusiness & Meio Ambiente** Volume 2, Número 2, Julho de 2005. Disponível em: <<http://www.agricoma.com.br/rev2artigoBethGoncalves.htm>> Acesso em 16 de setembro de 2007.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes. Eliseo Verón: ecletismo e polemica. In: **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 25, p.143-163, 1996.

GOODE, William Josiah; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

GRAZIANO, Xico. **Linguagem do Campo**. 2005. Disponível em:
<<http://www.e-agora.org.br>> . Acesso em 05 de fevereiro de 2007.

GRILLO, S. V. C. Divulgação científica na esfera midiática. In: **Revista Intercâmbio**, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN: 1806-275X, 2006.

HERNANDES, Nilton. **A Mídia e seus truques** - o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público do jornalista. Disponível em
<<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp080520026.htm>> Entrevista de Marina Bueno com Nilton Hernandez - LEITURAS DE VEJA. Acesso em 19 de janeiro de 2007.

HERNANDO, Manuel Calvo. **La divulgación científica y los desafíos del nuevo siglo**. [s/d]. Disponível em
<<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigodivcienalvohernandocongressosp.htm>>. Acesso em 01 de junho de 2006

HERNANDO, Manuel Calvo. **El saber científico y tecnológico se digiere mal**. [s/d]. Disponível em:
<<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigojorciencialvohernandosabercientifico.htm>>. Acesso em 10 de agosto de 2006.

HOINEFF, Nelson. **A nova televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

KNELLER, George F. **A ciência como atividade humana**. RS: Zahar. 1980.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1995.

_____. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

KOVACH, Bill; ROSENTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KRIEGHBAUM, Hillier. **A ciência e os meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, 1967.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005. 270 p.

LEIBRUDER, Ana Paula. Discurso de Divulgação Científica. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gêneros do Discurso na Escola**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEONE, Eduardo; MOURÃO, Maria D. **Cinema e montagem**. 2a. ed. São Paulo: Ática. 1993.

LOPES, Debora Cristina; DITTRICH, Ivo José. **Identidade lingüística: regionalização ou padronização?** [s/d]. Disponível em <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 02 de janeiro de 2007.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

MACHADO, A. R. **O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MANHÃES, Eduardo. Análise do Discurso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. A ação dos verbos introdutores de opinião. In INTERCOM – **Revista Brasileira de Comunicação**. Ano XVI, no. 64, Janeiro/Junho de 1991, p.74-92.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MASSARANI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: Algumas reflexões sobre a década de 20**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 1998.

MAZIÈRE, Francine. **Análise do discurso: história e práticas**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MCT - Ministério da Ciência e Tecnologia: **Indicadores Nacionais de Ciência e Tecnologia 2002**. Brasília: MCT, 2004. Disponível em <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/2042.html>>. Acesso em 8 de junho de 2007.

MCT - Ministério da Ciência e Tecnologia. **Percepção Pública da Ciência e Tecnologia**. 2007. Brasília: MCT, 2007. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/740.html>> Acesso em 10 de janeiro de 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Universidade Federal de Santa Catarina. 1997. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt> Acesso em 10 de janeiro de 2007.

MEGIDO, José Luiz Tejon; XAVIER, Coriolano. **Marketing & Agribusiness**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**, Campos do Jordão, Editora Mantiqueira, 2003.

MINDLIN, José. **Ciência e tecnologia na globalização**. Revista Scientific American Brasil ed. no. 2. julho de 2002.

_____. **Para além do pessimismo**. Revista Scientific American Brasil ed. no. 8. janeiro de 2003.

MORRIS, Charles. **Signos, Language y Conducta**. Buenos Aires: Losada, 2003.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. O jornalismo como instrumento para a formação de uma cultura científica no país. In: DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octavio; RESENDE, Paulo-Edgar A.; SILVA, Hélio (org). **Desafios da Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Reis de. **Mídia regional: Proximidade e mercado – a TV TEM**. 2006. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=824> Acesso em 12 de março de 2007.

OLIVEIRA, Tânia M. Veludo de. Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. In: **Administração On Line: Prática-Pesquisa-Ensino**, vol 2, número 3, (julho/agosto/setembro - 2001). Disponível em <http://www.fecap.br/adm_online/art23/tania2.htm>. Acesso em 25 de março de 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2ª. ed. rev. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6ª. ed. Campinas/SP: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e leitura**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

_____. **Estrutura da Divulgação Científica**. Disponível em: <http://www.acordeduca.com.br/CD_seminario/Textos/Mesa_Redonda_Dia30/SALA3-EniPORlandi.htm>. Acesso em 22 de março de 2006.

_____. **Interpretação**. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P.; GUIMARÃES Eduardo; TARALLO, Fernando. **Vozes e Contrastes: discurso na cidade e no campo**. São Paulo: Cortez, 1989.

PENA, Felipe. **O repórter de TV foi atropelado**: discurso, mediação e construção da notícia. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 1999. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt> Acesso em 02 de janeiro de 2007.

_____. **A vida é um show**. Celebridades e heróis no espetáculo da mídia. Universidade Estácio de Sá, 2002. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 02 de janeiro de 2007.

PEREIRA, Carmem Rejane Antunes. **O rural televisivo nas apropriações de telespectadoras camponesas**. [s/d]. Disponível em <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 02 de janeiro de 2007.

PERIODISMO educativo y científico. 2. ed. Quito: CIESPAL, 1976.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. Redes Regional e Nacional de Televisão: TV Mirante e TV Globo. In: **Anais do UNESCO** - Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. São Bernardo do Campo - SP . Brasil - 9 a 11 de outubro de 2006 - Universidade Metodista de São Paulo.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

_____. **Comunicação e Discurso**: Introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 2ª ed. 2002.

REDE GLOBO. **Atlas de Cobertura Maranhão**. Rede Globo de Televisão. Disponível em: <<http://sucom.redeglobo.com.br/atlas2004/mapas/br.php>>. Acesso em 5 de novembro de 2007.

REVISTA VEJA. Edição Especial nº 36. Outubro de 2004.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

REZENDE, José Venâncio de. **Construtores do jornalismo econômico**: da cotação do boi ao congelamento dos preços. São Paulo: Ícone, 2005.

RIBEIRO, Maria Rosane (org). **Glossário de Jornalismo**. Disponível em <oglobo.globo.com/quemle/Programa/glossario_de_jornalismo.doc> Acesso em 05 de novembro de 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

SALOMÃO, Virgínia. Rede de televisão e regionalização da produção audiovisual no Brasil: o caso EPTV. In: **Anais do UNESCO** - Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. São Bernardo do Campo - SP. Brasil - 9 a 11 de outubro de 2006 - Universidade Metodista de São Paulo.

SANTOS, José Antônio Monteiro dos. **Comunicação Rural** – as limitações do processo de difusão de inovações para o desenvolvimento da lavoura cacaueteira na Amazônia. 1991. 143 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

SANTOS, Roberto Elísio; LICHT, René Henrique Götz; GIL, Antonio Carlos . **A comunicação regional no contexto da Globalização**: uma reflexão sobre a Região do Grande ABC. 2006. Disponível em <www.imes.edu.br>. Acesso em 05 de dezembro de 2007.

SCHIFFMAN, Leon. G; KANUK, Leslie L. **Comportamento do consumidor**. 6ª ed. São Paulo: LTC, 2000.

SARDENBERG, Ronaldo Mota. Conhecimento para o desenvolvimento. In: **Scientific American Brasil**. Ano 1, no. 1 – Junho de 2002.

SERRA, Paulo. **A televisão e a visibilidade como variável estética**. Universidade da Beira Interior. 2006. Disponível em <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 02 de janeiro de 2007.

SILVA, Giani David. **A polifonia como estratégia argumentativa na construção da informação televisiva**. Disponível em <<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/> > Acesso em 16 de janeiro de 2008.

SILVEIRA, Miguel Ângelo da; CANUT, João Carlos (org). **Estudos de Comunicação rural**. São Paulo: Intercom: Loyola, 1988.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1977.

SOUSA, Cidoval M. A comunicação da Ciência na televisão regional: apontamentos para discussão. In: **Revista Digital Ciência & Comunicação**. v.2, nº 3, dezembro de 2005. Disponível em <<http://www.jornalismocientifico.com.br/rev3artigoCidovalMorais.htm>> Acesso em 15 de dezembro de 2006.

TAVARES, Tina. **O telejornalismo rural na TV regional**: o nosso campo de cada dia. 2006. Disponível em <<http://agricoma.com.br>>. Acesso em 12 de março de 2007.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação social. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Do rural ao urbano, o papel da televisão no São João de Campina Grande/Paraíba/Brasil**. [s/d]. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 02 de janeiro de 2007.

_____. **Globalização e Identidade Cultural**: o impacto da televisão numa comunidade rural paraibana (Nordeste do Brasil). 1999. Disponível em: <https://bocc.ufp.pt/pag/_texto.php?html2=trigueiro-osvaldo-globalizacao-identidade.html>. Acesso em 20 de março de 2007.

TRIVIÑOS, Augusto N. F. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1990;

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um Tecido**. São Leopoldo – RS: Editora Unisinos, 2005.

VIEIRA, Cássio Leite. **Pequeno Manual de Divulgação Científica**: Dicas para Cientistas e divulgadores de Ciência. São Paulo: CCS/USP, 1998.

VILCHES, Lorenzo. **La television** : los efectos del bien y del mal. Barcelona: Paidós, 1996.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia. Os bastidores do telejornalismo**. 2002. 152f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

ZANELLI, José Carlos. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. In: **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 7, n. spe, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 de dezembro de 2006.

ANEXO 1

Protocolo de pesquisa - folha 1

Data de exibição:	Temática:		
Escalada:			
Caráter da reportagem/entrevista:	Informativo	Subjetivo	Opinativo
Local/cidade:			
Duração:			
Atores da reportagem:			
Repórter: <i>nome do repórter</i>	Produtor Rural	Outros	
Houve Externa (Ar-Livre):	Sim	Não	
Ambientação (externa e interna): (ex: Lavoura; Pomar)			
Animação gráfica, tabelas ou gráficos	Sim	Não	
Pesquisador participa?	Sim	Não	
Duração da participação:			
Instituições de pesquisa (<i>laboratórios ou universidades</i>) aparecem?	Sim	Não	
Quais:			
Participam fontes testemunhais?	Sim	Não	
Participam Produtores Rurais?			
Participam outras fontes? Quais?			
Tipos de discursos observados: (ex: jornalístico, didático, tecnológico, científico)			
Enquadramentos			
Plano Geral	Plano Conjunto	Plano Subjetivo	Grua
Plano Próximo (<i>close</i>)	<i>Travelling</i>	Primeiro Plano	Plano Médio
Detalhe	<i>Zoom</i>	Panorâmica	
Plano Americano	Fora de Campo	Ângulo Alto	Ângulo Baixo
Contra Campo			

ANEXO 2**Protocolo de pesquisa - folha 2: Principais elementos argumentativos das falas.**

Título/Escalada:
Fala do repórter:
Fala do Pesquisador:
Fala da Fonte Testemunhal:
Outras informações relevantes:

ANEXO 3

Reportagem 1

Data: 21/01/06

Assunto: Aparelho para Agrotóxicos

Tempo da Matéria: 3'53"41

Cabeça:

Estamos de Volta. O Instituto Agronômico de Campinas desenvolveu um modelo de pulverizador que facilita, e muito, a vida de quem lida com a terra. O equipamento é simples de ser montado, tem baixo custo e aumenta a segurança do trabalhador.

Off 1:

A cada dez dias Durvalino percorre os dois hectares da propriedade para pulverizar as hortaliças. A rotina é cumprida para evitar que folhas sejam atacadas pelas pragas, mas ele sempre se protege antes.

Sonora 1: Durvalino Tressino (produtor de hortaliças)

Ah, incomoda, né? A pressão do ar mesmo não tem como retirar totalmente o cheiro, né? Que pode entrar por baixo, né? da máscara.

Off 2:

Em algumas culturas o produtor chega a se expor, por hora de trabalho, a três litros de calda, que é a mistura de água com agrotóxico.

Sonora 2: Hamilton Ramos (Pesquisador do IAC)

Quando se usa o equipamento padrão de tratamento de hortaliças, que é o semi-estacionário, que é essa mangueira com aquela caneta com aquela laça, o aplicador ele vai muito próximo ao bico de pulverização e cortando a nuvem ele passa por onde ele já pulverizou. Isso faz com que ele tenha uma exposição na região das pernas e dos pés muito elevada.

Off 3:

Uma pesquisa feita com dois mil produtores do Estado de São Paulo mostrou que pelo menos 8% deles já procuraram atendimento médico por problemas provocados pelos agrotóxicos. De acordo com o pesquisador, 70 por cento dos aplicadores do Estado têm apenas o primeiro grau, nunca receberam treinamento e aprenderam a trabalhar com outro agricultor ou com a família.

Passagem: Repórter Cristina Maia – Sumaré/SP

O Hamilton é pesquisador científico do Instituto Agronômico de Campinas, especialista em tecnologia de aplicação de agrotóxicos. Há 22 anos ele trabalha com a segurança do trabalhador rural. Desde 2003 desenvolve um equipamento para a aplicação de defensivos agrícolas com menos risco para o produtor.

Off 4:

O protótipo do pulverizador já foi testado no campo e deu bons resultados nas plantações de morango, tomate e vagem.

Sonora 3: Hamilton Ramos

Nós conseguimos uma redução do volume de calda de até 60 por cento em relação à que o agricultor utilizava só trabalhando com esse equipamento. Com outra vantagem também: a quantidade de produto chegando no corpo dele reduziu em mais de 90 por cento.

Off 5:

O equipamento pode ser usado no sistema de mangueira ou com bomba, que é acionada pela roda.

Sonora 4: Hamilton Ramos

A idéia dele é tirar o peso que você tem da caneta que, ao longo do dia aquilo vai te cansando e você só vai empurrar.

Off 6:

A grande novidade é a proteção dos bicos com um filó tratado com hidro-repelente.

Sonora 5: Hamilton Ramos

Primeiro: que não te tira a visão do bico. Se tiver alguma ponta entupida você consegue enxergar de lá que essa ponta tá entupida. Segundo: como isso aqui vai bem pertinho do alface, ou vai bem pertinho da cultura, um vento que bater aqui não permite a perda do produto.

Off 7:

Além de mais seguro, o equipamento também é mais econômico. Reduz o tempo de trabalho pela metade e otimiza a aplicação.

Sonora 6: Hamilton Ramos

Na sua lança são quatro pontas, né? Aqui são sete só que você pode trabalhar com pontas de menor vazão do que você já trabalha na sua. Você pode trabalhar, por exemplo, vou trabalhar com um tomate, que que eu faço? Eu abaixo essa barra aqui embaixo e trabalho com ela assim, ó. Vou trabalhar com um canteiro, não, então o que que eu faço? Eu vou encurtar ao máximo ela e trabalho com ela plana.

Off 8:

Depois de todas as explicações Durvalino resolve testar o equipamento. Basta uma voltinha para ele perceber a diferença.

Sonora 7: Durvalino Tressino

Não foi difícil não. Primeira vez até que foi bem. A gente fica bem distante né, então já dá mais segurança pra quem tá aplicando.

Sonora 8: Hamilton Ramos

Desde o começo qual era nosso objetivo? Fazer um pulverizador pra hortaliça que fosse fácil de operar e que fosse de baixo custo. Então se você olhar o que tem aqui, basicamente qualquer oficina na cidade aqui consegue fazer um equipamento desse pra você.

Sonora 9: Durvalino Tressino

Ele é bem viável, viu? Eu gostei do equipamento.

Repórter (não está em off) diz:

Aprovou?

Sonora 10:

Aprovou!

Nota Pé:

E se você quiser mais informações sobre como montar este equipamento é só mandar uma mensagem pela Internet para o e-mail que está aparecendo aí no seu vídeo, ou então mandar uma carta para caixa postal 26, cep 13 mil 021 traçinho 970. Repetindo: caixa postal 26, cep 13 mil 021 traço 970, Jundiaí, São Paulo.

ANEXO 4

Reportagem 2

Data: 25/02/06

Assunto: Pecuária Leiteira

Tempo da Matéria: 5"15"06

Cabeça:

Estamos de volta. Organização, reduzir o custo e aumentar a produtividade. Esta parece ser a receita de todo negócio bem sucedido. Receita que está sendo seguida a risca através de um programa que beneficia centena de produtores rurais do estado de São Paulo.

Off 1: Há três anos seu Vitório mudou o trato com os animais.

Sonora: Vitório José dos Reis (Pecuarista)

Antigamente a gente não tinha, como eu vou falar, um conhecimento, né? Hoje a gente tá mais...tem um conhecimento melhor, viu. Com a nova tecnologia, conseguindo os exames do gado. Isso é importante, né? No rebanho. de Brucelose, tuberculose.

Off 2:

Ele entrou num programa desenvolvido pela Secretaria da Agricultura e pela Embrapa que visa aumentar a produtividade e baixar o custo de produção, melhorar a renda e diminuir o êxodo rural. Na maioria das 80 mil propriedades produtoras de leite do estado de São Paulo a família trabalha junta e utiliza pastagem extensiva como principal fonte de alimento para o gado, por ser mais barata. As mudanças propostas pelo programa começam justamente por aqui, pelo pasto. Mas o primeiro passo foi o planejamento.

Sonora: Rodrigo da Silva Binoti (Engenheiro Agrônomo)

A gente fez o mapeamento da área, tá? Da área toda da propriedade. Identificou com ele a área onde seria iniciado o primeiro sistema, tá? E a partir daí foram feitas análises de solo, tá? O preparo do solo, adubação, as correções, o semeio da forragem, tá? E após, a divisão da área em piquetes, certo? Basicamente a formação no início é esse. E com relação ao rebanho ele fez o exame de todos os animais. Os animais que por ventura apresentarem problemas de brucelose, tuberculose, seriam descartados.

Off 3:

Para produzir mais e melhor o gado precisa de uma boa alimentação. Para isso o pasto sem manejo foi substituído por outro formado principalmente por capim mombaça e dividido em piquetes.

Sonora: Vitório José dos Reis (Pecuarista)

Toda tarde nós colocamos no piquete. Posa a noite, né? Outra tarde seguida vem no outro piquete e vamos descendo, passando, né? E quando chegar no último, lá embaixo, aqui em cima já tá bom pra cobrir de novo, outra vez. Então é um pasto rotacionado. E é o seguinte, conforme o gado vai saindo a gente vai fazendo a adubação atrás.

Off 4:

Assim o gado tem sempre um pasto de boa qualidade. Na seca a alimentação é reforçada com cana-de-açúcar, plantada aqui mesmo, misturada à uréia. Aqui todos os dias eles colocam sal no coxo.

Sonora: Jandira dos Reis (Pecuarista)

Faz o complemento pra alimentação do gado, das vacas, pra elas ficá mais fértil.

Off 5:

O resultado vem na melhor produtividade. Além disso, a família passou a controlar tudo que entra e sai da propriedade.

Sonora: Márcio José dos Reis (Pecuarista)

Hoje temo uma pasta de despesa, temo uma pasta de leite vendido, tem uma pesagem dos bezerros, temo as pasta de nascimento, temo as pasta de cobertura e temo a pasta de controle reprodutivo de cada vaca e já temos a pasta das novilhas já que vão ser futuramente as nossas vacas no rancho. Antes não tinha nada disso daqui. Era tudo na cabeça já e logo já esquecia, né?. Agora hoje não. Hoje ta tudo anotadinho. Temo um controle hoje mensal, né? Receita e despesa e quando o ano termina a gente faz o balanço anual.

Off 6:

Há uma pasta também para anotar a quantidade de chuva e a temperatura diária.

Sonora: Rodrigo da Silva Binoti (Engenheiro Agrônomo)

Esses dados irão auxiliá-lo no momento de fazer os tratos culturais na pastagem, ta? As correções, a correção da fertilidade do solo, ta? E também o momento de entrada dos animais no sistema e o momento de saída.

Off 7:

A família avançou também em tecnologia. Investiu num equipamento para manter o leite resfriado e sem acidez.

Sonora: Márcio José dos Reis

Dentro do tanque de expansão é um leite de maior qualidade, onde deixa o grau do leite no pedido pelas firma, né? De 3 a 4 grau e onde pode ter o recurso de coletar de 2 a 3 dias.

Off 8:

E os planos não param por aí.

Sonora: Márcio José dos Reis

Em 2006 temos esperança de colocar uma sala de ordenha, fazer uma sala de ordenha onde vai um equipamento direto da vaca já vem pra dentro do tanque de expansão.

Off 9:

O custo para iniciar o sistema é relativamente baixo e diluído ao longo do processo.

Passagem: Cristina Maia - Socorro/SP

Os resultados só começam a ser vistos depois de um ano. Hoje são 104 propriedades de 102 municípios paulistas envolvidos no projeto que dá assistência a 500 produtores.

Off 10:

José Carlos interrompeu a produção por cinco anos e agora está voltando sob assistência do projeto. Nove de suas dez vacas estão em lactação. Uma produção diária de 120 litros. Para isso bastam sete mil metros quadrados de área.

Sonora: José Carlos de Faria (Pecuarista)

Aproveita mais né? o terreno, a gente tem uma pastagem de mais qualidade, né? O pasto que a vaca tá sempre se alimentando num pasto mais novo que é um pasto por dia, no caso, né?

Off 11:

Ele conseguiu reduzir o custo em 40 por cento e também adotou a divisão dos piquetes por cerca elétrica.

Sonora: José Carlos de Faria (Pecuarista)

Barateia bem o custo, né? Que não tem o morão, o arame farpado, no caso ficaria muito mais caro.

ANEXO 5

Reportagem 3

Data: 20/05/06

Assunto: Doença de Tangerinas

Tempo da Matéria: 3'21"96

Cabeça:

Pesquisadores do Centro de Citricultura de Cordeirópolis estão divulgando as vantagens de duas variedades de tangerina. A principal qualidade delas é a resistência a uma grave doença que vem comprometendo a produtividade nos pomares.

Off 1:

A família Zanetti cultiva tangerina há 38 anos e nunca tinha visto algo parecido.

Sonora: José Zanetti Jr. (produtor de tangerinas)

Foi como se tivesse passado um lança-chamas na planta. Secaram todas vegetações, as plantações. Não sobrou nada.

Off 2:

Os primeiros sintomas foram estas lesões na casca da tangerina. O pomar foi atingido pela mancha marrom da alternaria. Doença causada por um fungo que produz uma toxina específica para tangerinas. O pomar de ponkan não foi contaminado, mas quase toda produção de murcote foi perdida.

Sonora: José Zanetti Jr.

Você perde a produção daquele ano se não for controlado na hora certa.

Off 3:

O produtor de Araras esperava colher 30 mil caixas desta variedade, mas restaram apenas duas mil.

Passagem: Cristina Maia – Cordeirópolis/SP

A alternaria chegou em São Paulo em 2003 e já atingiu pomares de tangerina em todas as regiões do Estado. A única forma de prevenir perdas até agora é com pulverizações que podem chegar até dez por safra. Uma a cada 30 dias. Uma grande elevação do custo que acaba inviabilizando o plantio.

Off 4:

Só nesta safra José Zanetti pulverizou o pomar cinco vezes. Mesmo assim a doença deixou seqüelas na fruta.

Sonora: José Zanetti Jr. (produtor de tangerinas)

Frutas com um padrão de qualidade inferior porque são frutas com algumas lesões que perde o valor delas.

Off 5:

Pesquisadores do Instituto Agrônomo de Campinas apresentaram ao produtor algumas alternativas. Há dois anos eles estudam no banco genético do Centro de Citricultura de Cordeirópolis uma solução para a alternaria. Entre as 1.700 variedades de *citrus* vindas do mundo inteiro, 350 são de tangerina. Entre elas foram encontradas duas resistentes à alternaria. Uma é a *Fremont*, um híbrido desenvolvido nos Estados Unidos resultado do cruzamento da Clementina com a ponkan.

Sonora: Rose Mary Pio (pesquisadora do IAC)

Ela tem característica bastante interessantes. O porte pequeno que possibilita um adensamento de plantio. Nós conseguimos plantar até 580 plantas por hectare. Uma produtividade muito boa, como você pode ver. Ela tem características de qualidade de fruta bastante importantes, com um equilíbrio muito bom de sabor, né?

Off 6:

Ela explica que a *Fremont* floresce duas vezes por ano.

Sonora: Rose Mary Pio (pesquisadora do IAC)

Normalmente ela fica boa pra colheita ah,... final de maio, começo de junho, mas ela se mantém na planta três meses. Isso então facilita para que vocês produtores consigam colhê-la mais, por um período bem maior.

Off 7:

A outra variedade é a *Thomas*, vinda da África do Sul. A produtividade dela fica em torno de 120 quilos por planta.

Sonora: Fernando Azevedo (pesquisador do IAC)

O porte da planta é bastante avantajado. É um porte bem grande, né? Uma planta bem alta. Diferente da *Fremont*, como a gente viu agora pouco né? Então os plantios não podem ser muito adensados, tem que ser plantios com espaçamento mais largo, né. Daí dá pra plantar até 400 plantas por hectare. Daria por volta de 50 toneladas por hectare, que é uma produção muito boa.

Off 8:

Um fruto dessa variedade é precoce como o da murcote e é mais firme. Uma boa opção para quem quer exportar a tangerina. Nos dois casos cada muda demora em média dois anos para produzir.

Sonora: Rose Mary Pio

E é uma alternativa interessante pra que ele possa ficar no mercado com uma variedade de tangerina.

Repórter (não está em off) diz:

E continuar competitivo?

Sonora: Rose Mary Pio

E continuar competitivo.

ANEXO 6

Reportagem 4

Data: 08/07/06

Assunto: Tipos de Irrigação

Tempo da Matéria: 4'21"73

Cabeça:

Estamos de volta e agora vamos falar sobre irrigação. Qual a técnica mais indicada considerando eficácia e economia de água? Pesquisadores do Instituto Agronômico de Campinas fizeram o teste e apresentam o resultado.

Off 1:

Compare os sistemas de irrigação. Um é o convencional com os chamados aspersores de água, o outro é por gotejamento. A técnica tradicional libera até seis mil litros de água por hora. Na canalização cada gotejador interno, distantes 30 centímetros um do outro, molha a terra com cinco litros de água a cada hora. De acordo com pesquisas do IAC, Instituto Agronômico de Campinas, realizadas em culturas de couve-flor e brócolis em propriedades na região de Monte Alegre do Sul, o método mais conhecido, além de desperdiçar água, molha o que não é necessário como o mato e muitos pontos deixam de ser irrigados.

Sonora: Wilson Tivelli (pesquisador do IAC)

No sistema convencional que o produtor utiliza pra produção de hortaliças, que é o sistema por aspersão, cerca de 20 por cento da água que é colocada no sistema, ela se perde por evaporação antes de chegar á planta, antes de chegar ao solo. Com o sistema de gotejo nós conseguimos colocar 100 por cento dessa água aonde ela precisa estar.

Sonora: Eliseu Fagundes Ataídes (produtor de hortaliças)

Desvantagem é na hora de colher, que às veiz a gente acaba cortando as mangueira, mas a gente pode facilitar tirando as mangueira, né? na hora de colher, ou na hora do plantio afastar um pouco, né? do pé, e pra gente quando for cortar, não precisar cortar a mangueira.

Passagem: Edilaine Garcia – Pedra bela/SP

Uma outra técnica em que há menor vazão de água e melhor aproveitamento porque não sofre ação dos ventos é a chamada micro aspersão, diferente do sistema convencional que você acabou de ver. A canalização foca suspensa e pequenos esguichos como este, espalham a água pela terra, até 50 litros por hora. O sistema convencional chega a liberar seis mil litros de água por hora e esta técnica só não está sendo usada agora porque o seu Eliseu prepara a terra para o próximo plantio.

Sonora: Eliseu Fagundes Ataídes

Nós vamo plantá milho. É um sistema que a gente faz de rotatividade de cultura, né? A gente planta o couve-flor, o repolho, depois a gente volta, planta o milho, depois vem planta abobrinha, e assim por diante.

Repórter (não está em off) diz:

Em tudo o senhor vai usar essa técnica

Sonora: Eliseu Fagundes Ataídes

Vou usar essa técnica

Sonora: Wilson Tivelli

O produtor tem que levar em conta que com a utilização do gotejo ou da microaspersão ele vai ter uma grande economia de energia no sistema de bombeamento quer seja o do óleo diesel, quer seja da energia elétrica. Ele vai conseguir também economizar em mão de obra. Por exemplo, ele pode utilizar o sistema de gotejo para fazer a distribuição do adubo via ferti-irrigação, ou seja, levar o adubo à planta junto com a água de irrigação.

Off 2:

As duas técnicas são usadas a cerca de 30 anos em regiões desérticas do sul da Espanha e Israel. No Brasil a irrigação mais econômica pode atrair o produtor porque o uso da água vai ser cobrado.

Sonora: Wilson Tivelli

Com a aprovação da Lei 12.183 os produtores passarão a pagar pelo uso da água já a partir de janeiro de 2010.

Off 3

Para evitar ainda mais desperdícios o IAC tem divulgado também este aparelho, o tenciômetro. Um é colocado no solo com 20 centímetros de profundidade, o outro com 40 centímetros. Dois dias depois o produtor deve observar o ponteiro. Se estiver próximo do zero o solo está irrigado. A aparência de verduras murchas não significa que precisam de água, mas é resultado da ação do sol. A terra já pode estar molhada o suficiente para a planta se desenvolver. Entre menos zero ponto seis e menos zero ponto sete a irrigação é necessária.

Sonora: Wilson Tivelli

O produtor hoje encontra no mercado uma série de opções de tenciômetro, desde equipamentos mais baratos na faixa de 30 reais até equipamentos acima de 100 reais, tá? Então a hora que você coloca a economia que ele tem de óleo diesel para trocar uma bomba, ou a economia de energia, o tenciômetro ele se paga na primeira safra.

Sonora: Eliseu Fagundes Ataídes

Eu acho que tá compensando sim. Ele economiza bastante água, molha muito bem, né, e não danifica as plantas, principalmente quando ela está no transplante, né? Eu acho muito bom esse sistema.

ANEXO 7

Reportagem 5

Data: 07/10/06

Assunto: Biodigestores em áreas rurais

Tempo da Matéria: 3'01"13

Cabeça:

Estamos de volta. A tecnologia que impulsiona a produtividade também ajuda a preservar a natureza. Agricultores investem em biodigestores para tratar resíduos e conservar o ambiente.

Off 1:

Eficiência econômica e preservação ambiental. Em busca desses resultados essa fazenda em Colina no norte paulista implantou um biodigestor, equipamento que permite o reaproveitamento de resíduos para geração de energia. Todo esterco produzido pelos 10 mil suínos é levado até a máquina que transforma o material em gás metano. O próximo passo é usar o biogás como substituto da eletricidade, o que deve significar uma economia de seis mil reais por mês com a conta de Luz.

Sonora: Mário Antônio Angelícola (engenheiro civil)

Esse gás pode ser utilizado no aquecimento de água, nas cozinhas domiciliares, nas cozinhas industriais, pra aquecimento de animais.

Off 2:

O processo ainda traz outra vantagem: a água escura que sobra da transformação é rica em nitrogênio, fósforo e potássio, por isso serve de adubo orgânico para as plantações.

Sonora: Mário Antônio Angelícola

Hoje nos temos uma qualidade de líquido para irrigação muito melhor, não temos cheiro, não poluímos o meio ambiente.

Passagem: José Vantini Junior – Colina/SP

O biodigestor também pode ser fonte de renda. Este projeto aqui em Colina foi pago por uma empresa canadense. Isso pq fontes de energia limpa como essa, podem ser negociadas com outros países através do protocolo de Kyoto.

Off 3:

O acordo de Kyoto foi firmado em 1997 e prevê a redução nas emissões de poluentes em todo o mundo. Assim nasceu o mercado de créditos de carbono. Através dele, os países mais desenvolvidos podem patrocinar projetos de energia limpa nos países em desenvolvimento.

Sonora: Mário Antônio Angelícola

Empresa canadense tem interesse principal no crédito de carbono. O crédito de carbono é uma moeda de negócio hoje a nível mundial. Os países mais desenvolvidos não conseguem ter esse crédito então eles compram esse crédito. Essa empresa canadense que fez esse projeto com a gente vai negociar os créditos numa bolsa apropriada e nós temos uma participação na venda desse crédito.

Off 4:

Sônia é doutora em administração e gestão ambiental pela USP de Ribeirão Preto e diz que a tecnologia pode ser usada por qualquer agricultor.

Sonora: Sônia Borges de Oliveira (professora da USP)

Esse metano é um excelente combustível, você pode usar pra fazer aquecimento de água, pra usar no fogão, geladeira a gás, chocadeira.

Off 5:

Esta propriedade em Cravinhos na região de ribeirão tem 500 animais entre gado de leite, de corte e cavalos. A especialista visitou a fazenda para orientar o administrador sobre como aproveitar o esterco produzido pela criação. Segundo ela, o custo de implantação varia de acordo com o tamanho da propriedade e as características do projeto.

Sonora: Sônia Borges de Oliveira

Ele tem biodigestores para pequenas propriedades rurais que podem custar dez a 15 mil reais, ou se for uma propriedade já média, assim 80 mil reais ou até 400 mil reais se for uma grande propriedade.

Sonora: Anísio Rodrigues de Paula (administrador da fazenda)

Achei interessante, quero aprender mais a respeito e de repente fazer aqui na propriedade.

ANEXO 8

Reportagem 6

Data: 25/11/06

Assunto: Fossas Biodigestoras

Tempo da Matéria: 2'46"47

Cabeça:

Estamos de volta para falar de uma medida simples, barata e ecologicamente correta. A substituição da fossa tradicional pela fossa biodigestora. No Estado de São Paulo existe um incentivo para investir nessa nova tecnologia. Os produtores rurais podem receber 90% do dinheiro gasto com o equipamento

Off 1:

O projeto desenvolvido pela Embrapa Instrumentação Agropecuária em São Carlos se espalhou pelo país, mas os moradores deste assentamento no município vizinho de Ibaté ainda não conheciam.

Passagem: Fábio Ventura – Ibaté/SP

Aqui vivem 30 famílias, aproximadamente 150 pessoas. Não há sistema de coleta de esgoto. Cada casa tem uma fossa e a suspeita é de que os dejetos estejam contaminando o lençol freático, a água que abastece o assentamento. Doenças como diarreia fazem parte da rotina dos moradores

Sonora: Edeval Pereira Aguiar (assentado).

Dor de barriga, dor de cabeça. Inclusive o pessoal tem gente comprando água de fora pra beber porque não quer tomar essa água daqui

Off 2:

A fossa biodigestora substitui a fossa comum com vantagens. Diminui os riscos à saúde e os gastos com insumos. Com uma maquete o pesquisador da Embrapa mostra como funciona o sistema

Sonora: Antônio Novaes (consultor da Embrapa)

Ela é composta de três caixas de fibra de cimento ou de fibra de vidro. Nós ligamos o vaso sanitário na primeira caixa, tá? e uma vez por mês nós colocamos um balde de 10 litros de esterco bovino diluído e é o esterco bovino que faz a digestão desse material que cai aqui dentro. Ele passa pra segunda câmara e continua sendo digerido. Quando ele cai na terceira caixa ele já é um adubo orgânico isento de cheiro e isento de germes patogênicos. Pode ser usado pra adubação de pomar, diversas atividades agrícolas.

Off 3:

O investimento é de 800 reais se o produtor fizer parte de um programa de microbacias, CAT I, Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, cobre até 90% dos custos.

Sonora: João Vivarelli (dir. regional da CATI)

Se dirige à casa da agricultura, né? Leva os orçamentos, né?, ele é...o orçamento mais barato é o que é contemplado, certo? Ele faz todo um projeto, esse projeto é encaminhado para a

regional. Nos analisamos, mandamos pra Campinas e se tiver tudo certo a documentação, dentro de 15 a 20 dias o produtor recebe essa subvenção.

Sonora: Élide Reis (produtor Rural)

Por duas fossas eu gastei na base de uns mil quatrocentos e poucos reais Do meu bolso saiu 160.

Off 4:

Até o fim do ano devem ser construídas 400 fossas na região de São João da Boa Vista. Dez delas já foram instaladas em casas da comunidade da microbacia do Córrego Arrependido, em Tambaú

Sonora: Élide Reis

É ótimo. Pra quem tem propriedade assim eu aconselho fazer porque funciona.

Off 5:

O entusiasmo de quem aprovou o sistema animou os produtores que ainda não construíram a nova fossa. Seu Aldemir pretende usar a tecnologia no sítio.

Sonora: Aldemir Farias (produtor rural)

Primeiro por conservação do ambiente. Inclusive a própria economia que você tem com adubo a nível de adubar, por ele ser só de litro, adubar culturas permanentes. Eu achei uma excelente idéia

Nota pé:

É bom lembrar que o adubo produzido pela fossa biodigestora Não pode ser usado no cultivo de hortaliças